



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Estudo sobre a Violência entre Parceiros Íntimos LGB:
Impacto da Homofobia Internalizada

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para a
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Bruna Fernandes Fonseca

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
SETEMBRO 2022



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Estudo sobre a Violência entre Parceiros Íntimos LGB:
Impacto da Homofobia Internalizada

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para a
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**

Bruna Fernandes Fonseca

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Ângela Maria
Pereira e Sá Azevedo**

Agradecimentos

À Professora Doutora Ângela Azevedo, minha orientadora, o meu sincero agradecimento por todo o profissionalismo, disponibilidade, companheirismo, exigência, compreensão e acompanhamento ao longo deste caminho. Obrigada, ainda, pela transmissão dos seus conhecimentos durante esta minha fase de dissertação, bem pelo carinho, apoio e compreensão durante esta jornada tão importante.

À minha mãe, Lisete, por todo o apoio, amor, dedicação, paciência incondicional, pelas palavras de motivação e encorajamento. Obrigada por estares sempre presente neste momento tão importante da minha vida. Devo-te tudo. OBRIGADA.

À minha avó, Maria Clara, que apesar de todas as dificuldades, nunca deixou de estar lá para mim, muito obrigada pelo teu carinho, compreensão e amor. O teu ombro amigo será sempre o meu porto seguro. OBRIGADA.

Ao meu avô, Francisco, quero deixar um grande agradecimento, pois graças a ele aprendi a ter força para lutar por todos os meus sonhos, e acima de tudo nunca desistir. Já sou a tua “Dra. Bruna”. OBRIGADA.

Ao meu namorado, João Gil, quero agradecer por toda a paciência, por toda a compreensão, por todo o amor e carinho, e por aguentar algumas vezes o meu desânimo em alturas mais difíceis. Obrigada por seres o meu companheiro de todas as horas, obrigada por me motivares diariamente com os teus incansáveis elogios. Obrigada pela excelente pessoa que me fazes ser todos os dias ao longo deste longo percurso, sozinha seria muito mais difícil.

Quero igualmente agradecer aos pais do meu namorado, Ana Maria e João Luís, que foram também uma grande fonte de apoio e ajuda nesta minha etapa de vida.

Aos meus tios e primos, o meu sincero agradecimento pelas palavras de carinho e apoio.

Por último, agradeço aos professores do curso de Psicologia, pela ajuda, motivação, compreensão e por todos os conhecimentos transmitidos ao longo desta jornada, que em muito me ajudaram.

A todos, o meu mais sincero OBRIGADA.

Resumo

Com o objetivo geral de explorar a relação entre o impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB em jovens adultos e adultos, foi estudada uma amostra de 150 sujeitos, com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos. Os participantes demonstraram ter na sua maioria uma orientação sexual assumida e serem gays ($n = 76$, 50.7%). Os instrumentos para analisar as variáveis principais foram as Escalas de Táticas de Conflito Revisadas e a Escala de Homofobia Internalizada. Os resultados obtidos demonstram uma influência da percepção interna do estigma no abuso físico sem sequelas, o que indica que os participantes que mais perpetuam atos de violência física, são aqueles que apresentam mais internalização da homofobia. Ainda, alguns resultados que se revelaram inovadores, demonstraram que os indivíduos que são bissexuais homens, que têm mais idade e mais escolaridade, são aqueles que mais perpetuam e são vítimas de violência. Por sua vez, os indivíduos com mais escolaridade e que têm como estado civil a categoria de “amigos/as coloridos/as”, são os que internalizam mais a homofobia. Os resultados foram discutidos com base no enquadramento teórico, e concluídos tendo em consideração as suas implicações para a prática psicológica nesta problemática.

Palavras-Chave: Violência; Parceiros Íntimos LGB; Homofobia Internalizada; Jovens adultos e adultos; Perpetração; Vitimização.

Abstract

With the general objective of exploring the relationship between the impact of internalized homophobia on violence between LGB intimate partners in young adults and adults, was studied sample of 150 subjects, aged between 18 and 66 years. The majority of participants showed an assumed sexual orientation and were gay (n = 76, 50.7%). The instruments to analyze the main variables were the Revised Conflict Tactics Scales and the Internalized Homophobia Scale. The results obtained demonstrate an influence of the internal perception of stigma on physical abuse without sequelae, which indicates that the participants who most perpetuate acts of physical violence are those who present more internalization of homophobia. Also, some results that proved to be innovative, showed that individuals who are bisexual men, who are older and more educated, are those who most perpetuate and are victims of violence. In turn, individuals with more schooling and whose marital status is the category of “colored friends” are the ones who internalize homophobia more. The results were discussed based on the theoretical framework and concluded considering the implications for psychological practice in this problem.

Keywords: Violence; LGB intimate partners; Internalized Homophobia; Young adults and adults; Perpetuation; victimization.

Índice

Introdução	11
1. Enquadramento teórico.....	13
1.1 Conceptualização histórica da conjugalidade LGB	13
1.2. Violência entre parceiros íntimos LGB	14
1.2.1. Tipos de violência entre parceiros íntimos LGB.....	16
1.2.2. Fatores de risco e consequências da violência entre parceiros íntimos LGB.....	17
1.3. Conceito de homofobia internalizada	18
1.3.1. O impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB	21
1.4. Estudos sobre as variáveis principais do estudo e as variáveis sociodemográficas... 22	
1.4.1. Estudos sobre a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada	22
1.4.2. Estudos sobre a violência entre parceiros íntimos LGB e as variáveis sociodemográficas	23
1.4.3. Estudos sobre a homofobia internalizada e as variáveis sociodemográficas	28
2. Metodologia.....	30
2.1. Desenho do estudo	30
2.2. Objetivos do estudo.....	30
2.3. Variáveis do estudo.....	30
2.4. Hipóteses do estudo	31
2.5. Caracterização da amostra	32
2.6. Instrumentos de avaliação	34
2.6.1. Questionário sociodemográfico.....	34
2.6.2. Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (Murray, 1996 adaptado para a população portuguesa por Paiva & Figueiredo, 2008).....	34

2.6.3. Escala de homofobia internalizada (Ross & Rosser, 1996 adaptado para a população portuguesa por Pereira & Leal, 2005).....	36
2.7. Procedimentos de recolha de dados	37
3. Resultados e Discussão.....	38
3.1. Descrição da violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada ...	38
3.2. Diferenças na violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual	40
3.3. Diferenças na violência entre parceiros íntimos LGB em função da idade	41
3.4. Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da escolaridade .	44
3.5. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos em função do estado civil	46
3.6. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento	49
3.7. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o <i>coming out</i>	52
3.8. Diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual	54
3.9. Diferenças entre a homofobia internalizada e a idade	54
3.10. Relação entre a homofobia internalizada e a escolaridade	55
3.11. Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil	56
3.12. Diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento	57
3.13. Diferenças entre a homofobia internalizada e o <i>coming out</i>	58
3.14. Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB	58
4. Conclusão	61
Bibliografia.....	66
Anexos.....	83

Índice de anexos

Anexo 1: Cronograma.....	84
Anexo 2: Questionário Sociodemográfico.....	85
Anexo 3: Escalas de Táticas de Conflito Revisadas.....	86
Anexo 4: Escala de homofobia internalizada.....	96
Anexo 5: Análise da normalidade das variáveis.....	102
Anexo 6: Descrição da violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada.....	107
Anexo 7: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual.....	109
Anexo 8: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade.....	111
Anexo 9: Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade.....	112
Anexo 10: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil.....	114
Anexo 11: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento.....	116
Anexo 12: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o <i>coming out</i>	117
Anexo 13: Diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos participantes.....	118
Anexo 14: Diferenças entre a homofobia internalizada e a idade dos participantes.....	118
Anexo 15: Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil.....	119

Anexo 16: Diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento.....	119
Anexo 17: Diferenças entre a homofobia internalizada e o <i>coming out</i>	120
Anexo 18: Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB.....	120

Siglas e Abreviaturas Utilizadas

VPI- Violência entre Parceiros Íntimos

OMS- Organização Mundial de Saúde

LGB- Lésbicas, Gays e Bissexuais

PV- Perpetração da Violência

PNT- Perpetração Negociação Total

PNE- Perpetração Negociação Emocional

PNC- Perpetração Negociação Cognitiva

PAPT- Perpetração Agressão Psicológica Total

PAPL- Perpetração Agressão Psicológica Ligeira

PAPS- Perpetração Agressão Psicológica Severa

PAFSST- Perpetração Agressão Física Sem Sequelas Total

PAFSSL- Perpetração Agressão Física Sem Sequelas Ligeira

PAFSSS- Perpetração Agressão Física Sem Sequelas Severa

PAFCST- Perpetração Agressão Física Com Sequelas Total

PAFCSL- Perpetração Agressão Física Com Sequelas Ligeira

PAFCSS- Perpetração Agressão Física Com Sequelas Severa

PCST- Perpetração Coerção Sexual Total

PCSL- Perpetração Coerção Sexual Ligeira

PCSS- Perpetração Coerção Sexual Severa

VV- Vitimização da Violência

VNT- Vitimização Negociação Total

VNE- Vitimização Negociação Emocional

VNC- Vitimização Negociação Cognitiva

VAPT- Vitimização Agressão Psicológica Total

VAPL- Vitimização Agressão Psicológica Ligeira

VAPS- Vitimização Agressão Psicológica Severa

VAFSST- Vitimização Agressão Física Sem Sequelas Total

VAFSSL- Vitimização Agressão Física Sem Sequelas Ligeira

VAFSSS- Vitimização Agressão Física Sem Sequelas Severa

VAFCST- Vitimização Agressão Física Com Sequelas Total

VAFCSL- Vitimização Agressão Física Com Sequelas Ligeira

VAFCSS- Vitimização Agressão Física Com Sequelas Severa

VCST- Vitimização Coerção Sexual Total

VCSL- Vitimização Coerção Sexual Ligeira

VCSS- Vitimização Coerção Sexual Severa

Introdução

A violência entre parceiros íntimos (VPI) é um conceito que abrange múltiplas faces no fenómeno da violência compreendida nas relações de intimidade. Engloba tanto as relações heterossexuais como as homossexuais e amplia o olhar para as várias formas de se relacionar intimamente, não tendo restrições nos tipos de relacionamentos (Moreira, 2017). Assim, a OMS (2010) define violência entre parceiros íntimos heterossexuais, homossexuais e bissexuais como qualquer comportamento que, cause consequências físicas, psicológicas ou sexuais no/a parceiro/a.

Tradicionalmente, a investigação nesta área incidia na sua grande maioria nas relações de natureza heterossexual, na qual a mulher era identificada como a principal vítima e o homem o que agredia (Barros, Sani & Santos, 2019; Santos & Caridade, 2017). Esta investigação tão centralizada, refletiu-se num menor estudo de outros tipos de relacionamentos, como acontece nas situações de violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo (Cezario, Fonseca, Lopes, & Lourenço, 2015; Santos & Caridade, 2017). Assim, o estudo da violência em casais LGB em Portugal, tem apenas início em 2008 (Barros, 2017).

Ao longo dos anos a homossexualidade foi motivo de punição e de vergonha por todos aqueles que enfrentavam a norma da heterossexualidade, considerando esta como imoral e desviante. Devido a estes estigmas sociais, os indivíduos LGB demonstram uma maior vulnerabilidade para sofrer violência devido a estarem sujeitos ao *stress* das minorias, que corresponde a um *stress* psicossocial que resulta do facto de se pertencer a um grupo minoritário, que pode ser socialmente estigmatizado e marginalizado (Balsam & Szymanski, 2005). De acordo com Balsam e Szymanski (2005), para a comunidade LGB, este *stress* pode ser o resultado de fatores externos, como a discriminação ou crimes de ódio, ou de fatores internos, como a homofobia internalizada. Por sua vez, a internalização da homofobia acontece quando alguns indivíduos LGB sofrem discriminação, acabando por se identificar com as ideias estereotipadas propagadas pela sociedade sobre eles desenvolvendo, assim, um senso de autoestima menor (Li, Cao, Zhou & Koonce, 2019; Souza, Duque, Castro & Mesquita, 2019).

Assim, como o presente trabalho pretende estudar a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada, a investigação destas variáveis torna-se de suma pertinência, pois a violência entre parceiros íntimos LGB é um fenómeno de que ainda pouco se sabe em Portugal, devido à escassez de investigação (Osório, Sani & Soeiro, 2020). Juntando ao facto de que, continua a ser um tema cujos contornos se ignoram em grande medida (Topa, 2009). Assim sendo, a violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo, é um problema

preocupante sobre o qual os investigadores nacionais se devem debruçar, pois como se pode ver na meta análise realizada por Santos (2015) sobre a VPI na população portuguesa, os níveis de prevalência de violência entre parceiros íntimos LGB eram alarmantes, tendo índices de perpetração de 92.3% e de vitimação de 91.7%. Logo, a investigação nesta área é fulcral, uma vez que este é um fenómeno que acarreta consequências nefastas, tanto ao nível físico como ao nível psicológico e ainda social (Osório, 2016; Osório et al., 2020). Também, é necessário salientar que os sujeitos LGB experienciam ainda hoje *stressores* únicos inerentes à sua condição de minoria sexual e social (Carvalho et al., 2011). Apesar de a homossexualidade e bissexualidade ser cada vez mais assumida por estes sujeitos e, por isso mesmo, haver uma maior aceitação social deste fenómeno, é impossível negar que muitas pessoas apresentam ainda atitudes e comportamentos negativos em relação a estas orientações sexuais (Santos, 2015; Yu, Xiao, & Liu, 2013). Isto leva a que as pessoas que se identifiquem como LGB internalizem crenças e noções homofóbicas desajustadas, levando a múltiplas consequências ao nível psicológico, emocional, comportamental, relacional e social. Consequentemente, o debruçar desta investigação na problemática da homofobia internalizada torna-se importante, pois este conceito não tem sido aprofundado na investigação científica, sendo necessário a realização de mais estudos neste âmbito para que esta problemática seja mais reconhecida nas diferentes esferas sociais. Por fim, depois de uma análise exaustiva sobre a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada constatou-se a inexistência de estudos portugueses que retratem somente a relação entre as duas variáveis em conjunto, por isso, é relevante realizar esta investigação, devido à necessidade urgente de aprofundar o conhecimento teórico sobre estas problemáticas, já que apresentam uma dupla invisibilidade de conceitos, constituindo, só por si, uma forte motivação para o estudo deste fenómeno entre pessoas do mesmo sexo.

Através de um cronograma (anexo 1) estabelecido previamente, o presente trabalho é constituído por duas partes distintas em que uma primeira é dedicada ao enquadramento teórico, que pretende conceptualizar e caracterizar as temáticas acima descritas, como a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada, e a segunda é referente à metodologia do estudo, na qual apresenta o desenho do estudo, o objetivo geral e objetivos específicos, as hipóteses e questões de investigação, a descrição da amostra, os instrumentos utilizados e por fim os procedimentos. Posteriormente serão apresentados os resultados obtidos na investigação bem como a discussão dos mesmos, terminando com a conclusão dos aspetos predominantes deste estudo.

1. Enquadramento teórico

O enquadramento teórico diz respeito à revisão da literatura das temáticas abordadas. Primeiramente será descrito o conceito de violência entre parceiros íntimos LGB, procurando descrever e compreender as suas características, seguindo-se a descrição da homofobia internalizada e as suas consequências. Por fim, será apresentado um conjunto de investigações que nos dão informação sobre os resultados dos últimos anos acerca das variáveis principais (violência entre parceiros íntimos LGB e homofobia internalizada) deste estudo e ainda das variáveis sociodemográficas (orientação sexual, idade, escolaridade, estado civil, tempo de relacionamento e o *coming out*).

1.1 Conceptualização histórica da conjugalidade LGB

O comportamento homossexual nem sempre foi visto como erróneo, contrariamente à marca negativa que o tem envolvido nas últimas décadas. Em algumas culturas, a homossexualidade era considerada como um domínio natural da sexualidade humana (Carreira, 2014), na Grécia, por exemplo, as relações sexuais entre jovens e homens mais velhos detinham outra conotação, pois os adolescentes aceitavam a amizade e o amor de outros homens com o intuito de absorver e adquirir os seus conhecimentos (Naphy, 2006 cit in Rodrigues & Boeckel, 2016).

Contudo, é com o surgimento da cultura judaico-cristã que a ideia da homossexualidade como algo antinatural, uma vez que não permitia o desenvolvimento de novas vidas, passou a ser fortemente disseminada pela Igreja Católica durante a Idade Média e considerada como um pecado (Carreiras, 2014; Rodrigues & Boeckel, 2016).

Já no Séc. XIX e início do Séc. XX, a classificação por parte da comunidade médica da homossexualidade como uma patologia, fez originar uma nova onda de hostilidade face aos indivíduos LGB (Alexandre, Lima & Galvão, 2014), sendo que em 1948, a homossexualidade foi identificada como uma psicopatologia na 6ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID). Posteriormente, em 1968, o termo “homossexualidade” foi definido no DSM–II como uma psicopatologia (Lage, 2019). De acordo com Knauer (2011), nas raras ocasiões em que a homossexualidade foi estudada, considerou-se como patológica e, consequentemente, os indivíduos foram considerados doentes, sinistros e/ou patéticos.

Posto isto, foi somente após a segunda metade do Séc. XX que o movimento *gay* começou a ganhar destaque ao reivindicar os seus direitos civis, sendo que após protestos de ativistas em conferências da APA (Associação Americana de Psiquiatria), esta retirou, em 1973,

o *homossexualismo* do seu grupo de psicopatologias (Dunker & Neto, 2011). Posteriormente, em 1990, a OMS aboliu a patologia da homossexualidade também do plano internacional (Gregório, 2015; Vicente, 2015).

Em Portugal, a Revolução de 25 de Abril de 1974 foi considerada um marco no movimento LGB, sendo que dois anos mais tarde, ao aderir à União Europeia, Portugal descriminaliza a homossexualidade, havendo a preocupação de retirar do Código Penal a punição da homossexualidade, revogando, assim, disposições que puniam com medidas de segurança quem se entregasse habitualmente à “prática de vícios contra a natureza” (Lage, 2019), fortalecendo os princípios da igualdade de direitos e de oportunidades (Carreiras, 2014). Também, em 2001, as uniões de facto entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser reconhecidas pela Lei Portuguesa e, em 2010, foi aprovado o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Luz & Gonçalves, 2014).

1.2. Violência entre parceiros íntimos LGB

A violência tem acompanhado a experiência humana ao longo da sua história, como um fenómeno que varia em função de fatores como época, cultura e contexto (Silva, 2018), sendo que a violência entende-se como qualquer forma de agressão, seja ela psicológica, física, socioeconómica e/ou sexual, em que um indivíduo tenta manter o controlo e poder relativamente ao seu(a) parceiro(a) (Osório, 2016).

Uma vez que esta investigação se concentra no construto de violência entre parceiros íntimos, a Organização Mundial de Saúde (2012) define a violência entre parceiros íntimos como qualquer comportamento que ocorra entre dois sujeitos, que estabeleçam entre si uma relação de intimidade, que possa levar a danos psicológicos, físicos ou sexuais, ocorrendo agressões verbais, emocionais, abusos financeiros, bem como comportamentos de controlo, incluindo isolamento, perseguição, restrição de acesso a cuidados de saúde, educação ou emprego (Callan, Corbally & McElvaney, 2020). A violência contra um indivíduo com o qual o agressor conserva ou conservou um relacionamento íntimo, pode ocorrer seja num encontro, num namoro, numa união de facto ou num relacionamento entre homossexuais ou heterossexuais (Matos, 2017). Assim, esta forma de violência desenvolve-se numa dinâmica entre vítima e perpetrador, sendo esta um tipo de abuso em que tanto homens como mulheres podem praticar (Giardina, Caldera & Brustia, 2018), independentemente da idade, sexo, etnia, nível socioeconómico e orientação sexual (Silva, 2018).

Dado que estas dinâmicas de violência podem acontecer em indivíduos do mesmo sexo, os parceiros íntimos LGB constituem-se como duas pessoas que possuem orientação denominada *gay*, lésbica ou bissexual que partilham uma relação de afetividade interpessoal (Domingues, 2015). A violência entre parceiros íntimos do mesmo sexo tem muitas semelhanças com a que ocorre nos casais heterossexuais, podendo ser definida como um padrão comportamental onde um indivíduo exerce poder utilizando determinadas táticas de modo a coagir, dominar ou isolar o parceiro, resultando no controle dos seus pensamentos, crenças e/ou comportamentos (Chong et al., 2013; Flores et al., 2019), através de abusos físicos, emocionais ou sexuais (Cezario et al., 2015; Suarez et al., 2018). Esta violência pode também ocorrer entre os cônjuges ou noutras dinâmicas de relacionamentos íntimos (Osório, 2016), contudo terá algumas especificidades, como é o caso do *outing*, que será descrito no tópico seguinte quando da explicação dos tipos de violência entre parceiros íntimos LGB.

No que concerne à prevalência da problemática da violência entre parceiros íntimos LGB, de forma mais geral, o estudo de Antunes (2016), cujo objetivo foi analisar a prevalência da violência entre parceiros íntimos LGB, constatou que 20.6% dos participantes, que estavam na altura envolvidos numa relação, revelaram terem sido vítimas de atos abusivos e 15.9% admitem terem adotado comportamentos violentos contra o seu companheiro.

Já no estudo de Costa, Machado e Antunes (2011) com uma amostra de sujeitos LGB, perceberam que a prevalência rondava os 35.1% nos participantes que admitiram terem sido vítimas de violência psicológica, 24.5% nos que revelaram terem sido fisicamente agredidos e 3.3% nos que admitiram terem sido vítimas de coerção sexual. Analisando a perpetração de violência, verificou-se que a violência psicológica foi referida com maior frequência (30.5%), seguindo-se o abuso físico (24.5%) e a violência sexual (0.7%) (Souza & Honorato, 2020). Posto isto, percebe-se que a violência psicológica é a mais propagada pelos agressores e também a mais recebida por parte das vítimas.

Discriminando a prevalência da violência entre parceiros íntimos pela orientação sexual, há indicação que entre 42% a 79% da população *gay* é vítima de violência. No que concerne à temática lésbica, as percentagens de incidência de violência sugerem que entre 25% a 50% são vítimas de violência nos seus relacionamentos (Osório et al., 2020). Relativamente aos bissexuais, a prevalência de violência entre parceiros íntimos consta-se em 61,1% para as mulheres bissexuais e 37,3% para os homens bissexuais (Giardina et al., 2018).

1.2.1. Tipos de violência entre parceiros íntimos LGB

As formas de resolução de conflito desajustadas incluem a agressão psicológica, o abuso físico sem sequelas, o abuso físico com sequelas e, finalmente, a coerção sexual (Peixoto, 2016), sendo estes os tipos de violência que serão alvo de estudo nesta investigação.

A violência física caracteriza-se pelo uso intencional de força física, sendo que desse ato pode resultar qualquer tipo de dano, incapacidade ou morte (Antunes, 2016), tendo como objetivo causar dor ou injúria a outrem (Paiva & Figueiredo, 2004) e ainda controlar e subjugar o/a parceiro/a (Osório, 2016). Há variadas formas de manifestação da violência física, como os empurrões, socos, morder, cortes, estrangulamento, queimaduras, lesões por armas ou objetos, obrigar a outra pessoa a ingerir medicamentos desnecessários ou inadequados (Coelho, Silva & Lindner, 2014). Os atos de violência física são classificados, de acordo com a sua gravidade. O abuso físico sem sequelas, corresponde ao uso da força física contra o/a parceiro/a sem resultar em dano maior (Lindner et al., 2015; Silva, 2018), incluindo assim, agressões sem o uso de instrumentos perfurantes, cortantes ou que causem contusões. Já abuso físico com sequelas, caracteriza-se pela existência de dor prolongada por mais de um dia ou lesão de ossos e tecidos, agressões físicas que causem lesões temporárias, ameaças com arma, lesões de caráter permanente ou queimaduras (Coelho et al., 2014).

Por sua vez, a violência psicológica pode ser definida como um padrão de comunicação verbal ou não-verbal, que tem como intuito causar sofrimento psicológico na outra pessoa, ou que é percebido por esta como tendo essa intenção (Baptista, 2016), sendo que o objetivo é o de aterrorizar, rejeitar, humilhar, restringir a liberdade ou isolar a vítima do convívio social (Coelho et al., 2014). Este tipo de violência manifesta-se de formas diversificadas, como, manipulação, ironia, chantagem, desvalorização (Silva, 2018), ameaças, inferiorizar, intimidar e provocar culpa na vítima (Antunes, 2016). Nesta categoria, insere-se ainda um conceito, caracterizado também como um tipo de abuso psicológico, específico dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, o *outing*, que corresponde à ameaça de revelação da orientação sexual do(a) parceiro(a) a indivíduos do seu círculo pessoal (Osório, 2016). Este tipo de violência consiste numa estratégia de controlo e intimidação usada pelo/a agressor/a, caso a vítima tente abandonar a relação (Costa, Machado & Antunes, 2006).

Por fim, a violência/coerção sexual pode ser definida como qualquer situação em que uma pessoa usa meios verbais ou físicos (Baptista, 2016) com a finalidade de forçar o(a) parceiro(a) a envolver-se em atividades sexuais não consentidas (Osório, 2016). Aqui, o/a agressor/a aplica atos coercivos como a insistência, a ameaça (Paiva & Figueiredo, 2004), a

intimidação (Silva, 2018) e o uso da força física, para posteriormente conseguir estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual, para práticas eróticas ou pornográficas (Coelho et al., 2014), induzir a vítima a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, impedi-la de usar qualquer método contraceptivo, incentivar a prostituição ou limitar/anular o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (Júnior, 2018).

1.2.2. Fatores de risco e consequências da violência entre parceiros íntimos LGB

Os fatores de risco da violência nos relacionamentos íntimos LGB podem caracterizar-se, pela homofobia internalizada, o heterossexismo, o diagnóstico positivo de VIH e a idade precoce (Osório, 2016). Ainda neste âmbito, existe uma particularidade inerente somente à população homossexual, entendida através do quadro de *stress* de minorias (Meyer, 2003), sendo que este provoca nos sujeitos comportamentos de ocultação de identidade e confusão, rejeição, vitimização, discriminação e estigmatização (Decker, Littleton & Edwards, 2018).

Do ponto de vista do/a agressor/a, os fatores de risco que podem influenciar a prática violenta e a perpetração da mesma são, a baixa autoestima (Alencar, Ramos & Ramos, 2018), depressão, historial de agressão e violência, insegurança, comportamentos manipulativos, necessidade de controlar, fracas capacidades de comunicação (Osório, 2016), personalidade imatura e impulsiva, baixo autocontrolo e tolerância, expetativas irrealistas, vulnerabilidade ao *stress*, doença física, existência de psicopatologia, dependência de álcool e/ou drogas, indiferença ou ansiedade quanto às responsabilidades, inexperiência na prestação de cuidados, carências socioculturais ou socioeconómicas, estar desempregado/a ou ter uma vida social e profissional muito intensa, falta de suporte da família nuclear, antecedentes de comportamentos desviantes e criminais, presenciar violência doméstica e experiências de maus tratos em criança ou jovem (Vicente, 2015).

Por sua vez, os fatores que podem colocar a vítima em maior vulnerabilidade e, conseqüentemente, a permanecer numa dinâmica de violência são a auto culpabilização, baixa autoestima (Alencar et al., 2018), evitamento de conflitos, existência de níveis elevados de psicopatologia, desequilíbrios de poder na dinâmica do casal (Vicente, 2015), situações de vida stressantes, isolamento social (Osório, 2016), ter personalidade e temperamento desajustado, ser impulsivo/a, ter doença física, dependência de álcool e/ou drogas, história de vitimização, ter sido prematuro/a e ter tido baixo peso em criança, dependência física e emocional perante o agressor/a, carência de recursos económicos, baixo nível de educação, condições de habitação

precárias, isolamento social, seleção de parceiros/as orientados/as para a agressão (Vicente, 2015).

Já no que concerne às consequências, a violência entre parceiros íntimos LGB tem um impacto negativo ao nível do bem-estar psicológico, emocional, social e físico, a curto e a longo prazo. Posto isto, algumas das consequências da vitimização a curto prazo poderão ser, o choque e impotência, pânico, medo (Flores et al., 2019), sentimentos de culpa, descrença e negação, confusão e desorientação, apatia e raiva, vergonha, sofrimento, isolamento, lesões físicas, perda de cabelo por arrancamento, queimaduras, fraturas ósseas, lesões dentárias, oftálmicas, torácicas e abdominais (Moreira, 2017). Já as consequências da vitimização a médio e a longo prazo poderão ser a desconfiança e hipervigilância, fobias e ataques de pânico, alterações do sono e apetite, alterações da imagem corporal, mudanças de humor, dores de cabeça, dor pélvica, autoconceito negativo, baixa autoestima (Silva, 2018), sentimentos de culpa, vulnerabilidade, passividade, isolamento social e sentimentos de solidão, perturbações de ansiedade (Peixoto, 2016; Santos, 2015), depressão (Miltz et al., 2019), distímia, sintomas de *stress* pós-traumático (Vicente, 2015), sintomas dissociativos, sintomas de dor crónica, desordens gastrointestinais, desordens ginecológicas, perturbações cognitivas, asma (Whitton et al., 2019), disfunções sexuais, comportamentos sexuais de risco, abuso e dependência de álcool e/ou drogas, ideação suicida, falta de confiança no futuro e comprometimento da relação (Peng et al., 2020). Ainda, as consequências podem estar relacionadas ao nível social e relacional, como a perda de relações familiares (Silva, 2018), perda de redes sociais de apoio, perda de funcionamento ocupacional (Domingues, 2015), incapacidades de aprendizagem e de trabalho e insucesso escolar (Zaman et al., 2021).

1.3. Conceito de homofobia internalizada

O termo homofobia foi empregue pela primeira vez por Smith (1971, cit in Yolaç & Meriç, 2020), mas é popularmente atribuído a Weinberg (1972, cit in Souza & Honorato, 2020), responsável pela sua popularização ao defini-la como o pavor em estar em espaços fechados com homossexuais. No entanto a homofobia, refere-se a atitudes negativas, estereótipos e preconceitos que existem na nossa sociedade acerca dos indivíduos que não se identificam como heterossexuais, sendo considerada um medo irracional ou ódio para com os homossexuais, homossexualidade ou qualquer comportamento ou crença que não seja conforme aos estereótipos considerados normativos dos papéis sexuais.

No decorrer disto, em 2003, Meyer propôs o Modelo de *Stress* de Minorias, sendo este um conjunto de teorias sociológicas, antropológicas e psicológicas sobre múltiplos *stressores* experienciados por pessoas de *status* de minoria (como os indivíduos LGB). Meyer (2003) definiu este modelo como o excesso de *stress* ao qual os indivíduos de categorias sociais estigmatizadas estão expostos, sendo que, de acordo com isto, quando os indivíduos pertencem a múltiplos grupos minoritários, os estigmas e *stresses* que experienciam são aditivos, isto é, eles existem além dos *stressores* gerais do dia a dia.

Apesar da crescente aceitação das minorias sexuais, a comunidade LGB continua a enfrentar preconceitos sociais relacionados com a sua orientação sexual, sendo que um número vasto de homens e mulheres homossexuais e bissexuais vivenciam um enorme conflito entre aquilo que são os seus sentimentos e os seus valores no que diz respeito à sua sexualidade e aquelas que são as normas sociais vigentes (Gregório, 2015). Este conflito pode levar ao processo de internalização, e segundo Galimberti (2010, cit in Antunes, 2016), internalizar refere-se ao adquirir, por parte de um indivíduo, de crenças, preconceitos, valores, atitudes, normas, leis, costumes, tradições, hábitos e modelos de comportamento que existem no seu grupo social, acabando por deixar-se influenciar por eles. Quando os indivíduos LGB interiorizam as atitudes e conceitos homofóbicos, dão substrato ao conceito pertencente ao modelo de *stress* de minorias, a homofobia internalizada. Esta é comumente definida como medo da própria homossexualidade (Pereira & Leal, 2012) ou como um conflito psicológico entre as experiências de afeto ou desejo por indivíduos do mesmo sexo e a sensação de necessidade de ser heterossexual (Duarte, 2013; Frost & Meyer, 2009). Contudo, a definição mais aceite e propagada pela literatura afirma que esta corresponde à interiorização de atitudes negativas, estereótipos, preconceitos e julgamentos relativos à homossexualidade partilhadas pela sociedade, sendo que estas atitudes e emoções são interiorizadas pelo *self* do indivíduo, resultando numa desvalorização (Meyer & Dean, 1998, cit in Pereira & Leal, 2005), podendo levar à negação dos seus desejos sexuais e da sua identidade sexual (Cerqueira-Santos et al., 2017; Roa, 2016).

Assim, como a homofobia internalizada apresenta um grande impacto nos indivíduos LGB e como estes vão interiorizando o sistema de valores que condena a homossexualidade (Binion & Gray, 2020; Cerqueira-Santos et al., 2017; Rodrigues, 2010; Silveira & Cerqueira-Santos, 2019) tal pode resultar no surgimento de diversas consequências, quer ao nível psicológico, emocional, comportamental, relacional e social.

Já as consequências ao nível psicológico podem ser, risco de desenvolvimento de perturbações psiquiátricas, como perturbações do comportamento alimentar (Herrick et al., 2013; Rita, 2012), ideação suicida (Antunes, 2016) e sintomas de depressão e de ansiedade (Baams et al., 2018; Gonçalves, 2016; Su et al., 2018; Walch et al., 2016; Xu et al., 2017). Outras consequências a este nível são também a falta de confiança e solidão (Rita, 2012), as ruminções excessivas, estratégias de *coping* desajustadas, pensamentos obsessivos e/ou comportamentos compulsivos, como a tentativa de controlar de forma continua os seus comportamentos, maneirismos, crenças e ideias (Dhabhar & Desmukh, 2020).

Concretamente ao nível das consequências emocionais, estas são maioritariamente de carácter negativo, como a culpa, a raiva, o ódio ou o nojo por si próprio (Gregório, 2015), sendo que a consequência mais saliente desta internalização é a sensação de vergonha experienciada por aqueles que se identificam como homossexual ou bissexual, plasmando-se numa autoestima baixa (Dhabhar & Deshmukh, 2020; Duarte, 2013; Souza et al., 2019). Ainda, foram descritas consequências como, uma menor capacidade de se revelar aos heterossexuais e a outras pessoas homossexuais, crença de que é inferior, aceitação de mitos populares sobre homossexualidade e crenças de que os outros o rejeitarão devido à sua sexualidade (Ross & Rosser, 1996). Estes sujeitos apresentam também um desenvolvimento emocional e/ou cognitivo atrasado, levando a mais defensividade, carência, vulnerabilidade, medo, alienação, tristeza, insónia, angústia, revolta, falta de estímulo, falsidade, confusão, falta de concentração, timidez e pouca demonstração afetiva (Alencar et al., 2018; Alexandre et al., 2014).

Além do mais, no domínio das consequências comportamentais têm sido reportados maiores consumos de substâncias, um maior número de comportamentos de risco ao nível sexual (Bayer et al., 2017; Moody et al., 2018), maior risco de contração ou transmissão de VIH, bem como de outras doenças sexualmente transmissíveis, mas também pode funcionar da forma oposta, isto é, os sujeitos não apresentarem nenhum desejo sexual, levando à abstinência sexual (Antunes, 2016).

Ainda, ao nível relacional, tem-se verificado que a homofobia internalizada pode colocar entraves no estabelecimento de uma relação de casal satisfatória (Gregório, 2015), já que o sujeito pode autossabotar-se e transmitir uma imagem pobre de si ou evitar relações de longo prazo (Li et al., 2019). Estes sujeitos têm também tendência em se tornarem psicologicamente ou fisicamente abusivos com os companheiros/as ou permanecer num relacionamento abusivo, podem também rebaixar-se perante o outro ou desvalorizar-se perante

ele/a. Outras consequências passam por tentar passar por heterossexual, casando com alguém do sexo oposto para ganhar aprovação social ou na esperança de “se curar” (Antunes, 2016).

Quanto às consequências sociais, estudos têm relatado experiências de rejeição dos pais, ocultação de identidade (Mitra & Doctor, 2016; Soohinda et al., 2019), baixos níveis de ligação com a comunidade em geral e baixos índices de conexão com a comunidade LGB (Davidson et al., 2017). Ainda, pessoas com mais homofobia internalizada manifestam um fraco sucesso escolar e/ou profissional, esforçando-se pouco ou abandonando a escola, tendem a faltar ao trabalho e têm fraca produtividade (Antunes, 2016).

1.3.1. O impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB

Vários estudos têm sugerido que a homofobia internalizada pode estar associada ao comportamento violento contra membros do próprio grupo (Renzetti, 1988 cit in Badenes-Ribera, Meca & Longobardi, 2017). Portanto, sujeitos com sentimentos negativos sobre as suas identidades LGB, podem envolver-se em violência contra seus próprios parceiros/as. Além disso, as pessoas LGB que acreditam que são defeituosas, podem pensar que são merecedoras de serem tratadas de forma abusiva e, conseqüentemente, analisar o abuso como um resultado natural da sua identidade LGB, enquanto um/a agressor/a pode usar a homofobia internalizada do seu parceiro para justificar sua própria violência (Balsam, 2001 cit in Ribera et al. 2017).

Assim, importa salientar que a homofobia internalizada corresponde a um *stressor* que afeta tanto a vítima como o agressor na violência entre parceiros íntimos (Czuba, 2015). No caso do/a agressor/a, é perceptível que a homofobia internalizada pode ser a impulsionadora de sentimentos de baixa autoestima e de inadequação sexual, levando a que o indivíduo procure exercer poder sobre seu parceiro/a para combater ou contrariar estes sentimentos sobre si próprio (Reis, 2014), sendo também provável que a vítima represente, para o/a agressor/a, elementos de sua própria personalidade e identidade homossexual/bissexual, que lhe são desconfortáveis e inaceitáveis (Alencar et al., 2018; Carvalho et al., 2011). No entanto, no caso da vítima, a homofobia internalizada pode fazer com que esta considere o seu relacionamento homossexual/bissexual como uma aberração e um pecado, levando a que esta autorize a violência perpetrada contra si, pois acredita que só os atos violentos podem servir como castigo para a relação que ela considera como errada, patológica e imoral (Luz & Gonçalves, 2011), sendo que a vítima acha que merece as agressões vindas do/a seu/sua companheiro/a agressor/a (Czuba, 2015). Acrescentando o facto de o agressor poder deslocar os seus sentimentos negativos, relativos ao facto de ser homossexual, para a vítima, acabando esta por internalizar

ideias homofóbicas devido às mensagens negativas que o agressor lhe transmite, com o objetivo de eliminar o orgulho de ser homossexual, reforçando, na vítima, o sentimento de que é responsável pelo abuso (Reis, 2014). Este sentimento de culpa domina a pessoa nessa situação de violência e faz com que permaneça na relação violenta, levando ao isolamento (Costa et al., 2011).

1.4. Estudos sobre as variáveis principais do estudo e as variáveis sociodemográficas

Após uma revisão da literatura extensiva sobre as problemáticas apresentadas, será aqui exposto um conjunto de estudos que nos demonstram os resultados até então encontrados pelos mais diferentes autores sobre os construtos de violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada, demonstrando também a relação destes com as variáveis sociodemográficas (orientação sexual, a idade, a escolaridade dos participantes, o estado civil, o tempo de relacionamento e o *coming out*).

1.4.1. Estudos sobre a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada

Alguns estudos apresentam-nos as relações entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a respetiva homofobia internalizada sentida pelos mesmos. Portanto de uma forma mais geral, alguns autores com os objetivos de perceber fatores diádicos relatados por casais do mesmo sexo, com amostras constituídas por pessoas que se identificavam como LGB, mostraram-nos que a homofobia internalizada apresentava valores mais elevados tanto nos sujeitos que tiveram comportamentos de agressão como nos sujeitos que foram vítimas de violência (Osório, 2015; Suarez et al., 2018). Estes resultados são corroborados por muitos outros autores (Badenes-Ribera et al., 2017; Decker et al., 2018; Peng et al., 2020; Stephenson & Finneran, 2017)

No que se refere aos tipos de violência perpetrados, várias investigações demonstraram que quanto mais homofobia internalizada os agressores/as apresentassem maior a probabilidade de agredirem a vítima psicologicamente (Badenes-Ribera et al., 2017; Callan et al., 2020; Li et al., 2019; Osório, 2016). Quanto ao nível da perpetração de violência física, estudos têm demonstrado que a homofobia internalizada pode ser considerada um marcador de risco significativo de perpetração de violência física, sendo que níveis mais elevados de homofobia internalizada contribuíam para mais perpetração de agressão física entre parceiros do mesmo sexo (lésbicas, *gays* e bissexuais) (Kimmes et al., 2017; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Pepper & Sand, 2015; Winsted et al., 2017). Por fim, ao nível da perpetração de coerção sexual,

tem sido relatado que a internalização da homofobia faz aumentar as agressões sexuais por parte do agressor contra a vítima (Balik & Bilgin, 2019; Pepper & Sand, 2015; Ribera et al., 2017). No que toca aos tipos de violência ao nível da vitimização, vários estudos demonstram que a homofobia internalizada foi significativamente associada à vitimização através de abuso físico, sexual e psicológico, sendo a violência física a forma de violência mais relatada ao nível da vitimização (Pepper & Sand, 2015; Roa, 2016; Stephenson & Finneran, 2017).

Em suma, percebemos que quanto mais altos forem os valores da homofobia internalizada maiores são as probabilidades dos sujeitos LGB serem agressores ou vítimas de violência, sendo que na perpetração da violência, a prevalência dos três tipos de agressão é equitativa, mas ao nível da vitimização verifica-se que o abuso físico é aquele que é mais vezes relatado quando existe homofobia internalizada.

1.4.2. Estudos sobre a violência entre parceiros íntimos LGB e as variáveis sociodemográficas

Relativamente aos estudos que retratam a relação entre a orientação sexual e a violência entre parceiros íntimos, percebemos que no estudo de Matos (2017) com uma amostra de 170 sujeitos homossexuais e bissexuais, cujo o objetivo era analisar as representações sociais em torno da Violência entre Parceiros Íntimos, demonstraram que a tática de resolução de conflitos mais reportada pela amostra total é a Negociação Emocional e a Cognitiva, onde homossexuais (lésbicas) apresentam um valor mais elevado tanto ao nível da perpetração como da vitimização nestas duas dimensões. É importante referir que a tática de Negociação é uma tática não abusiva de resolução de conflitos (sendo por isso positiva). Já na investigação realizada por Santos (2015) que analisou tanto a orientação sexual lésbica como a *gay* numa meta análise, percebeu-se que 40% das participantes lésbicas relatou que tinha sido física ou sexualmente violenta numa relação íntima, contudo, 44% afirmou ter sido vítima de violência física ou sexual por parte de uma parceira, notando-se que neste grupo as lésbicas são mais vítimas do que perpetradoras. Ainda, no grupo formado por homens *gays*, chegou-se à conclusão que 78.4% dos participantes admitiu a perpetração de agressão psicológica e 39.2% de violência física, contudo, 72.5% da amostra indicou que tinha sido vítima de abuso psicológico e 45.1% de violência física, já a coação sexual foi perpetrada por 27.5% dos *gays* e 33.3% revelou ter sido coagido sexualmente pelos seus parceiros, revelando assim, que os homens *gays* desta amostra, são mais perpetradores de violência do que vítimas.

Ao encontro dos resultados do estudo supracitado, são várias as investigações que nos dizem que as lésbicas são as que sofrem mais violência e que os *gays* são os mais perpetradores tanto na violência física, psicológica e sexual (Domingues, 2015; Edwards, 2015; Fonseca, 2016; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Messinger, 2011; Miltz et al., 2019; Santos, 2015; Smith et al., 2018), nomeadamente a investigação de Martin-Storey (2015), com uma amostra composta por indivíduos LGB. Este autor verificou que, as mulheres que se identificaram como lésbicas (42%) referiram vitimização com mais frequência do que os homens *gays* já que estes apresentavam percentagens menores de vitimização (homens *gays* (32%)). Contudo há estudos contraditórios, que nos dizem que são as lésbicas que apresentam mais atos de perpetração de violência em comparação com os *gays*, tendo níveis mais elevados na execução de violência física, psicológica e na coerção sexual (Ojeda, 2017; Osório, 2016; Santos, 2012; Santos, 2015;), como por exemplo o estudo de Finneran & Stephenson (2014) e Mena, Rodríguez e Malavé (2005), todos com amostras constituídas por adultos LGB. Estes últimos estudos sugerem que homens *gays* e bissexuais sofrem mais violência entre parceiros íntimos em comparação com as mulheres homossexuais e bissexuais. Ainda, ao nível da orientação sexual bissexual, os estudos de Nydegger e colaboradores (2020) bem como de Decker e colegas (2018), com o objetivo de avaliar se o *stress* de minorias estava relacionado com a violência entre parceiros íntimos LGB, apontam que as pessoas que se identificam como bissexuais são mais propensas a relatar vitimização física, sexual e psicológica em comparação com os sujeitos que se identificam como *gays* e lésbicas. Mais especificamente, homens com histórico de bissexualidade relataram com mais frequência terem sido vítimas de violência física em comparação com as mulheres bissexuais (Finneran et al., 2017; Woodyatt & Stephenson, 2016).

Relativamente à idade, o estudo de Machado e Antunes (2012) com jovens adultos e adultos LGB, com o objetivo de perceber a prevalência da violência entre casais LGB, verificou que quanto mais novos eram os sujeitos mais tendência apresentavam para perpetrar e serem vítimas de atos fisicamente violentos. Também as investigações de Cunradi (2009) e Greenwood e colegas (2002) chegaram exatamente aos mesmos resultados. Ainda, os estudos de Stephenson e Finneran (2017), bem como o estudo de Suarez e colaboradores (2018), ambos com participantes LGB, perceberam que as idades dos entrevistados foram correlacionadas significativamente com a vitimização e perpetração de violência, sendo que estas dinâmicas de abuso eram mais frequentes nos participantes mais jovens. De um ponto de vista da vitimização, Karakurt e Silver (2013), num estudo em que os participantes LGB tinham no mínimo 18 anos e no máximo 34, sendo a média de idades 27 anos, demonstraram que o abuso emocional se

revelou mais comum nos participantes mais novos. Já, Costa e colaboradores (2011) confirmaram que são os mais jovens que admitem com mais frequência serem vítimas de violência física. Por fim, nos estudos de Finneran e Stephenson (2014), Ojeda e colaboradores (2017), Osório (2016), Stephenson e Finneran (2016) e Suarez et al., 2018, constatou-se que o grupo etário que apresenta percentagens mais elevadas de qualquer tipo de vitimização, é o grupo dos mais jovens da amostra, sendo que o tipo de violência predominante que os mais jovens são vítimas, é o abuso físico, seguido do abuso psicológico e por fim o abuso sexual. Relativamente aos resultados sobre a interpretação de violência e a idade, Costa e colaboradores (2011) com objetivo de analisar a prevalência da violência entre parceiros íntimos em casais LGB numa amostra de 171 participantes, revelaram que eram os indivíduos mais novos que admitiam cometer mais atos de violência física, sendo que a investigação de Miltz e colaboradores (2019) chegaram exatamente aos mesmos resultados. Por fim, na meta-análise realizada por Osório (2016) observaram-se resultados mais discriminados, sendo o grupo etário que apresentava percentagens mais elevadas de perpetração de violência física (68.4%) e de violência psicológica (67.9%) o grupo etário dos 21 aos 30 anos de idade.

No que concerne aos estudos que nos apresentam resultados referentes aos domínios da perpetração e da vitimização da violência com os diferentes níveis de escolaridade, estes demonstram que um baixo nível de escolaridade está associado a elevados valores de vitimização e de perpetração de violência (Balik & Bilgin, 2019; Melander, Noel & Tyler, 2010; Moreira, 2017; WHO, 2010). Da mesma forma, no estudo de Lage (2019), cujo objetivo era caracterizar a percepção de violência entre parceiros íntimos numa amostra de 72 pessoas, constatou-se que um nível inferior de escolaridade estava associado a uma maior frequência de perpetração de violência física com sequelas, sendo que a proporção de violência cometida por ano de escolaridade foi, no 9.º ano 65% ao passo que 19% tinham habilitações ao nível do ensino secundário e 10% ao nível do ensino superior. Estes resultados foram corroborados por Milletich, Gumienny, Kelley e D’Lima (2014). Relativamente à vitimização e à escolaridade, nos estudos de Bartholomew e colaboradores (2008), Fernandes (2016), Finneran e Stephenson (2013), Gomes (2011), Greenwood e colaboradores (2002) e Vieira (2013) constataram que baixos níveis de educação foram associados ao grau de abuso físico, no que diz respeito à vitimização em sujeitos LGB. De acordo com isto, Finneran e Stephenson (2014) e Hellemans e colaboradores (2015) perceberam que os sujeitos que concluíram a faculdade tiveram 77% menos oportunidades de sofrer violência física de um parceiro em comparação com os sujeitos que não concluíram o ensino secundário. Também, de acordo com os dados obtidos no Relatório

Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2019), quase dois terços das vítimas (60%) possuíam habilitações literárias iguais ou inferiores ao 9º ano, 22,5% possuía habilitações ao nível do ensino secundário e 13% ao nível do superior, dando a perceber que menos níveis de educação, maior é a probabilidade de sofrer de vitimização.

Relativamente ao tipo de relação e a violência entre parceiros íntimos LGB, os estudos de Caridade e Machado (2007), Santos (2015) e Suarez e colaboradores (2018), todos com amostras de sujeitos LGB, encontraram diferenças significativas entre a vitimização do abuso físico sem sequelas, do abuso físico com sequelas ligeiro e da agressão psicológica ligeira, indicando um maior índice de prevalência destas formas de violência em pessoas que se divorciaram. Também, verificou-se que a perpetração de abuso físico sem sequelas, de abuso físico sem sequelas severo e de agressão psicológica apresentavam níveis superiores nos casais que união de facto. De um ponto de vista mais específico, casais que namoram e que coabitam são mais propensos do que casais casados a se envolver em violência e, em muitos casos, a violência entre parceiros LGB coabitantes é mais grave (Brown, 2008). Por sua vez, a investigação de Rodríguez e colaboradores (2017) que tinha como objetivo analisar a VPI em casais homossexuais, revelou que, em casais homossexuais, a vitimização e a perpetração da coerção sexual tem uma maior prevalência em relacionamentos que terminaram em divórcio. De acordo com os resultados anteriores, Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica (2018), auferiu que em termos do estado civil das vítimas, 37% eram casadas ou viviam em união de facto, contudo, o mesmo se verificou no caso dos perpetradores (39%). Por outro lado, Alencar e colegas (2018), constataram na sua meta análise que quem sofre mais violência, bem como quem mais perpetua agressões são os indivíduos que apenas namoram. Por fim, Lage (2019) averiguou a existência de diferenças significativas entre a vitimização de agressão psicológica e o estado civil, sendo esta dinâmica mais prevalente nos solteiros. Já Gover, Kaukinen e Fox (2008) sugeriram que as relações do tipo “amizades coloridas” ampliam o risco de perpetração e vitimização de comportamentos violentos.

Passando agora para a descrição dos estudos que analisam a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento, Beserra e colaboradores (2016) no seu estudo envolvendo 4158 participantes, verificaram que quanto maior a duração da relação de intimidade, mais são os comportamentos de vitimização e perpetração entre casais do mesmo sexo e bissexuais. Os resultados obtidos neste estudo foram semelhantes aos obtidos pelo estudo de Barreira, Lima e Avanci (2013) envolvendo 302 sujeitos no qual os autores constataram uma associação positiva entre a duração da relação e o número de episódios de violência psicológica,

isto é, os autores auferiram que quanto maior for a duração da relação mais probabilidade existe de ocorrer violência psicológica na relação. Também nos estudos de Santos e Caridade (2017) e de Santos (2015), ao analisarem a relação entre a duração do relacionamento e a prevalência dos comportamentos abusivos no mesmo, demonstraram que apenas a vitimização da Agressão Psicológica Ligeira e a perpetração do Abuso Físico Sem Sequelas Ligeiro se encontravam positivamente relacionados com a duração do relacionamento, sugerindo que, quanto maior a duração da relação de intimidade, maior a probabilidade de ocorrer vitimização da agressão psicológica severa e/ou adotar comportamentos fisicamente abusivos e severos que não deixam sequelas.

Por fim, no que compete aos estudos que analisam a relação entre os níveis de *coming out* e violência entre parceiros íntimos LGB, os autores Balik e Bilgin (2019) que objetivaram descrever as experiências de VPI numa amostra de *gays* e lésbicas, constataram que sujeitos que apresentem níveis baixos de *coming out* e, por isso, ainda não revelaram a sua orientação sexual, são indivíduos que executam mais abusos físicos, psicológicos e sexuais contra os seus parceiros. Também foi perceptível que os perpetradores podem ameaçar expor a orientação sexual do seu parceiro sem o seu consentimento, estando o aumento da perpetração da violência entre o casal relacionada com esta dinâmica, sendo que os estudos de Edwards, Sylaska e Neal (2015), Goldenberg e colegas (2016) e Moleiro e colaboradores (2016). mostram-nos que menor revelação da orientação sexual faz aumentar a execução de comportamentos abusivos físicos, psicológicos e sexuais por parte do perpetrador. Já Ristock (2005) constatou que os sujeitos que não assumiram a sua orientação sexual, são aqueles que mais perpetuam atos de violência sexual. No que toca às dinâmicas de vitimização e o *coming out*, os estudos de Lewis e colaboradores (2017), Rostosky e Riggle (2017) e Winstead e colegas (2014) demonstraram que os indivíduos que não assumiram a sua orientação sexual apresentavam uma maior vulnerabilidade de se tornarem vítimas de atos violentos físicos, psicológicos e sexuais.

Resumindo estes resultados, o tipo de violência mais executada é a violência psicológica. A orientação sexual que sofre mais vitimização de qualquer tipo de violência são as lésbicas e ao nível da perpetração são os *gays*, contudo é de salientar que há estudos contraditórios no que se refere a esta relação. Quanto à idade, a grande maioria dos estudos relatam que são os indivíduos mais novos que mais perpetuam ou são vítimas de violência entre parceiros íntimos. Também a escolaridade dos participantes parece ser um fator de risco tanto para a vítima como para o agressor, onde escolaridades mais baixas podem significar o aumento de atos violentos. Do ponto de vista dos relacionamentos, os casais que coabitam são aqueles

que demonstram mais probabilidade em apresentar atos violentos contra o parceiros/a, contudo os estudos não são consistentes entre si. Já quanto ao tempo do relacionamento, as investigações chegam a um consenso, pois é visível que as relações mais longas são aquelas em que há mais perpetração e vitimização. Por fim, no que se refere à variável de *coming out*, os sujeitos que ainda não revelaram a sua orientação sexual apresentam uma maior tendência a executar atos violentos, bem como uma maior vulnerabilidade a tornarem-se vítimas.

1.4.3. Estudos sobre a homofobia internalizada e as variáveis sociodemográficas

Relativamente aos estudos que analisam a relação entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos sujeitos, Beusekom e colegas (2018) e Weber (2008) reportaram que os *gays* e os homens bissexuais relatam experienciar mais homofobia internalizada que as lésbicas e mulheres bissexuais. Contudo, na grande maioria dos estudos, especificam que são somente os *gays* que relatam mais homofobia internalizada em comparação às outras orientações sexuais (Cerqueira-Santos et al., 2017; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Montero et al., 2018; Yolaç & Meriç, 2020; Zhang & Brym, 2019). No que toca às variáveis que estão incluídas no âmbito da homofobia internalizada, as investigações têm revelado que os *gays* são os que revelem níveis superiores de Percepção Externa do Estigma bem como de Percepção Interna do Estigma (Fernandes, 2019). Ainda, existem alguns estudos que afirmam que são os homens bissexuais que manifestam maiores níveis de homofobia internalizada (Callan et al., 2020; Roa, 2017; Yolaç & Meriç, 2020)

No que se refere aos estudos que abordam a relação entre a idade dos participantes e a homofobia internalizada, a sua grande maioria refere que são os indivíduos mais novos que manifestam mais homofobia internalizada, tanto na forma de Percepção Externa do Estigma como na forma de Percepção Interna do Estigma (Anand, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingiard et al., 2016; McGee, 2016; Montero, 2018; Souza, et al., 2018; Zhang & Brym, 2019).

No que consta à escolaridade dos participantes, os estudos parecem ser congruentes entre si, uma vez que, todos referem que os indivíduos que apresentem um nível de ensino inferior são aqueles que manifestam maiores índices de homofobia internalizada (Anand, 2016; Antunes, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingiard et al., 2016; McGee, 2016; Zhang & Brym, 2019).

Relativamente às relações entre o estado civil dos sujeitos e a homofobia internalizada, o estudo de Gregório (2015) que tinha como objetivo averiguar a relação entre a homofobia

internalizada e as variáveis sociodemográficas numa amostra de 153 participantes, constatou que a dimensão da Percepção Externa do Estigma da homofobia internalizada encontrava-se mais elevada nos sujeitos que tinham um parceiro em comparação com aqueles que não tinham, sendo que para corroborar este estudo, Dhabhar e Deshmukh (2020) encontraram igualmente que os valores de homofobia internalizada eram mais elevados nos participantes que estavam num relacionamento.

Quando ao tempo de relacionamento, os resultados são dispares, já que no estudo de Frost e Meyer (2009) com uma amostra de 396 sujeitos LGB, a homofobia internalizada apresenta níveis superiores nos relacionamentos que são mais curtos, por sua vez, Cerqueira-Santos e colegas (2017), numa amostra de 94 pessoas LGB, perceberam que é nos relacionamentos mais longos que os indivíduos manifestam índices mais altos de homofobia internalizada.

Por fim, no que se refere ao processo de *coming out*, a literatura demonstra resultados muito semelhantes, uma vez que na sua grande maioria os estudos revelam que níveis altos de homofobia internalizada contribuem para que o sujeito oculte ou negue a sua orientação sexual (Souza et al., 2018). Ou seja, existe uma relação significativa entre a homofobia internalizada e o *coming out*, sendo este último é menor em sujeitos que revelem um nível de internalização da homofobia alto (Antunes, 2016; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Rubino et al., 2018; Ryan et al., 2017; Szymanski et al., 2017; Yolaç & Meriç, 2020). Ao nível das dimensões da homofobia internalizada, o estudo de Gregório (2015) revela-nos que a dimensão Percepção Interna do Estigma e o grupo de indivíduos que assumiram a sua homossexualidade apresentam uma média significativamente menor do que o grupo de indivíduos ainda não o fizeram, já na dimensão Percepção Externa do Estigma, os indivíduos assumidos relativamente à sua orientação sexual apresentam uma média significativamente menor do que os indivíduos não assumidos.

Em suma, no que concerne às variáveis mais individuais, percebe-se que os *gays* são aqueles com níveis mais elevados de homofobia internalizada, onde os mais jovens também apresentam pontuações mais altas deste construto, denotando-se ainda que indivíduos menos escolarizados internalizam mais a homofobia. Relativamente às variáveis relacionadas com as relações, sujeitos que namoram apresentam índices superiores de homofobia internalizada, contudo, ao nível do tempo de relacionamento, os resultados são dispares. Por fim, no que se refere ao *coming out*, sujeitos com níveis altos de homofobia internalizada tendem a esconder com mais prevalência a sua orientação sexual.

2. Metodologia

De seguida será apresentada a estrutura do estudo, incluindo o desenho do estudo, objetivo geral e os objetivos específicos, as variáveis do estudo, as hipóteses de investigação, a caracterização da amostra, os instrumentos e ainda serão apresentados os procedimentos.

2.1. Desenho do estudo

Dado que esta investigação pretende explorar a relação entre o impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB em jovens adultos e adultos, do ponto de vista metodológico, iremos recorrer a um estudo com um desenho descritivo-correlacional, uma vez que tem como propósito explorar as relações entre as variáveis e descrevê-las. Por conseguinte, trata-se de um estudo quantitativo e transversal, já que será medida a frequência de aparição de um acontecimento numa população num dado momento da investigação (Fortin, Côté, & Filton, 2009).

2.2. Objetivos do estudo

Para o desenvolvimento do estudo foram delineados vários objetivos. Quanto ao objetivo geral, pretende-se em explorar a relação entre o impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB em jovens adultos e adultos. Relativamente aos objetivos específicos pretende-se: Analisar e caracterizar a amostra em termos das variáveis principais do estudo; Estudar a variação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a orientação sexual, a idade, a escolaridade dos participantes, o estado civil, o tempo de relacionamento e o *coming out* dos sujeitos; Estudar a variação entre a homofobia internalizada e a orientação sexual, a idade, a escolaridade dos participantes, o estado civil, o tempo de relacionamento e o *coming out* dos sujeitos.

2.3. Variáveis do estudo

Quanto às variáveis do estudo, percebe-se que a variável dependente será a violência entre parceiros íntimos LGB, enquanto que as variáveis independentes prendem-se com a homofobia internalizada, a orientação sexual (*gay*, lésbica e bissexual), a idade (18-27 anos e dos 28-66 anos), a escolaridade participantes (1º ciclo, 3º ciclo, ensino secundário, licenciatura, mestrado e doutoramento), o estado civil (Solteiro/a, Solteiro/a, mas esteve numa relação no passado, Amigos/as coloridos/as, namoro, união de facto, casado/a, divorciado/a), o tempo de relacionamento (Menos tempo e Mais tempo) e o *coming out* (orientação sexual assumida ou não assumida).

2.4. Hipóteses do estudo

Para o desenvolvimento desta investigação, atendendo à revisão da literatura, foram delineadas as seguintes hipóteses de investigação de acordo com as variáveis principais do estudo (violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada) e as variáveis sociodemográficas (orientação sexual, idade, escolaridade, estado civil, tempo de relacionamento e *coming out*):

H1: A violência entre parceiros íntimos LGB, varia em função da orientação sexual dos participantes (Decker et al., 2018; Domingues, 2015; Edwards, 2015; Finneran & Stephenson, 2014; Fonseca, 2016; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Martin-Storey, 2015; Matos, 2017; Mena, Rodríguez & Malavé, 2005; Messinger, 2011; Miltz et al., 2019; Nydegger et al., 2020; Ojeda, 2017; Osório, 2016; Santos, 2012; Santos, 2015; Smith et al., 2018);

H2: A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função da idade, sendo os participantes mais novos mais vítimas e perpetradores (Costa et al., 2011; Cunradi, 2009; Finneran & Stephenson, 2014; Greenwood et al., 2002; Karakurt & Silver, 2013; Machado & Antunes, 2012; Miltz et al., 2019; Ojeda et al., 2017; Osório, 2016; Stephenson & Finneran, 2016; Stephenson & Finneran, 2017; Suarez et al., 2018);

H3: A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função da escolaridade dos participantes, sendo os sujeitos com menos educação os mais perpetradores e vítimas (Balik & Bilgin, 2019; Bartholomew et al., 2008; Fernandes, 2016; Finneran & Stephenson, 2013; Finneran & Stephenson, 2014; Gomes, 2011; Greenwood et al., 2002; Hellemans et al., 2015; Lage, 2019; Melander et al., 2010; Milletich et al., 2014; Moreira, 2017; Vieira, 2013; WHO, 2010);

H4: A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função do estado civil dos participantes (Alencar et al., 2018; Brown, 2008; Caridade & Machado, 2007; Gover et al., 2008; Lage, 2019; Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica, 2018; Rodríguez et al., 2017; Santos, 2015; Suarez et al., 2018);

H5: A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função do tempo de relacionamento, sendo os participantes com relacionamentos mais longos mais perpetradores e vítimas (Barreira et al., 2013; Beserra et al., 2016; Santos & Caridade, 2017; Santos, 2015);

H6: A violência entre parceiros íntimos LGB varia de acordo com o *coming out* (revelação da orientação sexual) dos sujeitos, sendo que a perpretação e a vitimização são mais predominantes em sujeitos que apresentam um nível mais baixo de *coming out* (Balik & Bilgin, 2019; Edwards,

Sylaska & Neal, 2015; Goldenberg et al., 2016; Lewis et al., 2017; Moleiro et al., 2016; Ristock, 2005; Rostosky & Riggle, 2017; Winstead et al., 2014);

H7: A homofobia internalizada varia em função da orientação sexual dos participantes (Beusekom et al., 2018; Callan et al., 2020; Cerqueira-Santos et al., 2017; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Fernandes, 2019; Montero et al., 2018; Roa, 2017; Weber, 2008; Yolaç & Meriç, 2020; Zhang & Brym, 2019);

H8: A homofobia internalizada varia em função da idade dos indivíduos, onde os mais novos manifestam índices superiores (Anand, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingiardi et al., 2016; McGee, 2016; Montero, 2018; Souza, et al., 2018; Zhang & Brym, 2019);

H9: A homofobia internalizada varia em função da escolaridade, sendo os participantes com um nível de educação mais baixo a relatar mais homofobia internalizada (Anand, 2016; Antunes, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingiardi et al., 2016; McGee, 2016; Zhang & Brym, 2019);

H10: A homofobia internalizada varia em função do estado civil dos participantes (Dhabhar & Deshmukh, 2020; Gregório, 2015);

H11: A homofobia internalizada varia em função do tempo de relacionamento (Cerqueira-Santos et al., 2017; Frost & Meyer, 2009);

H12: A homofobia internalizada varia em função do *coming out* (revelação da orientação sexual) dos participantes, sendo os sujeitos que têm menos *coming out*, os que apresentam mais homofobia internalizada (Antunes, 2016; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Gregório, 2015; Rubino et al., 2018; Ryan et al., 2017; Souza et al., 2018; Szymanski et al., 2017; Yolaç & Meriç, 2020);

H13: A homofobia internalizada tem impacto na violência entre parceiros íntimos LGB (Badenes-Ribera et al., 2017; Balik & Bilgin, 2019; Callan et al., 2020; Decker et al., 2018; Kimmes et al., 2017; Li et al., 2019; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Osório, 2015; Peng et al., 2020; Pepper & Sand, 2015; Stephenson & Finneran, 2017; Suarez et al., 2018; Winstead et al., 2017).

2.5. Caracterização da amostra

Para efeitos do presente trabalho, foi selecionada uma amostra não-probabilística por redes, chamada também amostragem “em bola de neve”, este é um método no qual o investigador encontra sujeitos que respondem aos critérios de inclusão, pedindo-lhes que

indiquem outras pessoas que possuam as mesmas características pelas quais foram escolhidos. Deste modo, o processo amostral não garante representatividade, ou seja, os resultados desta só se aplicam a ela própria (Fortin, Côté, & Filton, 2009). Os critérios de inclusão dos sujeitos no estudo prendem-se com o facto de terem de ser maiores de idade (a partir dos 18 anos de idade), abrangendo os jovens adultos e os adultos, e ainda identificarem-se com uma orientação sexual *gay*, lésbica ou bissexual.

As características gerais da amostra deste estudo encontram-se na tabela abaixo, onde a amostra é constituída por 150 sujeitos, com idades distribuídas entre dois grupos, o primeiro constituído com idades entre os 18 e os 27 anos ($n = 74$, 49.3%) e um outro formado por participantes com idades compreendidas entre os 28 e os 66 anos ($n = 76$, 50.7%). Quanto ao grau de escolaridade, o mais predominante é licenciatura ($n = 58$, 38.7%). No que se refere à orientação sexual dos participantes, estes são na sua maioria *gays* ($n = 56$, 37.3%), sendo que grande parte da amostra já assumiu a sua orientação sexual [*coming out*] ($n = 125$, 82.3%). No que se refere à área dos relacionamentos, o estado civil mais predominante é o namoro ($n = 50$, 33.3%), sendo que o tempo de relacionamento em meses está dividido em dois grupos, um corresponde aos indivíduos que apresentam/apresentaram uma relação com menos tempo ($n = 77$, 51.3%) e outro grupo com os participantes que tiveram/têm relacionamentos mais longos ($n = 73$, 48.7%).

Tabela 1

Estatísticas descritivas da amostra

Variável	Grupo	Frequência	Percentagem
Orientação sexual	Gay	56	37.3%
	Lésbica	44	29.3%
	Homem bissexual	18	12.0%
	Mulher bissexual	32	21.3%
Idade	Dos 18 aos 27 anos	74	49.3%
	Dos 28 aos 66 anos	76	50.7%
Escolaridade	1º ciclo (1º, 2º, 3º e 4º)	1	.7%
	3º ciclo (7º, 8º e 9º)	9	6.0%
	Ensino secundário (10º, 11º e 12º)	51	34.0%
	Licenciatura	58	38.7%
	Mestrado	28	18.7%
	Doutoramento	3	2.0%

Continua

Continuação

Variável	Grupo	Frequência	Percentagem
Estado civil	Solteiro/a	26	17.3%
	Solteiro/a, mas estive numa relação no passado	37	24.7%
	Amigos/as coloridos/as	4	2.7%
	Namoro	50	33.3%
	União de facto	17	11.3%
	Casado/a	11	7.3%
	Divorciado/a	5	3.3%
Tempo de relacionamento	Menos tempo	77	51.3%
	Mais tempo	73	48.7%
<i>Coming out</i>	Sim	125	83.3%
	Não	25	16.7%

2.6. Instrumentos de avaliação

Em função das necessidades do estudo, foram reunidos alguns instrumentos com vista à recolha de dados e à obtenção de resultados, entre os quais se apresentam a seguir.

2.6.1. Questionário sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico (QSD) foi construído com o objetivo de se reunir informações relevantes para o estudo e, que de certa forma, contribuíssem para a caracterização da amostra. Assim, o questionário apresenta informações referentes à identificação do indivíduo, como a orientação sexual, idade, o seu nível de escolaridade completado, ainda apresenta informações do ponto de vista dos relacionamentos, como o estado civil e tempo de relacionamento presente ou passado. Por fim, foi adicionado um ponto referente ao facto de os sujeitos já terem revelado ou não a sua orientação sexual, designado por *coming out* (Anexo 2).

2.6.2. Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (Murray, 1996 adaptado para a população portuguesa por Paiva & Figueiredo, 2008)

O *Conflict Tactics Scale* (CTS2) têm como principal finalidade avaliar a forma como os sujeitos resolvem os conflitos no âmbito das relações íntimas que estabelecem, recorrendo a estratégias de negociação ou de abuso. Este instrumento foi adaptado para a versão portuguesa por Carla Paiva e Bárbara Figueiredo no ano de 2008, sendo que esta adaptação apresenta valores de consistência interna compreendidos entre .78 e .50 (Figueiredo & Paiva, 2008). Este instrumento é composto por 39 itens, que se agrupam em pares de perguntas destinadas ao

participante e ao parceiro (opcional), perfazendo um total de 78 questões, das quais as que têm número ímpar dizem respeito à perpetração e as que têm número par referem-se à vitimização (Lage, 2019).

Os itens encontram-se agrupados em cinco escalas: a Negociação, que se subdivide em Emocional, constituída por três itens (e.g. Mostrei ao meu companheiro/a que me preocupava com ele/a, mesmo que discordássemos) e Cognitiva, com três itens (e.g. Em uma discussão, expliquei ao meu companheiro/a o meu ponto de vista); Agressão psicológica, que se divide em dois níveis de severidade, Ligeira, avaliada através de quatro itens (e.g. Insultei ou roguei pragas ao meu companheiro/a) e Severa, com quatro itens (e.g. Chamei de gordo/a ou feio/a ao meu companheiro/a); Abuso físico sem sequelas, que pode ser Ligeiro, com cinco itens correspondentes (e.g. Empurrei ou apertei o meu companheiro/a) e Severo, com sete itens (e.g. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a); Coerção sexual, que se subdivide em Ligeira, com três itens (e.g. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo) e Severa, com quatro itens (e.g. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo); Abuso físico com sequelas (I), que pode ser Ligeiro, avaliado através de dois itens (e.g. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro/a) e Severo, com quatro itens constituintes (e.g. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro/a) (Peixoto, 2016).

Existem oito possibilidades de resposta para cada item, sendo que as primeiras seis permitem determinar a prevalência e cronicidade relativamente ao último ano [(1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3-5 vezes no ano anterior, (4) 6-10 vezes no ano anterior, (5) 11-20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior], e as restantes permitem determinar a prevalência global [(7) não no ano anterior mas ocorreu anteriormente] e a inexistência deste tipo de abuso [(8) nunca aconteceu]. Uma vez que os participantes desta dissertação poderiam responder relativamente a uma relação passada ou a uma relação atual, foram feitas pequenas adaptações nas respostas, sendo que variam de 1 (isto nunca me aconteceu) a 8 (não aconteceu no último ano, mas aconteceu antes) e não se considerou a prevalência e cronicidade relativamente ao último ano nas análises efetuadas (Peixoto, 2016).

Ao nível da caracterização psicométrica, a escala CTS2 apresenta índices de boa fidelidade e validade, nomeadamente: abuso físico sem sequelas ($\alpha = .86$); abuso físico com sequelas ($\alpha = .95$); coerção sexual ($\alpha = .87$); negociação ($\alpha = .86$) e agressão psicológica ($\alpha =$

.86). O valor do alfa de *Cronbach* referente à consistência interna da escala total para a perpetração é $\alpha = .79$ e para a vitimização $\alpha = .80$ (Figueiredo & Paiva, 2008) (Anexo 3).

No que se refere à caracterização psicométrica resultante do presente estudo, a escala apresenta índices de boa fidelidade, nomeadamente: abuso físico sem sequelas ($\alpha = .941$); abuso físico com sequelas ($\alpha = .895$); coerção sexual ($\alpha = .870$); negociação ($\alpha = .886$) e agressão psicológica ($\alpha = .908$). O valor do alfa de *Cronbach* referente à escala total para a perpetração é $\alpha = .912$ e para a vitimização $\alpha = .926$. Posto isto, em comparação à validação portuguesa, esta investigação apresentou valores de fidelidade superiores, demonstrando uma consistência interna elevada.

2.6.3. Escala de homofobia internalizada (Ross & Rosser, 1996 adaptado para a população portuguesa por Pereira & Leal, 2005)

A Escala de Avaliação da Homofobia Internalizada foi desenvolvida por Ross e Rosser (1996) e adaptada para a língua e população portuguesa por Pereira e Leal (2005).

A escala de avaliação da homofobia internalizada contém 26 itens nos quais as respostas são anotadas com o recurso a uma escala de tipo *Likert* que varia entre 1, correspondente a “discordo totalmente” e 7, correspondente a “concordo totalmente”. A escala é composta por duas dimensões distintas: a perceção interna do estigma associado à homossexualidade, relativo à homofobia condicionada e reproduzida devido a fatores internos (exemplo: ‘homens homossexuais obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável’); e a perceção externa do estigma associado à homossexualidade que é, por sua vez, associada à homofobia condicionada e reproduzida por fatores externos (exemplo: “a maioria das pessoas tem reações negativas à homossexualidade”) (Pereira & Leal, 2005).

De forma à escala poder ser aplicada a ambos os géneros, as questões referentes somente à homossexualidade masculina foram adaptadas para os homossexuais do género feminino, e por conseguinte para os indivíduos bissexuais por Rodrigues (2010) (por exemplo, o item “Homens homossexuais obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável” foi adaptado para “Homens homossexuais obviamente efeminados/mulheres homossexuais obviamente masculinas fazem-me sentir desconfortável”), sendo que nesta investigação irá ser utilizada esta versão.

No que diz respeito à consistência interna, para os 304 casos obtidos no estudo de adaptação, o alfa de *Cronbach* geral foi de .744 que segundo Pestana e Gageiro (1999, citado por Pereira & Leal, 2005) é um valor aceitável, quando às dimensões, a perceção interna do

estigma tem como alfa de *Cronbach* .816 e a percepção externa do estigma tem .645 como alfa de *Cronbach* (Anexo 4).

Relativamente às qualidades psicométricas obtidas nesta investigação acerca da Escala de Homofobia Internalizada, o alfa de *Cronbach* geral foi de .783, sendo superior à validação portuguesa. Quanto às dimensões do instrumento, estas demonstram uma fidelidade aceitável, nomeadamente: a percepção interna do estigma ($\alpha = .691$) e a percepção externa do estigma ($\alpha = .657$). Neste caso, o alfa de *Cronbach* das dimensões diverge da validação portuguesa, pois a primeira dimensão apresenta uma consistência interna menor, e a segunda dimensão uma consistência interna superior.

2.7. Procedimentos de recolha de dados

Para a realização deste trabalho de investigação, foi pedido primeiramente a autorização para a utilização dos instrumentos selecionados aos autores dos mesmos com o intuito de serem utilizados neste projeto, aos quais nos foi confirmada a utilização.

Devido à pandemia instalada no nosso país, designada *Covid-19*, a recolha de dados foi realizada através da aplicação dos instrumentos em formato *online* a partir da plataforma *Google Forms*. Este questionário englobou os instrumentos explanados anteriormente (questionário sociodemográfico, escalas de táticas de conflito revisadas e a escala de homofobia internalizada). Assim como foi necessária a participação dos jovens adultos e adultos, também foi imperativo que neste questionário nos fosse indicada a autorização dos respetivos participantes através do pedido, que estava explícito no início do preenchimento. Posto isto, o questionário elaborado foi partilhado *online* através dos contactos mais próximos para o preenchimento dos três instrumentos, sendo que no seguimento desta modalidade de amostragem, o número de respostas aumentou pelo conseqüente aumento da partilha por parte desses mesmos contatos. Por fim, após a recolha dos dados estes foram codificados e introduzidos numa base de dados e sujeitos a tratamento estatístico, tendo sido utilizado o programa *IBM SPSS Statistics* versão 28. Ainda, é importante mencionar que antes da análise estatística dos dados, foi calculada a normalidade da amostra com o intuito de saber se os pressupostos da normalidade e homogeneidade de variâncias se confirma ou não. Atendendo aos resultados obtidos, foram selecionados os testes paramétricos ou não paramétricos mais adequados para a análise das variáveis.

3. Resultados e Discussão

Neste ponto serão apresentados os resultados relacionados com as variáveis principais sendo elas a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada, associando estas com as variáveis sociodemográficas presentes no estudo sendo estas, a orientação sexual dos participantes, a idade, a escolaridade, o estado civil, o tempo do relacionamento (presente ou passado) e o *coming out* dos indivíduos. Com recurso ao programa *IBM SPSS Statistics* versão 28 estas variáveis foram alvo do teste de normalidade, onde algumas se demonstraram normais e outras não (anexo 5), sendo que os testes realizados para testar as hipóteses investigação foram os paramétricos, nomeadamente, *Pearson*, *Teste T* para variáveis independentes e ainda o teste *ANOVA*, bem como os testes não paramétricos, como, o *Spearman*, *Mann-Whitney* e o *Kruskall-Wallis*.

Para além disto, será realizada neste ponto a discussão dos resultados, comparando os mesmos com a literatura já existente sobre a temática, uma vez que dado à extensão de dimensões dos instrumentos bem como das variáveis presentes, tornasse mais simples a organização bem como a leitura dos dados.

3.1. Descrição da violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada

Quanto à caracterização da amostra em termos da violência entre parceiros íntimos LGB, a pontuação média encontrada acerca da Perpetração de Violência Total encontra-se abaixo da média ($M = 79.167$. $DP = 30.105$) tendo em conta os valores mínimos ($\min = 39$) e valores máximos ($\max = 312$), ainda, no que se refere à Vitimização da Violência Total, esta também está abaixo da média ($M = 82.460$. $DP = 36.140$) tendo em os valores mínimos ($\min = 39$) e valores máximos ($\max = 312$) possíveis do instrumento.

Optando apenas por descrever as dimensões totais do instrumento sobre a violência, denota-se que a Perpetração da Negociação encontrasse acima da média ($M = 29.520$. $DP = 10,025$) bem como a Vitimização da Negociação ($M = 27.180$. $DP = 10.378$), tendo ambas os valores mínimos ($\min = 6$) e valores máximos ($\max = 48$). Relativamente à dimensão total da Perpetração de Agressão Psicológica, esta encontra-se abaixo da média ($M = 16.913$. $DP = 10.587$), estando de igual modo abaixo da média a Vitimização da Agressão Psicológica ($M = 18.300$. $DP = 11.883$), apresentando ambas as dimensões valores mínimos ($\min = 8$) e valores máximos ($\max = 64$). No que se refere à dimensão da Perpetração de Abuso Físico Sem Sequelas Total, demonstra-se abaixo da média ($M = 15.960$, $DP = 10.164$), sendo que também a Vitimização de Abuso Físico Sem Sequelas Total está com pontuações médias inferiores (M

= 18.393. DP = 14.061), tendo ambas as dimensões valores mínimos (min = 12) e valores máximos (max = 96). Ainda, no que consta sobre a dimensão total da Perpetração de Abuso Físico Com Sequelas, esta está abaixo da média (M = 7.280. DP = 4.676) bem como a dimensão da Vitimização Perpetração de Abuso Físico Com Sequelas Total (M = 7.127. DP = 4.249), apresentando os dois valores mínimos (min = 6) e valores máximos (max = 27). Por fim, a dimensão total da Perpetração de Coerção Sexual encontra-se abaixo da média (M = 9.493. DP = 6.081), estando na mesma situação a dimensão Vitimização de Coerção Sexual, sendo que estas têm como valores mínimos (min = 7) e valores máximos (max = 56).

Em suma, denota-se que na amostra desta investigação, os participantes revelam médias superiores na Perpetração da Negociação bem como na Vitimização da Negociação, mostrando que tanto os agressores como as vítimas tendem a resolver mais facilmente uma discórdia sustentada na argumentação, comunicação e afeto positivo, sendo este o motivo que leva os indivíduos deste estudo a revelarem médias inferiores em todas as dimensões da violência, sendo menos perpetradores e vítimas de todo o género de agressão.

No que diz respeito à homofobia internalizada, o instrumento total apresentou uma pontuação acima da média (M = 78.227. DP = 13.429), tendo como referência os valores mínimos (min = 26) e valores máximos (max = 130). Este questionário apresenta duas dimensões, onde a Perceção Interna do Estigma demonstra-se abaixo da média (M = 55.693. DP = 9.722), tendo em conta os valores mínimos (min = 19) e valores máximos (max = 57), por fim a dimensão da Perceção Externa do Estigma que se encontra acima da média (M = 22.533. DP = 5.211).

Posto isto, nesta amostra os participantes revelam altos níveis de homofobia internalizada, sendo que interiorizam atitudes negativas e estereótipos relativos à homossexualidade/bissexualidade partilhados pela sociedade, desvalorizando-se a si mesmos. Estes indivíduos apresentam de forma mais elevada, uma homofobia internalizada condicionada e reproduzida por fatores externos. Ou seja, a presente amostra poderá estar a enfrentar preconceitos sociais relacionados com a sua orientação sexual, levando a que os indivíduos vivenciem um conflito entre aquilo que são os seus sentimentos e valores sobre a sua sexualidade e aquelas que são as normas sociais vigentes, levando ao processo de internalização de normas contra a homossexualidade/bissexualidade.

Devido à sua grande extensão, a tabela (tabela 2) com a totalidade das dimensões estará em anexo (Anexo 6).

3.2. Diferenças na violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual

Nas características que seguem a curva normal, recorreremos ao teste *ANOVA*, para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual dos participantes, onde conseguimos perceber, que não houve nenhuma diferença significativa entre estas duas variáveis. Foi ainda utilizado o teste Gabriel, onde se pode constatar que não houve diferenças significativas entre os grupos. A tabela (Tabela 3) com os respectivos resultados encontra-se em anexo (anexo 7).

Por sua vez, nos dados que não seguiram a curva normal, utilizou-se o teste H de *Kruskall-Wallis*, para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a orientação sexual dos participantes, existindo diferenças estatisticamente significativas com a perpetração de abuso físico com sequelas severo ($H = 8.001, p = .046$), bem como com a perpetração de coerção sexual severo ($H = 10.93, p = .012$). A tabela encontra-se em anexo (Anexo 7).

No que diz respeito à hipótese de investigação número 1 “*A violência entre parceiros íntimos LGB, varia em função da orientação sexual dos participantes*”, não foi confirmada, uma vez que não existiram diferenças significativas entre a violência entre parceiros íntimos LGB na globalidade e a orientação sexual dos participantes.

Contudo registou-se a presença de uma diferença significativa com a perpetração de abuso físico com sequelas severo, demonstrando que os participantes que são homens bissexuais exercem mais o uso de força física contra o seu companheiro/a, podendo resultar em existência de dor continuada por mais de um dia, lesão de ossos ou tecidos que poderão merecer atenção médica. Também se percebeu a existência de uma diferença significativa com a perpetração de coerção sexual severa, sendo igualmente os homens bissexuais a compelir de forma mais acentuada o seu/sua companheiro/a a envolver-se numa atividade sexual indesejada, abrangendo atos coercivos que poderão ir desde a insistência verbal, ameaças e uso de força física. Estes resultados vão de encontro com uma variedade de estudos (Finneran & Stephenson, 2014; Mena et al., 2005), uma vez que estes sugerem que os homens bissexuais sofrem mais violência entre parceiros íntimos em comparação com as mulheres bissexuais. Ainda, os estudos de Nydegger e colaboradores (2020) bem como de Decker e colegas (2018), apontam que as pessoas que se identificam como bissexuais são mais propensas a relatar vitimização física e sexual. Mais especificamente, homens com histórico de bissexualidade relataram com mais frequência terem sido vítimas de violência física em comparação com as mulheres bissexuais (Finneran et al., 2017; Woodyatt & Stephenson, 2016).

Tabela 4

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a orientação sexual

	Gays	Lésbicas	Homens Bissexuais	Mulheres bissexuais	<i>Kruskal wallis</i>		
	OM	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PAFCSS	71.00	77.75	83.67	75.69	8.001	3	.046*
PCSS	72.00	73.65	84.72	78.98	10.933	3	.012*

$p \leq .05^*$

3.3. Diferenças na violência entre parceiros íntimos LGB em função da idade

Para as variáveis que seguiram a curva normal, foi utilizado o *teste t de student* para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da idade dos participantes, como se pode ver através da tabela 5, há diferenças significativas com a perpetração de agressão psicológica total [(t(148) = -2.261, p = .025], e muito significativas com a perpetração de agressão psicológica ligeira [(t(148) = -2.593, p = .010], também com a vitimização de agressão psicológica total [(t(148) = -3.144, p = .002] e por fim, com a vitimização de agressão psicológica ligeira [(t(148) = -3.184, p = .002].

De acordo com as diferenças encontradas, é possível constatar que os participantes com idades compreendidas entre os 28 e os 66 anos (mais velhos) são mais vítimas, mas também mais perpetradores de violência psicológica, ou seja, são os que mais recebem, mas também os que recorrem a mais atos verbais (ameaças) e não verbais (simbólicos) que são suscetíveis de magoar o outro. Estes resultados não vão de encontro com as investigações já existentes, pois ao nível da vitimização, autores como Karakurt e Silver (2013) demonstraram que o abuso emocional se revelou mais comum nos participantes mais novos (os participantes deste estudo tinham entre 18 e 34 anos). Estes resultados são igualmente corroborados por de Finneran e Stephenson (2014), Ojeda e colaboradores (2017), Osório (2016), Stephenson e Finneran (2016) e Suarez e colaboradores (2018), que constataram que o grupo etário que apresenta percentagens mais elevadas de vitimização de agressão psicológica, é o grupo dos mais jovens da amostra. Por fim, no que se refere à perpetração, a meta análise realizada por Osório (2016) demonstra que o grupo etário dos mais novos exercem mais violência psicológica contra o seu/sua companheiro/a.

A tabela 5 completa encontra-se em anexo (anexo 8).

Tabela 5

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade

	Idade				Teste T		
	18 - 27 anos		28 - 66 anos		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
PAPT	14.960	9.456	18.816	11.323	-2.261	148	.025*
PAPL	9.135	6.433	12.158	7.763	-2.593	148	.010**
VAPT	15.297	8.650	21.224	13.789	-3.144	148	.002**
VAPL	9.378	6.159	13.132	8.116	-3.184	148	.002**

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$

Utilizando o teste U de *Mann-Whitney* nas dimensões que não seguem a curva normal, para avaliar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade dos participantes, encontramos diferenças significativas na perpetração da violência ($U = 2254.5$, $p = .036$) e muito significativas na vitimização da violência ($U = 2102.5$, $p = .008$). Quanto às dimensões mais específicas, encontraram-se diferenças significativas na vitimização de abuso físico sem sequelas total ($U = 2340.0$, $p = .048$), na vitimização de abuso físico sem sequelas severo ($U = 2415.0$, $p = .028$) e por fim, na perpetração de abuso físico com sequelas total ($U = 2475.0$, $p = .028$). A tabela 6 completa encontra-se em anexo (anexo 8).

Como se percebe na tabela 6, são os participantes com idades compreendidas entre os 28 e os 66 anos (mais velhos) que são mais vítimas, mas também mais perpetradores de violência. Estes resultados não vão de encontro à literatura, pois segundo os estudos de Stephenson e Finneran (2017), bem como o estudo de Suarez e colaboradores (2018), a vitimização e a perpetração de violência evidenciaram-se mais frequentes nos participantes mais jovens.

Especificamente, ao nível das diferenças significativas que envolvem as dimensões da violência, percebe-se que os mais velhos são mais vítimas de abusos físicos sem sequelas e mais perpetradores de abuso físico com sequelas, ou seja, são estes que, sofrem mais por parte do seu/sua companheiro/a, ou que perpetuam, atos que envolvam força física, que pode ou não causar dano físico, como dor continuada, lesões ao nível da pele ou ossos, podendo precisar de assistência médica. Estes dados também não se enquadram com a literatura, pois esta afirma que são os mais novos a ter uma maior tendência a perpetuar e a serem vítimas de atos fisicamente violentos (Costa et al., 2011; Cunradi, 2009; Greenwood et al., 2002; Machado & Antunes, 2012). Unicamente sobre a vitimização, nos estudos de Finneran e Stephenson (2014), Ojeda e colaboradores (2017), Osório (2016), Stephenson e Finneran (2016) e Suarez e colaboradores (2018), percebeu-se que o grupo etário que apresenta percentagens mais elevadas

de qualquer tipo de vitimização, é o grupo dos mais jovens, sendo que o tipo de vitimização predominante, é o abuso físico. Já quanto à perpetração, Miltz e colaboradores (2019) e Osório (2016), revelaram que eram os indivíduos mais novos que admitiam cometer mais atos violência física.

No que diz respeito à hipótese de investigação número 2 “*A violência entre parceiros íntimos LGB varia conforme a idade, sendo os participantes mais novos mais vítimas e perpetradores*”, não foi confirmada, sendo que apesar de haver diferenças significativas que confirmem a variação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade, os resultados do presente estudo não vão de encontro ao estado de arte, uma vez que os resultados indicam que são os indivíduos com idades compreendidas entre os 28 e os 66 anos (mais velhos) a serem mais vítimas e perpetradores de violência e a literatura afirma exatamente o oposto, que são os mais novos mais vítimas e perpetradores de abusos.

Com isto, denota-se que não houve consenso entre a literatura apresentada e os resultados obtidos neste estudo, sendo que, mesmo que as idades estejam divididas de forma equitativa entre os dois grupos (mais novos 74 participantes e mais velhos 76 participantes), as idades que pertencem ao grupo dos mais velhos é mais díspar, ou seja, inclui idades muito diferentes o que poderá ter feito que os mais velhos (26 aos 66) sejam mais perpetradores e vítimas de violência que os mais novos, com o grupo a ter idades mais próximas (18 aos 27). Outra das possíveis explicações para a discordância de resultados, é que os participantes com mais idade poderão estar em relações mais duradouras, podendo haver uma maior probabilidade de já terem ocorrido episódios de violência entre os casais, esta explicação vai ao encontro dos resultados obtidos na presente investigação, onde se confirmou que mais tempo de relacionamento está relacionado à existência de mais violência entre os casais LGB.

Tabela 6

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade

	Idade		U de Mann-Whitney	
	18 - 27 anos OM	28 - 66 anos OM	U	p
PV	67.97	82.84	2254.500	.036*
VV	65.91	84.84	2102.500	.008**
VAFSST	69.12	81.71	2340.000	.048*
VAFSSS	70.14	80.72	2415.000	.028*
PAFCST	70.95	79.93	2475.000	.028*

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$

3.4. Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da escolaridade

Neste âmbito, serão apenas averiguadas três escolaridades (ensino secundário, licenciatura e mestrado), uma vez que as restantes (1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e doutoramento) não reuniram a quantidade de respostas necessárias para a realização de uma análise detalhada e com resultados fidedignos.

Foi utilizado o teste de *ANOVA* nas dimensões que seguem a curva normal, para avaliar a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da escolaridade dos participantes. Assim, há diferenças significativas entre a escolaridade e a perpetração da negociação total ($F = 3.712$, $p = .007$), com a perpetração da negociação emocional ($F = 2.437$, $p = .050$) e com a perpetração da negociação cognitiva ($F = 4.132$, $p = .003$). Foram encontradas também diferenças significativas entre a escolaridade e a vitimização da negociação total ($F = 3.377$, $p = .011$) e com a vitimização da negociação cognitiva ($F = 4.523$, $p = .002$). No que se à perpetração da violência, encontrou-se diferenças significativas entre a escolaridade e a perpetração da agressão psicológica total ($F = 2.484$, $p = .046$) e entre a perpetração da agressão psicológica ligeira ($F = 2.849$, $p = .024$). No que se refere à vitimização, encontrou-se diferenças significativas entre a vitimização da agressão psicológica ligeira ($F = 2.583$, $p = .040$). Em todas as diferenças encontradas, a pontuação média superior encontrasse nos participantes com licenciatura. Recorrendo ao teste Gabriel, não foram encontradas diferenças significativas entre grupos na dimensão de vitimização de agressão psicológica total. A tabela 7 completa encontra-se em anexo (Anexo 9).

Utilizando-se o teste *Kruskal-Wallis* para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da escolaridade dos participantes nas variáveis que não seguem a curva normal, conseguimos perceber, que não houve nenhuma diferença significativa entre estas duas variáveis. A tabela 8 completa encontrasse em anexo (anexo 9)

Tabela 7

Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade

	Ensino Secundário	Licenciatura	Mestrado	<i>ANOVA</i>	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
PNT	27.423 (11.177)	32.121 (9.249)	29.143 (8.213)	3.712	.007
PNE	14,942 (5,958)	17,448 (4,649)	16,321 (4,380)	2.437	.050

Continua

Continuação

PNC	12,480 (5,975)	14,672 (5,645)	12,821 (5,018)	4.132	.003
VNT	24,923 (11,018)	29,931 (10,204)	26,464 (8,535)	3.377	.011
VNC	11.192 (5.715)	13.758 (6.145)	11.428 (4.779)	4.523	.002
PAPT	15.500 (9.732)	18.793 (10.805)	15.392 (10.289)	2.484	.046
PAPL	9.596 (6.604)	12.310 (7.854)	9.035 (5.646)	2.849	.024
VAPL	10.461 (6.433)	13.051 (8.421)	9.535 (6.697)	2.583	.040

p ≤ .05*

A hipótese de investigação número 3 “*A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função da escolaridade dos participantes, sendo os sujeitos com menos educação os mais perpetradores e vítimas*” não se demonstra confirmada, isto porque, não foram apresentadas diferenças significativas entre as variáveis da perpetração e vitimização totais da violência e a escolaridade dos participantes.

Contudo, denotou-se que os participantes com um grau mais elevado de escolaridade, neste caso a licenciatura, são aqueles que perpetram, mas que também são mais vítimas de abusos psicológicos, ou seja, recorrem de forma consistente a atos verbais e não verbais que são suscetíveis de magoar o outro. Isto não vai de encontro com a literatura, pois esta demonstra que um baixo nível de escolaridade está associado a elevados valores de perpetração de violência (Balik & Bilgin, 2019; Melander, Noel & Tyler, 2010; Moreira, 2017; WHO, 2010). No que se refere à vitimização, os resultados também não vão ao encontro da literatura, pois Bartholomew e colaboradores (2008), Fernandes (2016), Finneran e Stephenson (2013), Gomes (2011), Greenwood e colaboradores (2002) e Vieira (2013) constataram que baixos níveis de educação foram associados a diferentes graus de violência a que os sujeitos eram vítimas.

Mais especificamente, ao nível das dimensões que se encontram associadas à variável da violência entre parceiros íntimos LGB, denotou-se que houve diferenças significativas e positivas em todas as dimensões da perpetração e da vitimização da Negociação. É importante denotar que esta é uma tática não abusiva de resolução de conflitos (sendo por isso positiva), onde neste caso, tanto os perpetradores de violência como as vítimas que possuem uma escolaridade mais elevada, utilizam na sua maioria ações levadas a cabo para resolver uma discórdia através da argumentação racional, comunicação de afetos positivos ou expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo/a companheiro/a.

Posto isto, através do resultado anterior, percebe-se que são os indivíduos com mais escolaridade a perpetuarem e a serem mais vítimas de violência, contudo, são igualmente estes, que usam mais a negociação (prática positiva) como tática de resolução de conflitos, demonstrando aqui pouca congruência na amostra do presente estudo.

Em conclusão, percebeu-se que não houve consenso entre a literatura apresentada e os resultados obtidos neste estudo, isto poderá dever-se ao facto de a amostra da presente investigação ser constituída predominantemente por indivíduos com licenciatura, estando as outras escolaridades, nomeadamente as pessoas com menos estudos, em minoria, não havendo por isso um equilíbrio entre os graus de escolaridade, explicando assim o motivo de serem os participantes com mais estudos também os que mais perpetuam violência. Outra explicação possível, poderá prender-se com os indivíduos com maiores níveis de escolaridade compreenderem melhor a sua realidade e a importância de reportar as suas experiências, pelo que poderão responder de forma mais genuína aos instrumentos do que as pessoas com menos escolaridade.

3.5. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos em função do estado civil

Relativamente às variáveis que apresentam uma curva normal, foi utilizado o teste *ANOVA*, para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos em função do estado civil dos participantes, conseguimos perceber que existe uma diferença significativa entre a perpetração de agressão psicológica total e o estado civil ($F = 2.754$, $p = .015$), sendo que nesta dimensão a pontuação média mais alta encontrada foi na categoria de divorciado/a ($M = 27.600$, $DP = 12.096$) e a pontuação média mais baixa foi na categoria de namoro ($M = 13.720$, $DP = 6.987$). Recorrendo ao teste Gabriel, na dimensão perpetração de agressão psicológica total, verificamos que existe uma diferença significativa entre os estados civis de namoro e divorciado/a ($DM = -13.88$, $p = .029$).

Foram ainda encontradas diferenças significativas entre a vitimização de agressão psicológica total e o estado civil dos participantes ($F = 2.447$, $p = .028$), onde nesta dimensão a pontuação média mais alta encontrada foi no divorciado/a ($M = 28.800$, $DM = 16.038$) e a pontuação média mais baixa foi no namoro ($M = 14.920$, $DP = 7.458$). A tabela 9 na sua totalidade encontra-se em anexo (Anexo 10).

Recorrendo ao teste Gabriel, não foram encontradas diferenças significativas entre grupos na dimensão de vitimização de agressão psicológica total.

Como se pode constatar, a perpetração bem como a vitimização da agressão psicológica é mais frequente nos casais que se divorciaram, sendo que estes são em grande maioria alvos ou recorrem de forma consistente a atos verbais e não verbais que são suscetíveis de magoar o outro. Este resultado vai de encontro com os estudos de Caridade e Machado (2007), Santos (2015) e Suarez e colaboradores (2018), dado terem encontrado diferenças entre a vitimização da agressão psicológica e os casais divorciados, contudo no que se refere à perpetração da agressão psicológica, o resultado já não é congruente com as investigações, pois estas afirmam que esta dimensão está relacionada com os casais que têm um relacionamento de união de facto.

Tabela 9

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas estive numa relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
PAPT	15.154 (9.207)	17.405 (11.831)	21.000 (13.904)	13.720 (6.987)	21.118 (12.186)	21.091 (13.707)	27.600 (12.096)	2.754	.015*
VAPT	15.346 (8.323)	20.243 (14.188)	22.750 (15.945)	14.920 (7.458)	21.588 (14.689)	22.637 (14.603)	28.800 (16.038)	2.447	.028*

$p \leq .05^*$

Com recurso ao teste H de *Kruskall-Wallis* para avaliar as dimensões que não seguem uma curva normal, para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil dos participantes, percebemos que há diferenças significativas com a perpetração de abuso físico sem sequelas total ($H = 13.943$, $p = .036$), com a vitimização do abuso físico sem sequelas total ($H = 13.587$, $p = .038$) e ainda com a vitimização de abuso físico sem sequelas ligeiro ($H = 13.587$, $p = .035$). Nestas diferenças encontradas, percebeu-se que os casais que se encontram divorciados, são mais perpetradores, mas também mais vítimas de abusos em que se usa força física contra a outra pessoa, mas que não resultam em danos físicos. Posto isto, a dimensão da perpetração de abuso físico sem sequelas, não vai de encontro com o estado de arte, porque apesar de os estudos de Caridade e Machado (2007), Santos (2015), Suarez e colaboradores (2018) revelarem uma diferença significativa com o estado civil, estes afirmaram que quem mais perpetuava abuso físico sem sequelas eram os casais que se encontravam em união de facto. Por sua vez, e de acordo com o estudo anterior, as diferenças

encontradas neste estudo sobre a vitimização de abuso físico sem sequelas são coerentes, pois os autores também encontraram um maior índice de prevalência desta forma de violência em pessoas que se divorciaram.

Observou-se também diferenças significativas com a perpetração de abuso físico com sequelas total ($H = 14.125$, $p = .028$), e muito significativas com a perpetração de abuso físico com sequelas severo ($H = 20.177$, $p = .003$) e com a vitimização de abuso físico com sequelas severo ($H = 19.706$, $p = .003$). Portanto, denota-se que os casais que se identificam como “amigos coloridos”, são aqueles que são mais vítimas, mas também aqueles que mais perpetuam atos violentos que podem infligir ferimentos graves no seu/sua companheiro/a. O estudo de Gover e colaboradores (2008) corrobora este resultado, já que sugeriram que as relações do tipo “amizades coloridas” ampliam o risco de perpetração e vitimização de comportamentos violentos.

Ainda, constata-se diferenças extremamente significativas com a perpetração da coerção sexual severo ($H = 24.025$, $p = .001$). Neste caso, os sujeitos que se divorciaram apresentavam mais intenções em compelir o/a companheiro/a a envolver-se numa atividade sexual indesejada (vaginal, oral ou anal). Este resultado também vai ao encontro do estudo de Rodríguez e colaboradores (2017), que revelaram que a perpetração da coerção sexual tem uma maior prevalência em relacionamentos que terminaram em divórcio.

A tabela 10 na sua totalidade encontra-se em anexo (Anexo 10).

A hipótese de investigação número 4 “*A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função do estado civil dos participantes*” não foi confirmada, uma vez que não existiram diferenças significativas entre a violência entre parceiros íntimos LGB na globalidade (variáveis totais do instrumento) e o estado civil dos participantes, contudo, como se pode verificar anteriormente, registou-se a presença de várias diferenças significativas entre as dimensões que constituem a violência entre parceiros íntimos LGB e os estados civis de divorciados e amigos coloridos.

Em conclusão, foi possível compreender a existência de algumas incoerências entre os resultados dos tipos de violência, sendo que na presente investigação a perpetração da agressão psicológica e a perpetração do abuso físico sem sequelas é mais predominante nos casais que se divorciaram, do que nos casais que vivem em união de facto, como afirma a literatura (Caridade & Machado, 2007; Santos, 2015; Suarez et al., 2018), isto poderá dever-se ao facto dos casais que vivem em união de facto da presente amostra terem uma relação mais estável, sendo que houve mais tipos de violência que levaram ao término das relações (divórcio).

Igualmente, e trazendo uma realidade atual, a Pandemia Covid-19 poderá ter influenciado a existência de maiores índices de violência entre os casais, já que obrigou os indivíduos a passar mais tempo em casa, prejudicando as suas qualidades de vida e consequentemente a qualidade dos relacionamentos, relacionando assim a violência entre os casais LGB que viviam juntos ao fim das relações através dos divórcios.

Tabela 10

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas com relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	<i>Kruskal-Wallis</i>		
	OM	OM	OM	OM	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PAFSST	69.40	85.15	94.88	67.37	76.00	68.73	114.80	13.493	6	.036*
VAFSST	75.63	87.38	87.50	64.91	66.12	76.09	113.80	13.332	6	.038*
VAFSSL	76.50	87.58	84.00	65.16	63.32	78.50	112.30	13.587	6	.035*
PAFCST	77.21	80.41	103.63	68.82	70.94	72.77	96.10	14.152	6	.028*
PAFCSS	79.38	75.14	108.00	71.00	75.65	71.00	86.40	20.177	6	.003**
VAFCSS	74.35	75.50	109.00	72.98	76.12	71.50	86.60	19.706	6	.003**
PCSS	77.73	72.00	109.13	73.54	76.59	72.00	86.50	24.025	6	.001***

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$; $p \leq .001^{***}$

3.6. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

Recorrendo ao teste *t de student* para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento dos participantes nas variáveis que seguem a curva normal, conseguimos perceber, através da tabela abaixo, que há diferenças significativas com a perpetração da negociação total [(t(148) = -2.060, p = .041] e com a perpetração da negociação cognitiva [(t(148) = -2.174, p = .031]. Acrescenta-se ainda, diferenças extremamente significativas com a perpetração de agressão psicológica total [(t(148) = -3.253, p = .001], com a vitimização de agressão psicológica total [(t(148) = -3.463, p = .001], com a vitimização de agressão psicológica ligeira [(t(148) = -3.772, p = .000], e por fim, uma diferença muito significativa com a perpetração de agressão psicológica ligeira [(t(148) = -2.859, p = .005]. A tabela 11 na sua totalidade encontra-se em anexo (Anexo 11).

De acordo com as diferenças encontradas, é possível constatar que os participantes com relacionamentos com mais tempo são mais vítimas, mas também mais perpetradores de agressão psicológica, ou seja, são estes que podem sofrer ou executar em maior quantidade de atos verbais ou não verbais que são suscetíveis de magoar o seu par. Barreira e colaboradores

(2013) bem como Santos e Caridade (2017) corroboraram este resultado pois observaram uma associação positiva entre a duração do relacionamento e o número de episódios de violência psicológica.

Tabela 11

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

	Tempo de relacionamento				Teste T		
	Menos tempo		Mais tempo		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
PNT	27.896	11.494	31.233	7.921	-2.060	148	.041*
PNC	12.351	6.368	14.384	4.957	-2.174	148	.031*
PAPT	14.260	8.990	19.712	11.452	-3.253	148	.001***
PAPL	9.052	6.732	12.370	7.479	-2.859	148	.005**
VAPT	15.143	8.808	21.630	13.727	-3.463	148	.001***
VAPL	9.143	5.949	13.534	8.187	-3.772	148	.000***

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$; $p \leq .001^{***}$

Utilizando o teste U de *Mann-Whitney* nas dimensões que não seguem a normalidade da curva, para avaliar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento dos participantes, encontramos diferenças muito significativas na perpetração da violência ($U = 2024,500$, $p = .003$) e na vitimização da violência ($U = 2019,000$, $p = .003$). Quanto às dimensões mais específicas, encontrou-se diferenças significativas na perpetração de abusos físico sem sequelas total ($U = 2235,00$, $p = .009$), na perpetração de abuso físico sem sequelas ligeiro ($U = 2205,000$, $p = .006$), na vitimização de abuso físico sem sequelas total ($U = 2279,500$, $p = .026$), na vitimização de abuso físico sem sequelas ligeiro ($U = 2300,000$, $p = .032$), na vitimização de abuso físico sem sequelas severo ($U = 2445,000$, $p = .043$), na vitimização de abuso físico com sequelas total ($U = 2515,000$, $p = .044$), na vitimização de abuso físico com sequelas ligeiro ($U = 2521,500$, $p = .037$) e por fim, na perpetração de agressão psicológica severo ($U = 2219,500$, $p = .008$). A tabela 12 completa encontra-se em anexo (Anexo 11).

Como se percebe na tabela abaixo (tabela 12), são os participantes com um tempo de relacionamento mais duradouro que são mais vítimas, mas também mais perpetradores de violência. Isto é, houve diferenças significativas com a perpetração e com vitimização da violência global, ou seja, nesta amostra os participantes com um relacionamento com uma maior durabilidade apresentam uma tendência a exercerem abusos (físicos, psicológicos e sexuais) contra os/as parceiros/as e, por conseguinte, estes serem igualmente mais vítimas. Quem chegou ao mesmo resultado foram Beserra e colaboradores (2016), que constaram que

quanto maior a duração da relação de intimidade, mais são os comportamentos de vitimização e perpetração entre casais do mesmo sexo e bissexuais.

De forma mais específica, também foram encontradas neste estudo diferenças significativas no âmbito da perpetração e vitimização da agressão física com e sem sequelas, ou seja, os participantes desta investigação utilizam ou são vítimas de abusos onde a força física contra outra pessoa existe, mas que, ou não resulta em sequelas, ou então o uso de força pode causar dor e ferimentos leves ou graves. O estudo de Santos e Caridade (2017) tem semelhanças com a presente investigação, uma vez que, ao analisarem a relação entre a duração do relacionamento e a prevalência dos comportamentos abusivos no mesmo, demonstraram que a perpetração do Abuso Físico Sem Sequelas Ligeiro se encontrava positivamente relacionada com a duração do relacionamento, sendo que os indivíduos com relacionamentos mais longos tendem a sofrer mais de comportamentos fisicamente abusivos e severos que não deixam sequelas. Já no que toca às restantes dimensões com diferenças significativas, não existem estudos que tivessem encontrado associações com o tempo de relacionamento.

Assim a hipótese de investigação número 5 “*A violência entre parceiros íntimos LGB varia em função do tempo de relacionamento, sendo os participantes com relacionamentos mais longos mais perpetradores e vítimas*” foi totalmente confirmada, dado a existência de diferenças significativas entre a perpetração da violência bem como da vitimização da violência e o tempo de relacionamento, sendo que efetivamente os casais que detêm uma relação mais duradoura, têm uma maior probabilidade de exercerem ou serem vítimas de abusos físicos, psicológicos e sexuais.

Tabela 12

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

	Tempo de relacionamento		U de <i>Mann-Whitney</i>	
	Menos tempo	Mais tempo	U	p
	OM	OM		
PV	65.29	86.27	2024.500	.003**
VV	65.22	86.34	2019.000	.003**
PAFSST	68.03	83.38	2235.000	.009**
PAFSSL	67.64	83.79	2205.000	.006**
VAFSST	68.60	82.77	2279.500	.026*
VAFSSL	68.87	82.49	2300.000	.032*
VAFSSS	70.76	80.50	2445.500	.043*
VAFCST	71.66	79.55	2515.000	.044*
VAFCSL	71.75	79.46	2521.500	.037*
PAPS	67.82	83.60	2219.500	.008**

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$

3.7. Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o *coming out*

Para analisar as variáveis que seguem uma curva normal, recorreu-se ao teste *t de student* para analisar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o *coming out* dos participantes, conseguimos perceber a existência de diferenças significativas com a perpetração da negociação total [(t(148) = 3.367, p = .001], com a perpetração da negociação emocional [(t(148) = 2.896, p = .004], com a perpetração da negociação cognitiva [(t(40,224) = 3.704, p = .001], com a vitimização da negociação total [(t(148) = 2.887, p = .004], com a vitimização da negociação emocional [(t(148) = 2.269, p = .025], e por fim, com a vitimização da negociação cognitiva [(t(42.816) = 3.545, p = .001].

A tabela 13 completa apresenta-se em anexo (Anexo 12).

De acordo com as diferenças encontradas, é possível constatar que os participantes com uma orientação sexual assumida são os que executam mais a negociação como tática de conflito (variável positiva), ou seja, são estes que apresentam uma maior tendência a utilizar em casos de discórdia, a argumentação racional, comunicação de afeto positivo ou expressão de sentimentos de cuidado e respeito pelo/a companheiro/a.

Tabela 13

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o coming out

	<i>Comig out</i>				<i>Teste T</i>		
	Sim		Não		t	gl	P
	M	DP	M	DP			
PNT	30.712	9.770	23.560	9.296	3.367	148	.001***
PNE	16.712	4.941	13.520	5.471	2.896	148	.004**
PNC	14.000	5.788	10.040	4.677	3.704	40.224	.001***
VNT	28.248	10.341	21.840	8.971	2.887	148	.004**
VNE	15.416	5.439	12.720	5.343	2.269	148	.025*
VNC	12.832	5.970	9.120	4.503	3.545	42.816	.001***

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$; $p \leq .001^{***}$

Por sua vez, para averiguar as associações com as variáveis que não seguem a curva normal, utilizou-se o teste U de *Mann-Whitney*, para avaliar as diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o *coming out* dos participantes, encontramos diferenças significativas na perpetração da violência (U = 1143.00, p = .034). Quanto às dimensões mais específicas, encontrou-se diferenças significativas na vitimização de abuso físico com sequelas severo (U =

1360.00, $p = .009$), na dimensão perpetração da coerção sexual severa ($U = 1274.00$, $p = .000$) e por fim, na dimensão vitimização da coerção sexual severa ($U = 1335.00$, $p = .042$). A tabela 14 completa consta-se em anexo (Anexo 12).

Posto isto, a hipótese 6 “*A violência entre parceiros íntimos LGB varia de acordo com o coming out (revelação da orientação sexual) dos sujeitos, sendo que a perpetração e a vitimização são mais predominantes em sujeitos que apresentam um nível mais baixo de coming out*” foi parcialmente confirmada, uma vez que foram encontradas diferenças significativas com a perpetração da violência global mas não com a vitimização global, demonstrando que são os participantes que ainda não revelaram a sua orientação sexual que praticam mais atos agressivos (físicos, psicológicos e sexuais) contra o seu par. Este resultado vai ao encontro do estudo de Balik e Bilgin (2019) que observaram que os sujeitos que apresentam níveis baixos de *coming out* executam mais abusos físicos, psicológicos e sexuais contra os seus parceiros. Os mesmos autores, explicaram que o aumento da violência por parte dos perpetradores pode ser explicada pela ameaça da revelação da orientação sexual do parceiro que ainda não realizou o *coming out*, aumentando assim a perpetração da violência.

Ainda ao nível da perpetração, os participantes com níveis inferiores de *coming out* cometem mais atos de coerção sexual, ou seja, compelem o/a companheiro/a a envolver-se em atividade sexual indesejada, utilizando a insistência verbal, a ameaça e o uso de força. Este resultado é corroborado por Ristock (2005) que observou que os sujeitos que não assumiram a sua orientação sexual, são aqueles que mais perpetuam atos de violência sexual.

No que se refere à vitimização, foram encontradas diferenças significativas entre a vitimização de abuso físico com sequelas severo e a vitimização da coerção sexual severa, demonstrando que os participantes com níveis inferiores de *coming out*, e que por isso não revelaram a sua orientação sexual, tendem a sofrer mais de agressões físicas graves que causam dor continuada, ferimentos nos tecidos ou lesões nos ossos, e ainda, são mais vítimas de atividade sexual indesejada e forçada. Assim, os estudos de Lewis e colaboradores (2017), Rostosky e Riggle (2017) e Winstead e colegas (2014) demonstraram que os indivíduos que não assumiram a sua orientação sexual apresentavam uma maior vulnerabilidade de se tornarem vítimas de atos violentos físicos, psicológicos e sexuais.

Tabela 14

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o coming out

	Coming out		U de Mann-Whitney	
	Sim	Não	U	p
	OM	OM		
PV	58.72	78.86	1143.000	.034*
VAFCS	73.88	83.60	1360.000	.009**
PCSS	73.19	87.04	1274.000	.000***
VCSS	73.68	84.60	1335.000	.042*

$p \leq .05^*$; $p \leq .01^{**}$; $p \leq .001^{***}$

3.8. Diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual

Recorrendo ao teste *ANOVA* para analisar as diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos participantes, conseguimos perceber que não há nenhuma diferença significativa entre estas duas variáveis nem nas dimensões associadas. Contudo é possível observar que existe uma tendência a serem os participantes que se identificam como gays a apresentarem mais homofobia internalizada. A maioria dos estudos também vão de acordo com esta tendência, sendo que os *gays* relatam mais homofobia internalizada em comparação às outras orientações sexuais (Cerqueira-Santos et al., 2017; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Montero et al., 2018; Yolaç & Meriç, 2020; Zhang & Brym, 2019). A tabela 15 com os respectivos resultados encontra-se em anexo (Anexo 13).

Posto isto, a hipótese 7 “*A homofobia internalizada varia em função da orientação sexual dos participantes*” não foi de todo confirmada, já que não foram encontradas diferenças significativas entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos participantes, o que significa que a orientação sexual não exerce influência na homofobia internalizada.

3.9. Diferenças entre a homofobia internalizada e a idade

Foi utilizado o teste *t de student* para averiguar as diferenças entre a homofobia internalizada e a idade dos participantes, onde relativamente aos resultados desta relação não houve diferenças significativas entre estas duas variáveis nem entre as dimensões a estas associadas, contudo pode-se observar que há uma tendência de os participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 27 anos (mais novos) apresentarem mais homofobia internalizada. Os estudos vão ao encontro desta tendência sendo que a sua grande maioria refere que são os indivíduos mais novos que manifestam mais homofobia internalizada, tanto na forma de Percepção Externa do Estigma como na forma de Percepção Interna do Estigma (Anand, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingardi et al., 2016; McGee, 2016; Montero,

2018; Souza, et al., 2018; Zhang & Brym, 2019). A tabela 16 com os respectivos resultados encontra-se em anexo (Anexo 14).

No que se refere à hipótese 8 “*A homofobia internalizada varia de acordo com a idade dos indivíduos, onde os mais novos manifestam índices superiores*” não foi de todo confirmada, uma vez que não existiram diferenças entre a homofobia internalizada e a idade dos participantes, demonstrando que neste estudo a idade não exerce influência na variável homofobia internalizada.

3.10. Relação entre a homofobia internalizada e a escolaridade

Neste âmbito, serão apenas averiguadas três escolaridades (ensino secundário, licenciatura e mestrado), uma vez que as restantes (1º ciclo, 2º ciclo, 3º ciclo e doutoramento) não reuniram a quantidade de respostas necessárias para a realização de uma análise detalhada e com resultados fidedignos.

Utilizou-se o teste de *ANOVA* para avaliar as diferenças entre a homofobia internalizada e a escolaridade dos participantes, onde se percebeu a existência de uma diferença significativa entre estas duas variáveis ($F = 4,612$, $p = .002$). Ainda, no que se refere às dimensões, como podemos ver na tabela abaixo (tabela 17), percebemos que há uma diferença significativa entre a escolaridade e a percepção interna do estigma ($F = 5,427$, $p = .001$).

Desta forma, a hipótese 9 “*A homofobia internalizada varia em função da escolaridade, sendo os participantes com um nível de educação mais baixo a relatar mais homofobia internalizada*”, não foi confirmada, uma vez que mesmo tendo existido diferenças entre a homofobia internalizada total e a escolaridade dos participantes, foram os sujeitos com mais escolaridade a relatar uma maior internalização de estereótipos sociais heterossexistas. Este resultado não vai ao encontro da literatura, já que os diferentes estudos indicam que indivíduos com menos escolaridade apresentam maior homofobia internalizada (Anand, 2016; Antunes, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017).

Contudo registou-se uma diferença significativa com a percepção interna do estigma, indo também no sentido oposto ao da hipótese de investigação formulada, sendo que, os sujeitos desta amostra que demonstram ter mais escolaridade revelam também maior homofobia contra eles próprios, mas condicionada e reproduzida por fatores internos (ex: “homens homossexuais obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável”), ou seja, internalizam todas as atitudes negativas e estereótipos existentes na sociedade, levando a conflitos internos sobre a sua própria orientação sexual. Este resultado não vai de encontro à literatura já existente, pois

os estudos referem que os indivíduos que apresentem um nível de ensino inferior são aqueles que manifestam maiores índices de homofobia internalizada (Anand, 2016; Antunes, 2016; Fisher et al., 2017; Julian Manalastas et al., 2017; Lingardi et al., 2016; McGee, 2016; Zhang & Brym, 2019).

Para concluir, constatou-se que os resultados do estudo por nós realizado e a literatura existente não são coerentes, sendo que esta diferença poderá ser explicada devido à amostra da presente investigação ser constituída predominantemente por indivíduos com licenciatura, estando as outras escolaridades, nomeadamente as pessoas com menos estudos, em minoria, não havendo por isso um equilíbrio entre os graus de escolaridade, explicando assim o motivo de serem os participantes com mais estudos os que apresentam mais perceção interna do estigma, e por isso internalizarem mais estereótipos e valores negativos sobre a sua homossexualidade/bissexualidade.

Tabela 17

Relação entre a homofobia internalizada e a escolaridade

	Ensino Secundário (10º, 11º e 12º)	Licenciatura	Mestrado	<i>ANOVA</i>	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
Homofobia internalizada total	76.653 (16.067)	82.172 (6.720)	76.214 (13.993)	4.612	.002**
Perceção interna do estigma	54.865 (11.724)	58.896 (5.395)	61.333 (.577)	5.427	.001**
Perceção externa do estigma	21.788 (5.542)	23.275 (3.994)	22.928 (5.557)	1.909	.112

$p \leq .01^{**}$; $p \leq .001^{***}$

3.11. Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil

Recorrendo ao teste *ANOVA* para analisar as diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil dos participantes, conseguimos perceber que existe uma diferença significativa entre a perceção externa do estigma e o estado civil ($F = 2,225$, $p = .044$), sendo que nesta dimensão a pontuação média mais alta encontrada foi nos amigos/as coloridos ($M = 27.000$, $DP = 4.831$) e a pontuação média mais baixa encontrada foi no casado/a ($M = 19.818$, $DP = 4.834$).

Recorrendo ao teste Gabriel, verificamos que na dimensão da perceção externa do estigma não se verificaram diferenças significativas entre os grupos.

A tabela 18 completa apresenta-se anexo (anexo 15).

Posto isto, a hipótese número 10 “*A homofobia internalizada varia em função do estado civil dos participantes*” não foi confirmada uma vez que não houve diferenças significativas entre a homofobia internalizada na sua globalidade e o estado civil, contudo, denotou-se que os participantes que mantêm uma relação de “amigos/as coloridos/as” interiorizam mais atitudes negativas e estereótipos relativos à homossexualidade/bissexualidade partilhados pela sociedade, desvalorizando-se a si mesmos. Por conseguinte, a investigação de Dhabhar e Deshmukh (2020) e de Gregório (2015), constataram que a dimensão da Perceção Externa do Estigma encontrava-se mais elevada nos sujeitos que tinham um parceiro em comparação com aqueles que não tinham.

Tabela 18

Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas com relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
Perceção externa do estigma	20.500 (5.962)	22.730 (5.205)	27.000 (4.831)	23.740 (4.115)	22.588 (5.112)	19.818 (4.834)	21.800 (8.438)	2.225	.044*

$p \leq .05^*$

3.12. Diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento

Foi utilizado o teste *t de student* para averiguar as diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento dos participantes, onde relativamente aos resultados desta relação não houve diferenças significativas entre estas duas variáveis nem entre as dimensões a estas associadas, contudo pode-se observar que há uma tendência de os participantes com relacionamentos com uma maior duração apresentarem mais homofobia internalizada. Neste ponto os estudos não são congruentes, já que na investigação de Frost e Meyer (2009) a homofobia internalizada apresenta níveis superiores nos relacionamentos que são mais curtos, por sua vez, não indo de encontro com a tendência deste estudo. Já Cerqueira-Santos e colegas (2017), perceberam que é nos relacionamentos mais longos que os indivíduos manifestam índices mais altos de homofobia internalizada, já indo de encontro à tendência.

A tabela 19 com os respetivos resultados encontra-se em anexo (Anexo 16).

Portanto a hipótese 11 “*A homofobia internalizada varia em função do tempo de relacionamento*” não se encontra confirmada, uma vez que não existiram diferenças entre a

homofobia internalizada e o tempo de relacionamento, demonstrando que na presente investigação o tempo da relação entre um casal não exerce influência na homofobia internalizada.

3.13. Diferenças entre a homofobia internalizada e o *coming out*

Foi utilizado o *teste t de student* para averiguar as diferenças entre a homofobia internalizada e o *coming out* dos participantes, onde relativamente aos resultados desta relação não houve diferenças significativas entre estas duas variáveis nem entre as dimensões a estas associadas, porém torna-se possível verificar que há uma tendência de os participantes que ainda não assumiram a sua orientação sexual apresentarem mais homofobia internalizada, ou seja, canalizam para eles próprios atitudes de valor negativas, levando a um processo de desvalorização do mesmo, resultando em conflitos internos. Esta tendência encontra-se sustentada na literatura já existente, sendo que na grande maioria dos estudos revelam que níveis altos de homofobia internalizada contribuem para que o sujeito oculte ou negue a sua orientação sexual (Antunes, 2016; Dhabhar & Deshmukh, 2020; Rubino et al., 2018; Ryan et al., 2017; Souza et al., 2018; Szymanski et al., 2017; Yolaç & Meriç, 2020).

A tabela 20 com os respetivos resultados encontra-se em anexo (Anexo 17).

Portanto, a hipótese número 12 “*A homofobia internalizada varia em função do coming out (revelação da orientação sexual) dos participantes, sendo os sujeitos que têm menos coming out, os que apresentam mais homofobia internalizada*” não foi de todo confirmada, já que não existiram diferenças significativas entre o *coming out* dos participantes e a homofobia internalizada, demonstrando que estas variáveis não exercem influência uma na outra.

3.14. Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB

Para analisar as variáveis que seguem uma curva normal, foi utilizado o teste de *Pearson* para averiguar a relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB, onde não foram encontradas relações significativas entre estas variáveis nem nas dimensões a estas associadas.

A tabela 21 encontra-se na sua totalidade em anexo (Anexo 18).

Já para avaliar as dimensões que não seguem a curva normal, utilizou-se o teste de *Spearman* para analisar a relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB, sendo que não se observaram relações significativas entre as variáveis principais, contudo, relativamente às dimensões, há uma relação estatisticamente significativa positiva e

muito baixa entre a perpetração de abuso físico sem sequelas total e a percepção interna do estigma ($r_s = .158$, $p = .054$). A tabela 21 completa encontra-se em anexo (anexo 18).

Deste modo, a hipótese 13 “*A homofobia internalizada tem impacto na violência entre parceiros íntimos LGB*” não foi confirmada, já que não foram encontradas relações significativas entre as duas variáveis principais, contudo, denotou-se a existência de uma relação significativa entre a perpetração de abuso físico sem sequelas e a percepção interna do estigma, ou seja, os participantes desta amostra que mais perpetuam atos de violência que envolvam uso de força física contra outra pessoa mas que não resultam em dano físico, são também aqueles que apresentam mais internalização da homofobia condicionada e reproduzida devido a fatores internos (exemplo: ‘homens homossexuais obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável’). Este resultado é corroborado pela literatura, onde esta demonstra que a homofobia internalizada pode ser considerada um marcador de risco significativo de perpetração de violência física, sendo que níveis mais elevados de homofobia internalizada contribuíam para mais perpetração de agressão física entre parceiros do mesmo sexo (lésbicas, gays e bissexuais) (Kimmes et al., 2017; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Pepper & Sand, 2015; Winsted et al., 2017).

Tabela 21

Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB

		Homofobia internalizada total	Percepção interna do estigma	Percepção externa do estigma
PAFSST	r_s	.124	.158	.008*
	P	.130	.054*	.926
	N	150	150	150

$p \leq .05^*$

3.15. Resumo dos resultados e da discussão

Devido à longa extensão dos resultados obtidos neste estudo, considera-se pertinente realizar uma síntese dos resultados mais pertinentes da violência entre parceiros íntimos LGB e da homofobia internalizada.

Em forma de resumo dos resultados sobre a violência entre casais LGB, ao nível da orientação sexual, os homens bissexuais são mais perpetradores de violência física e coerção sexual. Quanto à idade dos participantes, os indivíduos com mais idade são mais vítimas e perpetradores de todos os tipos de violência (física, psicológica e sexual). No que se refere à

escolaridade, os indivíduos com mais estudos são mais perpetradores e vítimas de violência psicológica, mas também utilizam em maior quantidade todos os tipos de negociação (cognitiva e emocional), sendo esta uma tática de resolução de conflitos positiva. Quanto à dimensão do estado civil, revelou-se que os casais divorciados são mais vítimas e perpetradores de agressão psicológica e física sem sequelas, e os “amigos/as coloridos/as” sofrem mais de violência física sem sequelas e coerção sexual. Quanto à duração das relações, percebeu-se que mais tempo de relacionamento está relacionado a mais vitimização e perpetração de todos os tipos de violência (física, psicológica e sexual). Por fim, no que toca ao *coming out*, os sujeitos que não revelaram a sua orientação sexual, são mais vítimas e perpetradores de todos os tipos de violência, contudo há uma predominância da agressão físico com sequelas e a coerção sexual.

Já no que se refere ao resumo sobre os resultados da homofobia internalizada, denotou-se a existência de vários testes em que as relações ou diferenças não foram significativas, mais especificamente, nas relações entre a homofobia internalizada e a orientação sexual, idade, tempo de relacionamento e *coming out* dos participantes, isto poderá dever-se ao facto de os indivíduos terem sentido dificuldade em responder aos itens que formam o instrumento da homofobia internalizada, não querendo revelar o que realmente sentem, dando respostas que não são verdadeiras devido à desejabilidade social, tendo como consequência a falta de diferenças significativas entre as variáveis. Outra das possíveis explicações para esta diferença de resultados, poderá referir-se ao facto de a amostra ser constituída predominantemente por participantes que pertencem a alguma organização homossexual/bissexual, representando uma minoria particularmente ativa, consciente e informada, que não corresponde ao todo da população homossexual/bissexual “escondida”, podendo então os sujeitos já terem aceite a sua orientação sexual, não tendo internalizado a homofobia presente na sociedade.

Contudo, no que toca à escolaridade, os participantes com mais estudos revelam maiores níveis de Homofobia Internalizada total, bem como uma maior Percepção Interna do Estigma. No que se refere ao estado civil, os casais que são “amigos/as coloridos/as” apresentam mais Percepção Externa do Estigma.

Quanto aos resultados que se debruçam sobre a relação entre as duas variáveis do estudo, percebeu-se que os indivíduos com níveis superiores de Percepção Interna do Estigma são aqueles que perpetuam mais abuso físico sem sequelas.

Em suma, após a exposição das hipóteses deste estudo que foram corroboradas ou não, os resultados confirmaram totalmente uma das treze hipóteses de investigação, sendo esta a hipótese 5 que analisa a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de

relacionamento. Ainda, foi confirmada parcialmente uma de treze hipóteses, sendo ela a número 6 que avalia a relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o *coming out* dos participantes. Contudo não foram confirmadas onze de treze hipóteses de investigação, sendo elas, a hipótese 1 que analisa a relação entre a violência entre parceiros íntimos e a orientação sexual; a hipótese 2 que faz a análise da relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade dos participantes; a hipótese 3 que pretendia analisar a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade dos indivíduos; a hipótese 4 que relaciona a violência entre parceiros LGB em função do estado civil; a hipótese 7 que verifica a homofobia internalizada em função da orientação sexual; a hipótese 8 que analisa a relação entre a homofobia internalizada e a idade dos sujeitos; a hipótese 9 que relaciona a homofobia internalizada e a escolaridade dos participantes; a hipótese 10 que analisa a relação entre a homofobia internalizada e o estado civil; a hipótese 11 que verifica a homofobia internalizada em função do tempo de relacionamento; a hipótese 12 que relaciona a homofobia internalizada e o *coming out* e por fim a hipótese 13 que verifica o impacto da homofobia internalizada na violência entre parceiros íntimos LGB.

4. Conclusão

A prevalência da violência nas relações entre parceiros íntimos é um problema que deve ser prevenido tendo em conta a crescente notificação de casos de violência independentemente do género, orientação sexual, idade entre outros. Importa ressaltar que, no nosso país, ainda que o estudo da violência entre parceiros íntimos LGB seja escasso comparativamente a investigações internacionais, tem vindo a verificar-se um crescente aumento da preocupação no sentido de intervir e compreender a violência entre estas minorias sexuais (Barros et al., 2019).

Conforme a interpretação dos resultados obtidos, este estudo permitiu desvendar, para a população portuguesa, uma realidade que tem sido largamente ignorada quando abordado o tema da violência nas relações homossexuais/bissexuais, demonstrando a urgência de não restringir a abordagem deste tema às relações “tradicionais” (Santos & Caridade, 2017). Efetivamente, a prevalência encontrada para os atos abusivos estudados alerta-nos para a necessidade de maximizarmos a visibilidade deste fenómeno já que a população do mesmo sexo frequentemente recorre à violência como forma de lidar com os problemas da relação afetiva. Aliado a este facto, se considerarmos as dificuldades acrescidas com que gays, lésbicas e bissexuais vítimas de violência no relacionamento se deparam (e.g., a discriminação e homofobia internalizada), percebemos que estas vítimas necessitam de particular atenção e

apoio. Ainda, com a presente investigação denotou-se que a homofobia internalizada atua como fator de risco para o comportamento violento, já que os sujeitos estão mais suscetíveis a internalizar sentimentos negativos sobre as suas identidades LGB, podendo envolver-se em violência contra seus próprios parceiros/as (Badenes-Ribera et al., 2017).

No que diz respeito ao presente trabalho, deste resultou um conjunto de novas evidências para o conhecimento desta temática no contexto português, bem como reforçou a importância de como as variáveis sociodemográficas exercem influência na violência entre parceiros íntimos LGB e na homofobia internalizada. Ainda, se percebeu que os estereótipos sociais sobre a homossexualidade/bissexualidade são frequentemente internalizados nos sujeitos que se identificam como LGB, por sua vez, esta internalização da homofobia leva a que os participantes relatem mais atos de perpetração e vitimização de abusos físicos, psicológicos e sexuais.

Dado ao contexto social heterossexista em que ocorre a violência entre parceiros íntimos LGB, as vítimas ou os perpetradores podem não receber a atenção adequada do sistema de saúde, da polícia ou tribunais. Por exemplo, as pessoas LGB podem ser marginalizadas por aqueles a quem pediram ajuda, levando a que estes sujeitos tenham medo de discriminações relacionadas à sua orientação sexual, tendo dificuldade em procurar por ajuda a psicólogos, médicos, polícias, etc. Consequentemente, há a necessidade de elaborar programas de educação sobre a violência entre casais homossexuais/bissexuais para prestadores de serviços. Esta educação pode garantir os serviços necessários para as pessoas LGB vítimas da violência conjugal, evitando por isso, a vitimização secundária. Assim, estes programas de prevenção da violência entre parceiros íntimos devem ter em conta as características específicas do abuso neste género de relacionamentos. Por exemplo, estes programas podem ensinar estratégias para lidar com a discriminação e o preconceito sexual que as pessoas LGB vivenciam no contexto da homofobia; ensinar estratégias mais efetivas para enfrentar discriminação e o preconceito sexual. Estas estratégias podem amortecer a internalização de atitudes heterossexistas e reduzir a violência entre os casais. Além disso, os programas para prevenir a violência entre parceiros íntimos, podem reduzir as barreiras à divulgação e ajudar na busca entre as vítimas de violência. Ainda, o psicólogo terá de ter em atenção a promoção da qualidade de vida do indivíduo, otimizando os seus recursos, reforçando as suas defesas e ajudando-o a viver melhor consigo próprio, num sentido holístico, percebendo os múltiplos sistemas em que se insere. Igualmente, terá de promover modelos de relações menos problemáticas entre os membros de um mesmo sistema (LGB), providenciando também contextos de novas soluções para os problemas

personais e conjugais, onde novas alternativas de adaptação possam emergir. Também, numa fase mais inicial da vida do sujeito, o psicólogo deve trabalhar na explicação de como se constrói a identidade homossexual, lésbica e bissexual, sendo que o profissional deve estar atento a estas problemáticas, bem como ter conhecimentos atualizados para prestar apoio de forma eficaz. Na fase da infância e adolescência dos indivíduos LGB, torna-se relevante trabalhar com as famílias, que muitas vezes rejeitam estes jovens, quer em psicoterapia individual quer em terapia familiar.

As principais conclusões extraídas deste estudo reforçam a necessidade de serem realizadas mais investigações com amostras constituídas por minorias sexuais, já que estes estudos proporcionarão a construção de alicerces teóricos que potencializarão o aprofundamento dos conhecimentos em torno dos sujeitos LGB, como também, o desenvolvimento e/ou aperfeiçoamento de modelos de atuação na prática da psicologia, que auxiliem na prevenção dos aspetos negativos relacionados com a identidade e que potenciem o bem-estar psicológico, ao mesmo tempo que atenuam as dificuldades sentidas pelos técnicos de saúde mental na intervenção com esta população.

No que concerne às limitações da presente investigação, salienta-se em primeiro lugar o facto de haver a possibilidade de o participante não se encontrar atualmente num relacionamento no momento da resposta ao questionário, tendo de se basear em relacionamentos anteriores, podendo levar à dificuldade de se recordar detalhadamente dos acontecimentos referentes à perceção de violência, comprometendo assim as suas respostas. Pode ainda considerar-se facto de o questionário sobre a violência ser considerado por alguns participantes excessivamente longo, o que pode ter condicionado o empenho nas respostas dos sujeitos. Ainda no que se refere ao instrumento da violência, alguns participantes fizeram notar que alguns itens não estavam suficientemente adaptados para os tipos de relacionamentos homossexuais/bissexuais, como é o caso de participantes lésbicas lhes ser questionado se usam preservativo com a sua parceira (e.g. Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo), já que o carácter da relação não envolve essa necessidade de proteção.

No que se refere a limitações sobre o instrumento da homofobia internalizada, este foi considerado por alguns participantes como um pouco agressivo e demasiado frontal, o que pode ter levado a uma falta de honestidade nas suas respostas, o que se evidenciou nos resultados.

Salienta-se ainda a reduzida dimensão da amostra, o que levou à existência de alguma homogeneidade ao nível das suas características, nomeadamente no que diz respeito à escolaridade dos participantes uma vez que mais de metade dos participantes eram licenciados.

Ainda, no que se refere ao questionário sociodemográfico, uma das limitações refere-se ao facto de abarcar apenas três orientações sexuais (gays, lésbicas e bissexuais), levando a que alguns sujeitos que gostariam de participar desistissem pois não existia a orientação sexual com que se identificavam (e.g. transsexuais). É também importante referir que, devido à enorme dificuldade de acesso à população homossexual/bissexual, a amostra utilizada não é representativa. Na verdade, quase todos os participantes deste estudo pertencem a alguma organização LGBT, representando uma minoria particularmente ativa, consciente e informada, que não corresponde ao todo da população homossexual/bissexual, “escondida” da homofobia social e internalizada. Finalmente, uma outra limitação prende-se com a falta de controlo sobre o contexto de preenchimento do instrumento. Com efeito, poderá ter acontecido que algumas vítimas ocultassem comportamentos violentos devido à pressão dos parceiros/as ou com medo de represálias por parte destes/as. Do mesmo modo, embora o questionário fosse anónimo e confidencial, alguns agressores/as podem ter omitido condutas violentas por não interpretarem os seus atos como abusivos (e.g., violência sexual) ou pela desejabilidade social inerente ao tema.

De forma mais geral, outra limitação prende-se com a escassez de instrumentos de avaliação validade para a população LGB portuguesa nas dimensões da violência entre parceiros íntimos, assim como da homofobia internalizada. Ainda, outra limitação, prende-se com o facto, de que nos resultados terem sido realizadas algumas análises com testes não paramétricos, já que algumas variáveis no estudo não possuíam uma distribuição normal, levando a que estas análises apresentem uma eficiência menor.

Tendo em consideração estas limitações, para estudos futuros, sugere-se o substancial aumento da dimensão da amostra, para que assim seja possível a realização de outros tipos de análises, e para que os resultados obtidos possam ser generalizados. Sugere-se também a recolha de dados junto da população previamente identificada e caracterizada como tendo sofrido ou perpetrado algum episódio de violência num relacionamento entre parceiros íntimos no decurso da sua vida. Salienta-se ainda a importância de se estudar futuramente apenas um tipo de relação em específico, seja ele um namoro propriamente dito, seja uma relação de casos ou uma relação de união de facto. Seria interessante também, realizarem-se investigações futuras que abarcassem todos os tipos de orientação sexual e identidade de género para que se percebesse em quais destes existe mais violência entre parceiros íntimos e mais homofobia internalizada. Pode também no futuro, realizar-se um estudo que insira o seu foco nas diferenças existentes acerca da violência entre parceiros íntimos entre a população LGBTQIA+ e a

população heterossexual no sentido de compreendermos se a violência é praticada da mesma forma. No futuro seria pertinente analisar os tipos de abuso de acordo com a severidade. Relativamente ao questionário utilizado no presente estudo, há várias formas de cotação para o tipo de ocorrência, o qual inclui quatro versões de itens a considerar: P – prevalência no último ano; E – prevalência ao longo da vida; Y – frequência no último ano; C – cronicidade no último ano. Devido à dimensão e características da amostra no presente estudo, optou-se pela análise da prevalência ao longo da vida (E). Assim, seria interessante que estudos futuros focassem a percepção da violência de acordo com outras formas de cotação.

Torna-se imprescindível o investimento em estudos futuros sobre a violência entre parceiros íntimos e sobre a homofobia internalizada, não só quantitativos, mas também qualitativos, que contemplem uma amostra mais alargada e representativa da população LGB portuguesa. Este alargamento da amostra permitirá, no plano quantitativo, adquirir mais certezas sobre as taxas de prevalência reais entre esta população. Por outro lado, o desenvolvimento de uma abordagem qualitativa a este assunto permitirá compreender os significados, motivos e contextos da violência, experienciada e perpetrada, que por gays, lésbicas e bissexuais, o que levará a uma crescente (e necessária) visibilidade deste fenómeno. Seria importante o desenvolvimento de outros estudos que contemplassem a questão das motivações, crenças, atitudes e contextos em que ocorre a violência para melhor se intervir e, posteriormente, prevenir este fenómeno promovendo e desenvolvendo competências para gerir situações de violência e promover relações saudáveis. Ainda, para investigações futuras, seria de suma importância realizar uma análise sobre a relação entre a homofobia internalizada e o surgimento de psicopatologia, para compreender o impacto que esta variável poderá ter na saúde, no bem-estar e na qualidade de vida do indivíduo.

Bibliografia

- Alencar, R., Ramos, E., & Ramos, M. (2018). Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: Registos da Invisibilidade. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 12(1), 174–186. <https://doi.org/10.31060/rbsp.2018.v12.n1.809>
- Alexandre, M., Lima, E., & Galvão, L. (2014). Homossexualidade e a Psicologia: revisitando a produção científica nacional. *Revista Brasileira de Psicologia*, 1(2), 132–147. <https://rigs.ufba.br/index.php/revbraspsicol/issue/viewFile/1755/408>
- Anand, P. (2016). Attitude towards homosexuality: A survey-based study. *Journal of Psychosocial Research*, 11(1), 157–166. www.printspublications.com
- Antunes, O. (2016). *Violência nos relacionamentos íntimos em estudantes universitários* [Tese de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias]. ReCiL-Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/7152>
- Baams, L., Dubas, J., Russell, S., Buikema, R., & Aken, M. (2018). Minority stress, perceived burdensomeness, and depressive symptoms among sexual minority youth. *Journal of Adolescence*, 66(2), 9–18. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.03.015>
- Badenes-Ribera, L., Sánchez-Meca, J., & Longobardi, C. (2017). The Relationship Between Internalized Homophobia and Intimate Partner Violence in Same-Sex Relationships: A Meta-Analysis. *Trauma, Violence, and Abuse*, 20(10), 1–13. <https://doi.org/10.1177/1524838017708781>
- Balik, C., & Bilgin, H. (2019). Experiences of Minority Stress and Intimate Partner Violence Among Homosexual Women in Turkey. *Journal of Interpersonal Violence*, 1(24), 1–24. <https://doi.org/10.1177/0886260519864371>
- Balsam, K., & Szymanski, D. (2005). Relationship quality and domestic violence in women's same-sex relationships: The role of minority stress. *Psychology of Women Quarterly*, 29(3), 258–269. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2005.00220.x>

- Baptista, M. (2016). *Representações da Violência entre Parceiros Íntimos em Estudantes Universitários de Coimbra*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/25886>
- Barreira, A., Lima, M. & Avanci, J. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciencia da saúde coletiva*, 18(2), 233-243. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
- Barros, I. (2017). *O género e a violência na intimidade entre pessoas do mesmo sexo* [Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5901/1/DM_Isa%20Barros.pdf
- Barros, I., Sani, A., & Santos, L. (2019). “É igual mas é diferente”. Género e violência na intimidade entre pessoas do mesmo sexo. *Análise Social*, 230(1), 106–130. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2019230.05>
- Bartholomew, K., Regan, K., Oram, D., & White, M. (2008). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence and Victims*, 23(2), 344–360. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.23.3.344>
- Bayer, V., Robert-McComb, J., Clopton, J., & Reich, D. (2017). Investigating the influence of shame, depression, and distress tolerance on the relationship between internalized homophobia and binge eating in lesbian and bisexual women. *Eating Behaviors*, 24(1), 39–44. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2016.12.001>
- Beserra, M., Leitão, M., Fabião, J., Dixe, M., Veríssimo, C. & Ferriani, M. (2016). Prevalence and Characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal. *Esc Anna Nery*, 20(1), 183- 191. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>.
- Beusekom, G., Bos, H., Kuyper, L., Overbeek, G., & Sandfort, T. (2018). Gender nonconformity and mental health among lesbian, gay, and bisexual adults: Homophobic stigmatization and internalized homophobia as mediators. *Journal of Health Psychology*, 23(9), 1211–1222. <https://doi.org/10.1177/1359105316643378>

- Binion, K., & Gray, M. (2020). Minority Stress Theory and Internalized Homophobia among LGB Sexual Assault Survivors: Implications for Posttraumatic Adjustment. *Journal of Loss and Trauma, 25*(5), 454–471. <https://doi.org/10.1080/15325024.2019.1707987>
- Brown, S. L., & Bulanda, J. R. (2008). Relationship violence in young adulthood: A comparison of daters, cohabitators, and marrieds. *Social Science Research, 37*, 73-87. <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2007.06.002>
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psicologica, 46*(3), 197-214. <https://www.redalyc.org/journal/3498/349851777036/html/>
- Carreiras, L. (2014). *Autoestima sexual, identidade e homofobia internalizada numa população LGB* [Tese de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapienta: Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/8235>
- Carvalho, A., Lewis, R., Derlega, V., Winstead, B., & Viggiano, C. (2011). Internalized Sexual Minority Stressors and Same-Sex Intimate Partner Violence. *Journal of Family Violence, 26*(7), 501–509. <https://doi.org/10.1007/s10896-011-9384-2>
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C., Nunes, L., & Silveira, A. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas Em Psicologia, 25*(2), 691–702. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-15>
- Cezario, A., Fonseca, D., Lopes, N., & Lourenço, L. (2015). Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hétero e homossexuais. *Temas Em Psicologia, 23*(3), 565–575. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-04>
- Chong, E., Mak, W., & Kwong, M. (2013). Risk and protective factors of same-sex intimate partner violence in Hong Kong. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(7), 1476–97. <https://doi.org/10.1177/0886260512468229>

- Coelho, E., Silva, A., & Lindner, S. (2014). *Violência: Definições E Tipologias*. [Tese de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina] Unasus. https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf
- Costa, L., Machado, C., Antunes, R. (2006). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. Braga: Universidade do Minho/Escola de Psicologia.
- Costa, L., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1(1), 2–26. <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2009-violencia-relacoes-homossexuais-face-oculta-agressao-intimidade.pdf>
- Cunradi, C. (2009). Intimate partner violence among hispanic men and women: the role of drinking, neighborhood disorder, and acculturation-related factors. *Violence and Victims*, 24(1), 83–97. <https://doi.org/10.1007/s10896-012-9478-5>
- Czuba, J. (2015). *Violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais* [Tese de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/4527>
- Davidson, K., McLaren, S., Jenkins, M., Corboy, D., Gibbs, P., & Molloy, M. (2017). Internalized homonegativity, sense of belonging, and depressive symptoms among Australian gay men. *Journal of Homosexuality*, 64(4), 450–465. <https://doi.org/10.1080/00918369.2016.1190215>
- Decker, M., Littleton, H., & Edwards, K. (2018). An Updated Review of the Literature on LGBTQ+ Intimate Partner Violence. *Current Sexual Health Reports*, 10(4), 265–272. <https://doi.org/10.1007/s11930-018-0173-2>
- Dhabhar, M., & Deshmukh, A. (2020). Implicit internalized homophobia in India: Cognitive and sociodemographic factors. *Journal of Gay and Lesbian Mental Health*, 25(2), 1–24. <https://doi.org/10.1080/19359705.2020.1828216>

- Domingues, H. (2015). *Prevalência e Caracterização da Violência em Casais de Gays, Lésbicas e Bissexuais* [Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/4949>
- Duarte, J. (2013). *A identidade LGB e o medo da intimidade: um retrato exploratório* [Tese de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/114994>
- Dunker, C. & Neto, F. (2011). A crítica psicanalítica do DSM-IV – breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(4), 611-626. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142011000400003>
- Edwards, K., Sylaska, D., & Neal, A. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5(3), 112–121. <https://doi.org/10.1037/a0038656>
- Fernandes, C. (2016). *Violência nas relações de intimidade entre pessoas do mesmo sexo: Estudo exploratório sobre os mecanismos de apoio à vítima de violência na intimidade* [Tese de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/32892>
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2013). Gay and bisexual men's perceptions of police helpfulness in response to male-male intimate partner violence. *Western Journal of Emergency Medicine*, 14(4), 354–362. <https://doi.org/10.5811/westjem.2013.3.15639>
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2014). Intimate Partner Violence, Minority Stress, and Sexual Risk-Taking Among U.S. Men Who Have Sex With Men. *Journal of Homosexuality*, 61(2), 288–306. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.839911>
- Finneran, C., Chard, A., Sineath, C., Sullivan, P., & Stephenson, R. (2017). Intimate partner violence and social pressure among gay men in six countries. *Western Journal of Emergency Medicine*, 13(3), 260–271. <https://doi.org/10.5811/westjem.2012.3.11779>

- Fisher, A., Castellini, G., Ristori, J., Casale, H., Giovanardi, G., Carone, N., Fanni, E., Mosconi, M., Ciocca, G., Jannini, E., Ricca, V., Lingiardi, V., & Maggi, M. (2017). Who has the worst attitudes toward sexual minorities? Comparison of transphobia and homophobia levels in gender dysphoric individuals, the general population and health care providers. *Journal of Endocrinological Investigation*, 40(3), 263-273. <https://doi.org/10.1007/s40618-016-0552-3>
- Flores, R., Castillo, M., Solís, J., & Amador, L. (2019). Caracterización de la violencia en parejas de hombres homosexuales. *Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística*, 13(7), 16–30. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7046409>
- Fortin, M., Côté, J. & Filton, F. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação (1ª ed.). Lusodidacta
- Frost, D., & Meyer, I. (2009). Internalized Homophobia and Relationship Quality Among Lesbians, Gay Men, and Bisexuals. *Journal of Counseling Psychology*, 56(1), 97–109. <https://doi.org/10.1037/a0012844>
- Giardina, G., Calderera, A. & Brustia, P. (2018). When intimate partner violence meets same sex couples: A review of same sex intimate partner violence. *Frontiers in Psychology*, 9(2), 1–13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01506>
- Goldenberg, T., Stephenson, R., Freeland, R., Finneran, C., & Hadley, C. (2016). “Struggling to be the alpha”: Sources of tension and intimate partner violence in same-sex relationships between men. *Culture, Health & Sexuality*, 18(5), 875- 889. <https://doi.org/10.1080/13691058.2016.1144791>
- Gomes, R. (2011). *Saúde do homem em debate*. Editora Fiocruz. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232012001000032>
- Gonçalves, B. (2016). “Quanto mais me bates menos gosto de ti”: Estudo sobre as representações sociais da violência doméstica em casais do mesmo sexo [Tese de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/90378/2/168503.pdf>

- Gover, A., Kaukinen, C., & Fox, K., (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693. <https://doi.org/10.1177/0886260508314330>
- Greenwood, G., Relf, M., Huang, B., Pollack, L., Canchola, J., & Catania, J. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. *American Journal of Public Health*, 92(12), 1964-1969. <https://doi.org/10.2105/ajph.92.12.1964>
- Gregório, D. (2015). *Papéis de género, homofobia internalizada e autoestima sexual numa amostra LG* [Tese de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapientia: Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/7594>
- Hellemans, S., Loeys, T., Buysse, A., Dewaele, A. & de Smet, O. (2015). Intimate partner violence victimization among non-heterosexuals: Prevalence and associations with mental and sexual well-being. *Journal of Family Violence*, 30(2), 171-188. <http://dx.doi.org/10.1007/s10896-015-9669-y>
- Herrick, A., Stall, R., Chmiel, J., Guadamuz, T., Penniman, T., Shoptaw, S. & Plankey, M. (2013). It gets better: Resolution of internalized homophobia over time and associations with positive health outcomes among MSM. *AIDS and Behavior*, 17(4), 1423–1430. <https://doi.org/10.1007/s10461-012-0392-x>
- Julian, E., Tapani, T., Torre, B., Ratanashevorn, R., Choong, B., Kumaresan, V., & Veeramuthu, V. (2017). Homonegativity in Southeast Asia: Attitudes Toward Lesbians and Gay Men in Indonesia, Malaysia, the Philippines, Singapore, Thailand, and Vietnam. *Asia-Pacific Social Science Review*. 17(1), 25–33. 40(3), 263–273. <https://doi.org/10.1007/s40618-016-0552-3>
- Júnior, J. (2018). *A violência doméstica nas relações homoafetivas* [Tese de mestrado, Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense]. Repositório UFF. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12953>

- Karakurt, G., & Silver, K. (2013). Emotional abuse in intimate relationships: The role of gender and age. *Violence and Victims*, 28(5), 804-821. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.28.5.804>
- Kimmes, J., Mallory, A., Spencer, C., Beck, A., Cafferky, B., & Stith, S. (2019). A Meta-Analysis of Risk Markers for Intimate Partner Violence in Same-Sex Relationships. *Trauma, Violence, and Abuse*, 20(3), 1–11. <https://doi.org/10.1177/1524838017708784>
- Knauer, N. (2011). *Gay and lesbian elders: History, law, and identity politics in the United States* (1^a ed.). Ashgate Paper
- Lage, A. (2019). *Perceção dos jovens adultos sobre a violência no namoro: estudo das diferenças* [Tese de mestrado, Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais de Braga]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/29912>
- Lewis, R., Mason, T., Winstead, B., & Kelley, M. (2017). Empirical Investigation of a Model of Sexual Minority Specific and General Risk Factors for Intimate Partner Violence among Lesbian Women. *Physiology & Behavior*, 7(1), 110–119. <https://doi.org/10.1037/vio0000036>
- Li, X., Cao, H., Zhou, N., & Mills-Koonce, R. (2019). Internalized Homophobia and Relationship Quality among Same-Sex Couples: The Mediating Role of Intimate Partner Violence. *Journal of Homosexuality*, 21(2), 1–25. <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1705671>
- Lindner, S., Coelho, E., Bolsoni, C., Rojas, P., & Boing, A. F. (2015). Prevalência de violência física por parceiro íntimo em homens e mulheres de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(4), 815– 826. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00159913>
- Lingiardi, V., Nardelli, N., Ioverno, S., Falanga, S., Di-Chiacchio, C., Tanzilli, A., & Baiocco, R. (2016). Homonegativity in Italy: Cultural issues, personality characteristics, and demographic correlates with negative attitudes toward lesbians and gay men. *Sexuality Research and Social Policy*, 13(2), 95–108. <https://doi.org/10.1007/s13178-015-0197-6>

- Longobardi, C., & Ribera, L. (2017). Intimate Partner Violence in Same-Sex Relationships and The Role of Sexual Minority *Stressors*: A Systematic Review of the Past 10 Years. *Journal of Child and Family Studies*, 26(8), 2039–2049. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0734-4>
- Luz, R., & Gonçalves, H. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Bagoas-Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 8(11), 79–99. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6544/5074>
- Machado, C & Antunes, R. (2012). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167–187. <http://rmmg.org/artigo/detalhes/2177>
- Martin-Storey, A. (2015). Prevalence of dating violence among sexual minority youth: Variation across gender, sexual minority identity and gender of sexual partners. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(1), 211–224. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0089-0>
- Matos, S. (2017). *Qual o impacto da Orientação Sexual na visão e legitimação da Violência entre Parceiros Íntimos?* [Tese de mestrado, Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/84195>
- McGee, R. W. (2016). Do Views toward Homosexuality Differ based on Education? An Empirical Study of United States Opinion. *An Empirical Study of United States Opinion*, 2(1), 1-10. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2799876>
- Melander, L., Noel, H., & Tyler, K. (2010). Bidirectional, unidirectional, and nonviolence: A comparison of the predictors among partnered young adults. *Violence and Victims*, 25(5), 617-630. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.5.617>
- Mena, F., Rodríguez, J., & Malavé, S. (2005). Manifestaciones de la violencia doméstica en una muestra de hombres homosexuales y mujeres lesbianas puertorriqueñas. *Interamerican Journal of Psychology*, 39(3), 449-456. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?idp=1&id=28439315&cid=5452>

- Messinger, A. (2011). Invisible victims: Same-sex IPV in the National Violence Against Women survey. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(2), 2228–2243. <https://doi.org/10.1177/0886260510383023>
- Meyer, I. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin, 129*(5), 674. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Milletich, R., Gumienny, L., Kelley, M., & D’Lima, G. (2014). Predictors of Women’s Same-Sex Partner Violence Perpetration. *Journal of Family Violence, 29*(6), 653–664. <https://doi.org/10.1007/s10896-014-9620-7>
- Miltz, A., Lampe, F., Bacchus, L., McCormack, S., Dunn, D., White, E. & Gafos, M. (2019). Intimate partner violence, depression, and sexual behaviour among gay, bisexual and other men who have sex with men in the PROUD trial. *BMC Public Health, 19*(1), 1–17. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-6757-6>
- Ministério da Administração Interna. (2019, novembro, 4). Relatório anual de monitorização da violência doméstica. https://www.sg.mai.gov.pt/Noticias/Documents/RelVD_2018.pdf
- Mitra, R., & Doctor, V. (2016). Passing in corporate India: Problematizing disclosure of homosexuality at the workplace. In Sexual orientation and transgender issues in organizations: Global perspectives on LGBT workforce diversity. *Springer International Publishing, 2*(2), 307-320. https://doi.org/10.1007/978-3-319-29623-4_18
- Moleiro, C., Pinto, N., Oliveira, J., & Santos, M. (2016). *Violência doméstica: boas práticas no apoio a vítimas LGBT: guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas* (2ª ed.). Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Montero, C., Velasco, C., Cortez, J., Ortega, L., & Medina, M. (2018). Manifestation of internalized homophobia in adolescents and young adults at the north of Mexico. *Health and Addictions / Salud y Drogas, 18*(2), 101–110. <https://doi.org/10.21134/haaj.v18i2.379>

- Moody, R., Starks, T., Grov, C., & Parsons, J. (2018). Internalized homophobia and drug use in a national cohort of *gay* and bisexual men: Examining depression, sexual anxiety, and *gay* community attachment as mediating factors. *Archives of Sexual Behavior*, 47(4), 1133–1144. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1009-2>
- Moreira, A. (2017). *A violência por parceiro íntimo (Vpi) em casais homoafetivos masculinos: Visibilizando o fenômeno* [Tese de mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AW9G36>
- Murray, S. (1996). The Revises Conflict Tactics Scales (CTS2). Development and Preliminary Psychometric Data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283–316. <https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Nydegger, L., Blanco, L., Nathan, C., Kreitzberg, D., & Quinn, K. (2020). Evaluation of sexual minority identity as a moderator of the association between intimate partner violence and suicidal ideation and attempts among a national sample of youth. *PLoS ONE*, 15(8), 1–15. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0236880>
- Ojeda, F., Delgado, J., González, M., Castro, M., & Correa, J. (2017). Violencia de pareja en hombres *gay* y mujeres lesbianas chilenas: un estudio exploratorio. *Interdisciplinaria*, 34(1), 57–72. <http://www.scielo.org.ar/pdf/interd/v34n1/v34n1a04.pdf>
- Organização Mundial da Saúde. (2012, novembro, 2). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. Organização Mundial da Saúde. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44350/9789275716359_por.pdf;jsessionid=4C4362
- Osório, L. (2016). *Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais, gays e lésbicos* [Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/8917>

- Osório, L., Sani, A., & Soeiro, C. (2020). Violência Na Intimidade Nos Relacionamentos Homossexuais Gays e Lésbicos. *Psicologia & Sociedade*, 32(1), 1–14. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i170358>
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36(1), 75–107. <http://hdl.handle.net/1822/4211>
- Callan, A., Corbally, M., & Mcelvaney, R. (2020). Partner Violence as It Relates to the Experiences of Gay and Bisexual Men. *Trauma, Violence, and Abuse*, 22(2), 1–16. <https://doi.org/10.1177/1524838020970898>
- Peixoto, V. (2016). *Regulação emocional nas relações íntimas: violência nas relações íntimas em jovens adultos* [Tese de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/8310>
- Peng, L., She, R., Gu, J., Hao, C., Hou, F., Wei, D., & Li, J. (2020). The mediating role of self-stigma and self-efficacy between intimate partner violence (IPV) victimization and depression among men who have sex with men in China. *BMC Public Health*, 20(2), 1–10. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-8125-y>
- Pepper, B., & Sand, S. (2015). Internalized Homophobia and Intimate Partner Violence in Young Adult Womens Same-Sex Relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 24(6), 656–673. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1049764>
- Pereira, H., & Leal, I. (2005). Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, 3(23), 323–328. <https://doi.org/https://doi.org/10.14417/ap.96>
- Pereira, H., & Leal, I. (2012). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 20(1), 107–113. <https://doi.org/10.14417/ap.287>
- Reis, A. (2014). *Violência doméstica em casais homossexuais masculinos* [Tese de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/3686>

- Ristock, J. (2005). Relationship violence in Lesbian/Gay/Bisexual/ Transgender/Queer [LGBTQ] communities: Moving beyond a gender-based framework. *Violence Against Women Online Resources, University of Minnesota*. <http://www.mincava.umn.edu/documents/lgbtqviolence/lgbtqviolence.pdf>
- Rita, C. (2012). *Impacto da Satisfação com o Suporte Social e da Autoestima no Conforto com a Orientação Sexual de Jovens Homossexuais e Bissexuais*. [Dissertação de mestrado, Instituto Piaget]. Repositório Comum. <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-impacto-da-satisfacao-com-o-suporte-social-e-da-autoestima-no-conforto-com-a-orientacao-sexual-de-jovens-homossexuais-e-bissexuais.pdf>
- Roa, C. (2016). Propiedades Psicométricas De Una Prueba De Homonegatividad Internalizada En Varones Homosexuales Y Bissexuales Colombianos. *Psicología Desde El Caribe*, 33(1), 47–65. <https://doi.org/10.14482/psdc.33.1.8074>
- Rodrigues, P. (2010). Homofobia internalizada e suicidalidade em jovens LGB e não LGB. *LES Online*, 2(2), 1–57. <https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/homofobia-internalizada.pdf>
- Rodrigues, V., & Boeckel, M. (2016). Conjugalidade e homossexualidade: uma revisão sistemática de literatura. *Novas Perspectivas Sistêmicas*, 25(55), 96–109. <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/138/142>
- Rodríguez, L., Rodríguez, Y., Lameiras, M., y Carrera, M. (2017). Violencia en parejas Gays, Lesbianas y Bissexuales: Una revisión sistemática 2002-2012. *Revista Internacional de Trabajo Social y Ciencias Sociales*, 13(2), 49-71. <https://doi.org/10.5944/comunitania.13.3>
- Ross, M., & Rosser, B. (1996). Measurement and correlates of internalized homophobia: a factor analytic study. *Journal of Clinical Psychology*, 52(1), 15–20. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199601\)52:1<15::AID-JCLP2>3.0.CO;2-V](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199601)52:1<15::AID-JCLP2>3.0.CO;2-V)

- Rostosky, S., & Riggle, E. (2017). Same-sex relationships and minority stress. *Current Opinion in Psychology*, 13(2), 29-38. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2016.04.011>
- Rubino, C., Case, R., & Anderson, A. (2018). Internalized homophobia and depression in lesbian women: The protective role of pride. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 30(3), 244–260. <https://doi.org/10.1080/10538720.2018.1470419>
- Ryan, W., Legate, N., Weinstein, N., & Rahman, Q. (2017). Autonomy support fosters lesbian, gay, and bisexual identity disclosure and wellness, especially for those with internalized homophobia. *Journal of Social Issues*, 73(2), 289–306. <https://doi.org/10.1111/josi.12217>
- Santos, A. (2012). ‘Entre duas mulheres isso não acontece’ – Um estudo exploratório sobre violência conjugal lésbica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98(2), 3–24. <https://doi.org/10.4000/rccs.4988>
- Santos, A. (2015). *Violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo: Prevalência, contextos e significações*. [Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/5008>
- Santos, A., & Caridade, S. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Temas Em Psicologia*, 25(3), 1341–1356. <https://doi.org/10.9788/tp2017.3-19pt>
- Silva, N. (2018). *Percepção de Empowerment e Perpetração de Táticas de Resolução de Conflitos na Violência entre Parceiros Íntimos* [Tese de mestrado, Universidade da Beira Interior]. uBibliorum. <http://hdl.handle.net/10400.6/9400>
- Silveira, A., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Homofobia internalizada e satisfação sexual em casais homossexuais. *Psicogente*, 22(41), 1–18. <https://doi.org/10.17081/psico.22.41.3307>
- Smith, S., Zhang, X., Basile, K., Merrick, M., Wang, J., Kresnow, M., & Chen, J. (2018). *The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2015 data brief – Updated*

release (1^a ed.). National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention

Soohinda, G., Singh, J., Sampath, H., & Dutta, S. (2019). Self-reported sexual orientation, relationships pattern, social connectedness, disclosure, and self-esteem in Indian men who use online *gay* dating website. *Open Journal of Psychiatry & Allied Sciences*, *10*(1), 37. <https://doi.org/https://doi.org/10.5958/2394-2061.2019.00010.7>

Souza, D., & Honorato, E. (2020). Violência nas relações homossexuais: Uma bio-necropolítica? *Revista Espaço Acadêmico*, *20*(225), 230–246. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54450/751375151178>

Souza, D., Duque, A., Castro, I., & Mesquita, I. (2019). A Produção Literária Sobre Homofobia Internalizada. *Revista Brasileira de Estudos Da Homocultura*, *2*(1), 192–210. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2019.5.9937>

Stephenson, R., & Finneran, C. (2017). Minority *Stress* and Intimate Partner Violence Among *Gay* and Bisexual Men in Atlanta. *American Journal of Men's Health*, *11*(4), 952–961. <https://doi.org/10.1177/1557988316677506>

Su, X., Zhou, A., Li, J., Shi, L., Huan, X., Yan, H., & Wei, C. (2018). Depression, loneliness, and sexual risk-taking among HIV-negative/unknown men who have sex with men in China. *Archives of Sexual Behavior*, *47*(7), 1959–1968. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1061-y>

Suarez, N., Mimiaga, M., Garofalo, R., Brown, E., Bratcher, A., Wimbly, T., & Stephenson, R. (2018). Dyadic Reporting of Intimate Partner Violence Among Male Couples in Three U.S. Cities. *American Journal of Men's Health*, *12*(4), 1039–1047. <https://doi.org/10.1177/1557988318774243>

Szymanski, D., Mikorski, R., & Carretta, R. (2017). Heterosexism and LGB positive identity: Roles of coping and personal growth initiative. *The Counseling Psychologist*, *45*(2), 294–319. <https://doi.org/10.1177/0011000017697195>

- Topa, M. (2009). *Violência doméstica em casais homossexuais: Das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas* [Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/105336>
- Vicente, J. (2015). *Violência em Relações de Intimidade em Casais do Mesmo Sexo* [Tese de mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE. https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/10398/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Completa_Jenny%20Gomes_Viol%C3%Aancia%20em%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20In.pdf
- Vieira, A. (2013). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* [Tese de mestrado, Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação]. Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/25315>
- Walch, S., Ngamake, S., Bovornusvakool, W., & Walker, S. (2016). Discrimination, internalized homophobia, and concealment in sexual Minority physical and mental health. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 3(1), 37–48. <https://doi.org/10.1037/sgd0000146>
- Weber, G. N. (2008). Using to numb the pain: Substance use and abuse among lesbian, gay, and bisexual individuals. *Journal of Mental Health Counselling*, 30(1), 31-48. <https://doi.org/10.17744/mehc.30.1.2585916185422570>
- Whitton, S., Dyar, C., Mustanski, B., & Newcomb, M. (2019). Intimate partner violence experiences of sexual and gender minority adolescents and young adults assigned female at birth. *Psychology of Women Quarterly*, 43(2), 232-249. [doi:10.1177/0361684319838972](https://doi.org/10.1177/0361684319838972)
- Winstead, B., Lewis, R., Kelley, M., Mason, T., Fitzgerald, H., & Calhoun, D. (2017). Intervention for Violence and Aggression in Gay and Lesbian Relationships. *The Wiley Handbook of Violence and Aggression*, 2(3), 10-33. <https://doi.org/10.1002/9781119057574.whbva077>

- Woodyatt, C., & Stephenson, R. (2016). Emotional intimate partner violence experienced by men in same-sex relationships. *Culture, Health & Sex, 18*(10), 1137–1149. <https://doi.org/10.1080/13691058.2016.1175027>
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence* (1^a ed.). World Health Organization.
- Xu, W., Zheng, L., Xu, Y., & Zheng, Y. (2017). Internalized homophobia, mental health, sexual behaviors, and outness of gay/bisexual men from Southwest China. *International Journal for Equity in Health, 16*(1), 36-45. <https://doi.org/10.1186/s12939-017-0530>
- Yolaç, E., & Meriç, M. (2021). Internalized homophobia and depression levels in LGBT individuals. *Perspectives in Psychiatric Care, 57*(1), 304–310. <https://doi.org/10.1111/ppc.12564>
- Yu, Y., Xiao, S., & Liu, K. (2013). Dating violence among gay men in China. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(12), 2491–2504. <https://doi.org/10.1177/0886260513479028>
- Zaman, A., Kautz, H., Silenzio, V., Hoque, M., Nichols-Hadeed, C., & Cerulli, C. (2021). Discovering intimate partner violence from web search history. *Smart Health, 19*(1), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.smhl.2020.100161>
- Zhang, T., & Brym, R. (2019). Tolerance of homosexuality in 88 countries: Education, political freedom, and liberalism. *Sociological Forum, 34*(2), 501–521. <https://doi.org/10.1111/socf.12507>

ANEXOS

Anexo 1: Cronograma

Cronograma MAI II (MPCS) (2020-2021/2021-2022)

Ano letivo 2020-2021: Pré-Estágio	
Definição do tema geral/conclusão pesquisa “completa”	21 de abril
a. Especificação do tema e índice	
b. Instrumentos	
c. Índice	
Texto parte teórica	18 de maio
Objetivos/Hipóteses, questões de investigação e Metodologia (1ª versão)	25 de maio
Feedback	
Entrega do trabalho final para feedback	14 de junho
Entrega do trabalho final para avaliação	27 de junho
Ano letivo 2021-2022	
Apresentação do projeto de dissertação no conselho científico	Entre o dia 5 e 10 de janeiro
Recolha de dados	Meados de janeiro a meados de fevereiro
Entrega da parte metodológica (já com a caracterização da amostra completa) exceto resultados, discussão e conclusão; tabela da proposta das análises estatísticas	17 de fevereiro
Feedback da parte metodológica	28 de fevereiro
Entrega resultados e discussão	6 de abril
Feedback resultados e discussão	3 de maio
Entrega 1ª Versão Final com conclusão e Introdução da Dissertação	24 de maio
Feedback 1ª dissertação total	16 de junho
Conclusão da dissertação	1 de julho junho
Entrega versão final aos Serviços Académicos	Até 12 de setembro

Anexo 2: Questionário Sociodemográfico

Questionário sociodemográfico

Código

Este questionário tem como objetivo principal fazer o levantamento de alguns aspetos relevantes sobre si. Faz parte de uma investigação que visa estudar a violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada, realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Deve ser preenchido com rigor e honestidade, juntamente com os instrumentos que se seguem. Os dados são confidenciais e anónimos e por isso não deve escrever o seu nome em nenhum lugar.

Muito obrigada pela tua colaboração!**Acerca de você:**Orientação sexual: Gay Lésbica Homem bissexual Mulher bissexual Já assumiu a sua orientação sexual: Sim Não

Idade: _____ anos

- Escolaridade:
- Sem escolaridade
 - 1º ciclo (1º, 2º, 3º e 4º)
 - 2º ciclo (5º e 6º)
 - 3º ciclo (7º, 8º e 9º)
 - Ensino secundário (10º, 11º e 12º)
 - Licenciatura
 - Mestrado
 - Doutoramento

Acerca da tua relação (presente ou última relação):

- Estado civil:
- Solteiro/a
 - Solteiro/a, mas estive numa relação no passado
 - Amigos/as coloridos/as
 - Namoro
 - União de facto
 - Sem coabitação
 - Casado/a
 - Divorciado/a
 - Viúvo/a
 - Outro: Qual? _____

Tempo de relacionamento (em meses): _____ meses

Anexo 4: Escala de Homofobia internalizada, adaptada para a população portuguesa por Pereira & Leal (2005)

A Escala da Homofobia Internalizada, é formada por uma lista de 26 itens sobre características ligadas à sexualidade, peço-lhe para responder, assinalando a resposta que mais se adequa à sua opinião. Cada item tem 5 possibilidades de resposta.

1) Homens homossexuais obviamente efeminados/mulheres homossexuais obviamente masculinas fazem-me sentir desconfortável.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

2) Prefiro ter parceiros sexuais anónimos.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

3) A vida seria mais fácil se eu fosse heterossexual.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

4) A maioria dos meus amigos é homossexual/bissexual.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

5) Não me sinto confiante para me “atirar” a um homem/a uma mulher.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

6) Sinto-me confortável em bares gays.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

7) Situações sociais com homens gays/mulheres lésbicas fazem-me sentir desconfortável.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

8) Não gosto de pensar na minha homossexualidade/bissexualidade.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

9) Quando penso em homens/mulheres homossexuais ou bissexuais, penso em situações negativas.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo

- Concordo totalmente

10) Sinto-me confortável ao ser visto em público com uma pessoa explicitamente gay.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

11) Sinto-me confortável ao falar sobre homossexualidade num local público.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

12) É importante para mim controlar quem sabe da minha homossexualidade/bissexualidade.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

13) A maioria das pessoas tem reações negativas face à homossexualidade.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

14) A homossexualidade não é contra a vontade de Deus.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

15) A sociedade ainda pune as pessoas por serem homossexuais/bissexuais.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

16) Eu protesto se contarem uma piada sobre homossexuais na minha presença.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

17) Preocupo-me com o meu envelhecimento sendo homossexual/bissexual.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

18) Preocupo-me com o deixar de ficar atraente.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

19) Preferia ser mais heterossexual.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

20) A maioria das pessoas não discrimina os homossexuais.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

21) Sinto-me confortável com a minha homossexualidade/bissexualidade.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

22) A homossexualidade é moralmente aceitável.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo totalmente

23) Não estou preocupado com que descubram que sou gay/bissexual.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

24) A discriminação dos homossexuais ainda é comum.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

25) Mesmo que pudesse mudar a minha orientação sexual, não mudava.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

26) A homossexualidade é tão natural como a heterossexualidade.

- Discordo Totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- Concordo
- Concordo Totalmente

Anexo 5: Análise da normalidade das variáveis

Idade			
Assimetria		.886	
Curtose		.051	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.136	150	.000
Escolaridade			
Assimetria		-.232	
Curtose		.828	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.202	150	.000
Tempo da relação			
Assimetria		2.973	
Curtose		10.377	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.276	150	.000
Perpretação da violência			
Assimetria		2.129	
Curtose		7.020	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.183	150	.000
Vitimização da violência			
Assimetria		2.297	
Curtose		7.040	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.185	150	.000
Perpetração negociação total			
Assimetria		-.292	
Curtose		-.547	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.084	150	.011
Perpetração negociação emocional			
Assimetria		-.607	
Curtose		-.207	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.115	150	.000
Perpetração negociação cognitiva			
Assimetria		.052	
Curtose		-1.030	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.103	150	.001
Vitimização negociação total			
Assimetria		-.072	
Curtose		-.553	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.049	150	.200

Vitimização negociação emocional			
Assimetria		-424	
Curtose		-490	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.084	150	.011
Vitimização negociação cognitiva			
Assimetria		.314	
Curtose		-834	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.099	150	.001
Perpetração abuso físico sem sequelas total			
Assimetria		3.714	
Curtose		16.653	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.376	150	.000
Perpetração abuso físico sem sequelas ligeiro			
Assimetria		3.063	
Curtose		9.986	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.358	150	.000
Perpetração abuso físico sem sequelas severo			
Assimetria		5.744	
Curtose		41.164	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.476	150	.000
Vitimização abuso físico sem sequelas total			
Assimetria		2.911	
Curtose		8.414	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.328	150	.000
Vitimização abuso físico sem sequelas ligeiro			
Assimetria		2.396	
Curtose		5.273	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.305	150	.000
Vitimização abuso físico sem sequelas severo			
Assimetria		3.891	
Curtose		15.764	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.442	150	.000
Perpetração abuso físico com sequelas total			
Assimetria		4.939	
Curtose		28.189	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.481	150	.000

Perpetração abuso físico com sequelas ligeiro			
Assimetria		3.781	
Curtose		14.481	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.504	150	.000
Perpetração abuso físico com sequelas severo			
Assimetria		6.740	
Curtose		51.654	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.516	150	.000
Vitimização abuso físico com sequelas total			
Assimetria		5.314	
Curtose		34.451	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.491	150	.000
Vitimização abuso físico com sequelas ligeiro			
Assimetria		3.927	
Curtose		15.832	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.512	150	.000
Vitimização abuso físico com sequelas severo			
Assimetria		7.387	
Curtose		61.729	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.517	150	.000
Perpetração agressão psicológica total			
Assimetria		1.363	
Curtose		.878	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.205	150	.000
Perpetração agressão psicológica ligeiro			
Assimetria		1.198	
Curtose		.663	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.180	150	.000
Perpetração agressão psicológica severo			
Assimetria		5.718	
Curtose		18.300	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.365	150	.000
Vitimização agressão psicológica total			
Assimetria		1.478	
Curtose		1.855	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.193	150	.000

Vitimização agressão psicológica ligeiro			
Assimetria		.954	
Curtose		-.055	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.164	150	.000
Vitimização agressão psicológica severo			
Assimetria		5.687	
Curtose		9.493	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.304	150	.000
Perpetração coerção sexual total			
Assimetria		3.786	
Curtose		17.462	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.366	150	.000
Perpetração coerção sexual ligeiro			
Assimetria		2.556	
Curtose		6.560	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.394	150	.000
Perpetração coerção sexual severo			
Assimetria		6.828	
Curtose		49.776	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	-.521	150	.000
Vitimização coerção sexual total			
Assimetria		2.848	
Curtose		8.744	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.306	150	.00
Vitimização coerção sexual ligeiro			
Assimetria		1.870	
Curtose		3.012	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.310	150	.000
Vitimização coerção sexual severo			
Assimetria		3.874	
Curtose		15.397	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.497	150	.000
Homofobia internalizada total			
Assimetria		-1.894	
Curtose		4.122	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.182	150	.000

Percepção interna do estigma			
Assimetria		1.055	
Curtose		4.533	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.153	150	.000
Percepção externa do estigma			
Assimetria		-.805	
Curtose		.893	
Kolmogorov-Smirnov	Estatística	gl	Sig
	.118	150	.000

Anexo 6: Descrição da violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada

Tabela 2

Descrição da violência entre parceiros íntimos LGB e a homofobia internalizada

Variáveis	Média	Desvio-padrão
PV	79.167	30.105
PNT	29.520	10.025
PNE	16.180	5.154
PNC	13.340	5.796
PAPT	16.913	10.587
PAPL	10.667	7.274
PAPS	6.247	4.335
PAFSST	15.960	10.164
PAFSSL	7.647	6.224
PAFSSS	8.313	4.711
PAFCST	7.280	4.676
PAFCSL	2.780	2.614
PAFCSS	4.500	2.593
PCST	9.493	6.081
PCSL	5.033	4.334
PCSS	4.460	2.701
VV	82.460	36.140
VNT	27.180	10.378
VNE	14.967	5.499
VNC	12.213	5.904
VAPT	18.300	11.883
VAPL	11.280	7.436
VAPS	7.020	5.630
VAFSST	18.393	14.061
VAFSSL	9.120	8.008
VAFSSS	9.273	6.920
VAFCST	7.127	4.249
VAFCSL	2.687	2.417

VAFCSS	4.440	2.467
VCST	11.460	8.816
VCSL	6.087	5.046
VCSS	5.373	4.625
Homofobia internalizada total	78.227	13.429
Percepção interna do estigma	55.693	9.722
Percepção externa do estigma	22.533	5.211

Anexo 7: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual

Tabela 3

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual

	Gays	Lésbicas	Homem bissexual	Mulher bissexual	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
PNT	30.196 (10.975)	30.796 (9.447)	25.111 (10.017)	29.063 (8.714)	1.521	.212
PNE	16.589 (5.519)	16.682 (4.879)	13.167 (4.950)	16.469 (4.600)	2.407	.070
PNC	13.607 (6.474)	14.114 (5.380)	11.944 (5.926)	12.594 (5.002)	.823	.483
VNT	27.482 (11.729)	27.773 (9.890)	24.167 (9.513)	27.531 (9.066)	.577	.631
VNE	14.911 (6.000)	15.114 (5.760)	12.944 (4.832)	16.000 (4.370)	1.206	.310
VNC	12.571 (6.652)	12.659 (5.532)	11.222 (5.568)	11.531 (5.291)	.459	.712
PAPT	17.554 (11.536)	17.136 (9.685)	19.000 (13.835)	14.313 (7.562)	.951	.418
PAPL	11.214 (8.168)	11.364 (7.555)	10.722 (7.283)	8.719 (4.747)	1.006	.392
VAPT	19.875 (13.701)	17.546 (9.851)	19.056 (13.558)	16.156 (9.994)	.755	.521
VAPL	12.161 (8.299)	11.500 (7.161)	10.778 (7.009)	9.719 (6.432)	.769	.513
VCSL	6.357 (5.248)	4.727 (3.295)	7.389 (6.307)	6.750 (5.697)	1.727	.164

Tabela 4

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB em função da orientação sexual

	Gays	Lésbicas	Homens Bisexuais	Mulheres bissexuais	Kruskal wallis		
	OM	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PV	75.98	80.76	71.83	69.48	1.395	3	.707
VV	77.10	76.48	71.56	73.58	.309	3	.958
PAFSST	74.99	78.15	78.14	71.27	.790	3	.852
PAFSSL	74.21	78.74	78.64	71.53	.969	3	.809
PAFSSS	74.99	75.56	81.92	72.70	1.527	3	.676
VAFSST	74.59	74.82	78.17	76.53	.151	3	.985
VAFSSL	74.41	75.05	77.83	76.72	.147	3	.986
VAFSSS	74.78	75.14	79.06	75.27	.303	3	.959
PAFCST	71.50	79.38	82.72	73.11	4.250	3	.236

PAFCSL	72.68	78.77	79.28	73.81	2.213	3	.529
PAFCSS	71.00	77.75	83.67	75.69	8.001	3	.046
VAFCST	73.73	76.70	84.33	71.97	3.572	3	.312
VAFCSL	73.49	76.26	84.81	72.73	4.018	3	.260
VAFCSS	72.87	74.77	84.17	76.23	6.223	3	.101
PAPS	75.46	76.08	85.39	69.20	2.294	3	.514
VAPS	77.90	70.01	85.78	73.06	2.530	3	.470
PCST	73.87	73.33	89.39	73.53	3.238	3	.356
PCSL	74.55	73.98	88.75	71.80	3.121	3	.373
PCSS	72.00	73.65	84.72	78.98	10.933	3	.012
VCST	77.63	67.58	83.78	78.00	2.931	3	.402
VCSS	71.98	72.82	83.58	80.80	5.129	3	.163

Anexo 8: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade

Tabela 5

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade

	Idade				Teste T		
	Dos 18 aos 27 anos		Dos 28 aos 66 anos		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
PNT	28.622	10.571	30.395	9.452	-1.084	148	.280
PNE	16.027	5.529	16.329	4.793	-.358	148	.721
PNC	12.595	5.833	14.066	5.705	-1.562	148	.120
VNT	26.324	10.788	28.013	9.962	-.996	148	.321
VNE	14.878	5.681	15.053	5.351	-.193	148	.847
VNC	11.446	5.913	12.961	5.837	-1.579	148	.117
PAPT	14.960	9.456	18.816	11.323	-2.261	148	.025
PAPL	9.135	6.433	12.158	7.763	-2.593	148	.010
VAPT	15.297	8.650	21.224	13.789	-3.144	148	.002
VAPL	9.378	6.159	13.132	8.116	-3.184	148	.002
VCSL	5.960	4.970	6.211	5.149	-.304	148	.762

Tabela 6

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a idade

	Idade		U de Mann-Whitney	
	Dos 18 aos 27 anos	Dos 28 aos 66 anos	U	p
	OM	OM		
PV	67.97	82.84	2254.500	.036
VV	65.91	84.84	2102.500	.008
PAFSST	70.72	80.16	2458.000	.108
PAFSSL	70.26	80.60	2424.500	.076
PAFSSS	72.45	78.47	2586.500	.151
VAFSST	69.12	81.71	2340.000	.048
VAFSSL	69.39	81.45	2359.500	.057
VAFSSS	70.14	80.72	2415.000	.028
PAFCST	70.95	79.93	2475.000	.028
PAFCSL	71.87	79.03	2543.500	.067
PAFCSS	73.03	77.91	2629.000	.095
VAFCST	73.05	77.88	2631.000	.216
VAFCSL	72.89	78.05	2618.500	.162
VAFCSS	75.58	75.42	2806.000	.954
PAPS	72.96	77.97	2624.000	.399
VAPS	71.41	79.48	2509.500	.199
PCST	77.91	73.16	2634.000	.405
PCSL	78.30	72.78	2605.000	.329
PCSS	75.08	75.91	2781.000	.750
VCST	74.80	76.18	2760.000	.827
VCSS	73.61	77.34	2672.500	.353

Anexo 9: Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade

Tabela 7

Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade

	Ensino Secundário	Licenciatura	Mestrado	<i>ANOVA</i>	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
PNT	27,423 (11,177)	32,121 (9,249)	29,143 (8,213)	3,712	.007
PNE	14,942 (5,958)	17,448 (4,649)	16,321 (4,380)	2,437	.050
PNC	12,480 (5,975)	14,672 (5,645)	12,821 (5,018)	4,132	.003
VNT	24,923 (11,018)	29,931 (10,204)	26,464 (8,535)	3,377	.011
VNE	13,730 (6,036)	16,172 (5,144)	15,035 (5,210)	1,726	.147
VNC	11,192 (5,715)	13,758 (6,145)	11,428 (4,779)	4,523	.002
PAPT	15,500 (9,732)	18,793 (10,805)	15,392 (10,289)	2,484	.046
PAPL	9,596 (6,604)	12,310 (7,854)	9,035 (5,646)	2,849	.024
VAPT	17,230 (9,549)	20,465 (13,504)	15,857 (11,539)	1,921	.110
VAPL	10,461 (6,433)	13,051 (8,421)	9,535 (6,697)	2,583	.040
PCSL	4,711 (3,717)	5,586 (5,238)	4,642 (3,955)	.432	.785

Tabela 8

Relação entre a violência entre parceiros íntimos LGB e a escolaridade

	Ensino Secundário	Licenciatura	Mestrado	<i>Kruskal-Wallis</i>		
	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PV	63,13	77,17	65,43	3,747	2	,154
VV	66,09	76,68	60,96	3,528	2	,171
PAFSST	69,73	70,27	67,48	,136	2	,934
PAFSSL	70,16	69,54	68,18	,066	2	,968
PAFSSS	71,16	70,78	63,75	2,237	2	,327
VAFSST	75,37	66,94	63,91	2,389	2	,303
VAFSSL	74,85	67,22	64,29	2,019	2	,364
VAFSSS	70,68	71,85	62,43	2,489	2	,288
PAFCST	72,86	69,27	63,75	2,907	2	,234
PAFCSL	73,20	68,76	64,16	3,123	2	,210

PAFCSS	71,28	68,35	68,57	1,146	2	,564
VAFCST	73,39	68,55	64,23	3,275	2	,194
VAFCSL	72,49	69,16	64,64	2,426	2	,297
VAFCSS	72,54	67,22	68,57	3,481	2	,175
PAPS	67,75	71,84	67,91	,480	2	,787
VAPS	73,98	67,72	64,86	1,465	2	,481
PCST	68,86	70,72	68,16	,155	2	,926
PCSL	69,18	70,20	68,64	.054	2	.974
PCSS	69,17	70,01	69,05	.131	2	.937
VCST	68,67	72,95	63,89	1.248	2	.536
VCSS	70,88	68,64	68,73	.320	2	.852

Anexo 10: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil

Tabela 9

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas estive numa relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
PNT	25.885 (12.857)	30.676 (10.209)	22.750 (13.574)	29.280 (8.466)	32.177 (7.274)	31.636 (9.233)	34.000 (10.932)	1.432	.206
PNE	14.692 (7.325)	17.297 (4.887)	11.000 (7.257)	16.020 (4.255)	17.412 (3.299)	16.273 (4.361)	17.000 (5.148)	1.549	.166
PNC	11.192 (6.331)	13.378 (5.978)	11.750 (6.602)	13.260 (5.162)	14.765 (5.286)	15.364 (6.345)	17.000 (6.205)	1.396	.220
VNT	23.231 (12.832)	26.946 (10.258)	22.750 (11.587)	28.020 (8.895)	30.824 (7.860)	29.182 (10.880)	27.800 (14.973)	1.239	.290
VNE	13.731 (7.629)	15.135 (5.229)	11.250 (5.737)	15.420 (4.581)	16.118 (4.485)	15.091 (5.186)	14.400 (7.369)	.712	.641
VNC	9.500 (5.819)	11.812 (5.686)	11.500 (6.027)	12.600 (5.507)	14.706 (5.720)	14.091 (6.877)	13.400 (7.635)	1.767	.110
PAPT	15.154 (9.207)	17.405 (11.831)	21.000 (13.904)	13.720 (6.987)	21.118 (12.186)	21.091 (13.707)	27.600 (12.096)	2.754	.015
PAPL	9.654 (6.945)	11.270 (8.840)	12.500 (9.037)	8.680 (4.855)	13.647 (7.566)	12.727 (8.889)	15.200 (7.190)	1.792	.105
VAPT	15.346 (8.323)	20.243 (14.188)	22.750 (15.945)	14.920 (7.458)	21.588 (14.689)	22.637 (14.603)	28.800 (16.038)	2.447	.028
VAPL	9.615 (6.753)	12.081 (8.187)	13.500 (11.000)	9.440 (5.610)	13.882 (8.425)	13.818 (9.569)	16.200 (5.848)	1.845	.095
VCSL	5.615 (3.796)	6.324 (5.898)	6.000 (4.243)	5.980 (4.502)	5.294 (4.701)	5.727 (5.935)	11.400 (8.173)	1.061	.389

Tabela 10

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas estive numa relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	Kruskal-Wallis		
	OM	OM	OM	OM	OM	OM	OM	χ^2	gl	p
PV	67.25	76.14	79.50	68.40	90.03	85.41	110.30	8.001	6	.238
VV	65.31	77.50	77.13	70.63	85.41	85.09	106.30	6.080	6	.414
PAFSSST	69.40	85.15	94.88	67.37	76.00	68.73	114.80	13.493	6	.036
PAFSSL	70.04	83.72	91.75	67.93	76.65	69.00	116.20	12.517	6	.051
PAFSSS	73.98	77.86	103.50	71.03	70.47	79.77	95.90	10.800	6	.095

VAFSST	75.63	87.38	87.50	64.91	66.12	76.09	113.80	13.332	6	.038
VAFSSL	76.50	87.58	84.00	65.16	63.32	78.50	112.30	13.587	6	.035
VAFSSS	73.38	79.38	99.13	70.32	74.76	68.23	109.20	12.063	6	.061
PAFCST	77.21	80.41	103.63	68.82	70.94	72.77	96.10	14.152	6	.028
PAFCSL	75.38	81.47	86.25	69.89	71.71	74.00	95.60	9.876	6	.130
PAFCSS	79.38	75.14	108.00	71.00	75.65	71.00	86.40	20.177	6	.003
VAFCST	75.52	75.20	105.00	74.09	71.88	74.23	83.20	7.207	6	.302
VAFCSL	76.46	74.23	87.63	75.12	72.71	75.41	83.70	2.244	6	.896
VAFCSS	74.35	75.50	109.00	72.98	76.12	71.50	86.60	19.706	6	.003
PAPS	66.50	80.97	93.13	65.34	78.79	87.91	130.80	20.190	6	.003
VAPS	70.25	85.73	103.00	66.43	72.15	85.23	85.80	9.124	6	.167
PCST	84.17	68.81	93.13	78.07	67.29	60.86	100.20	9.613	6	.142
PCSL	83.81	69.45	91.63	78.71	67.65	61.50	89.60	7.409	6	.285
PCSS	77.73	72.00	109.13	73.54	76.59	72.00	86.50	24.025	6	.001
VCST	75.33	73.19	83.63	79.13	66.12	66.23	103.00	4.839	6	.565
VCSS	75.08	76.72	102.63	70.76	71.35	79.95	98.70	12.189	6	.058

Anexo 11: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

Tabela 11

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

	Tempo de relacionamento				Teste T		
	Menos tempo		Mais tempo		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
PNT	27.896	11.494	31.233	7.921	-2.060	148	.041
PNE	15.546	5.897	16.849	4.169	-1.556	148	.122
PNC	12.351	6.368	14.384	4.957	-2.174	148	.031
VNT	26.078	11.469	28.343	9.019	-1.339	148	.183
VNE	14.481	5.933	15.480	4.989	-1.113	148	.268
VNC	11.597	6.265	12.863	5.465	-1.316	148	.190
PAPT	14.260	8.990	19.712	11.452	-3.253	148	.001
PAPL	9.052	6.732	12.370	7.479	-2.859	148	.005
VAPT	15.143	8.808	21.630	13.727	-3.463	148	.001
VAPL	9.143	5.949	13.534	8.187	-3.772	148	.000
VCSL	5.623	4.651	6.575	5.421	-1.156	148	.249

Tabela 12

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o tempo de relacionamento

	Tempo de relacionamento		U de Mann-Whitney	
	Menos tempo	Mais tempo	U	p
	OM	OM		
PV	65.29	86.27	2024.500	.003
VV	65.22	86.34	2019.000	.003
PAFSST	68.03	83.38	2235.000	.009
PAFSSL	67.64	83.79	2205.000	.006
PAFSSS	72.01	79.18	2542.000	.087
VAFSST	68.60	82.77	2279.500	.026
VAFSSL	68.87	82.49	2300.000	.032
VAFSSS	70.76	80.50	2445.500	.043
PAFCST	73.50	77.61	2656.500	.316
PAFCSL	72.68	78.48	2593.000	.137
PAFCSS	74.84	76.19	2760.000	.645
VAFCST	71.66	79.55	2515.000	.044
VAFCSL	71.75	79.46	2521.500	.037
VAFCSS	73.40	77.71	2649.000	.119
PAPS	67.82	83.60	2219.500	.008
VAPS	70.11	81.18	2395.500	.078
PCST	74.60	76.45	2741.000	.745
PCSL	74.87	76.16	2762.000	.819
PCSS	74.88	76.16	2762.500	.621
VCST	71.34	79.89	2490.000	.179
VCSS	74.12	76.96	2704.000	.478

Anexo 12: Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o *coming out*

Tabela 13

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o coming out

	<i>Comig out</i>				Teste T		
	Sim		Não		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
PNT	30.712	9.770	23.560	9.296	3.367	148	.001
PNE	16.712	4.941	13.520	5.471	2.896	148	.004
PNC	14.000	5.788	10.040	4.677	3.704	40.224	.001
VNT	28.248	10.341	21.840	8.971	2.887	148	.004
VNE	15.416	5.439	12.720	5.343	2.269	148	.025
VNC	12.832	5.970	9.120	4.503	3.545	42.816	.001
PAPT	17.112	10.307	15.920	12.072	.513	148	.609
PAPL	11.024	7.399	8.880	6.451	1.349	148	.179
VAPT	18.312	11.478	18.240	13.998	.028	148	.978
VAPL	11.392	7.334	10.720	8.060	.411	148	.681
VCSL	5.920	4.998	6.920	5.307	-.904	148	.367

Tabela 14

Diferenças entre a violência entre parceiros íntimos LGB e o coming out

	<i>Coming out</i>		U de Mann-Whitney	
	Sim	Não	U	p
	OM	OM		
PV	58.72	78.86	1143.000	.034
VV	77.87	63.64	1266.000	.135
PAFSST	76.47	70.64	1441.000	.459
PAFSSL	76.49	70.56	1439.000	.449
PAFSSS	75.08	77.62	1509.500	.651
VAFSST	76.99	68.06	1376.500	.296
VAFSSL	77.03	67.86	1371.500	.281
VAFSSS	75.25	76.74	1531.500	.818
PAFCST	74.44	80.80	1430.000	.248
PAFCSL	74.85	78.76	1481.000	.455
PAFCSS	74.58	80.08	1448.000	.161
VAFCST	74.70	79.48	1463.000	.362
VAFCSL	75.15	77.26	1518.500	.670
VAFCSS	73.88	83.60	1360.000	.009
PAPS	74.98	78.12	1497.000	.694
VAPS	75.25	76.76	1531.000	.858
PCST	74.03	82.86	1378.500	.249
PCSL	74.48	80.58	1435.500	.422
PCSS	73.19	87.04	1274.000	.000
VCST	73.77	84.16	1346.000	.223
VCSS	73.68	84.60	1335.000	.042

Anexo 13: Diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos participantes

Tabela 15

Diferenças entre a homofobia internalizada e a orientação sexual dos participantes

	Gays	Lésbicas	Homem bissexual	Mulher bissexual	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
Homofobia internalizada	80.196 (11.680)	79.182 (11.621)	73.056 (18.284)	76.375 (15.056)	1.587	.195
Percepção interna do estigma	56.911 (8.363)	56.796 (8.767)	51.111 (12.546)	54.625 (10.933)	1.981	.119
Percepção externa do estigma	23.286 (4.774)	22.386 (4.852)	21.944 (7.033)	21.750 (5.328)	.714	.545

Anexo 14: Diferenças entre a homofobia internalizada e a idade dos participantes

Tabela 16

Diferenças entre a homofobia internalizada e a idade dos participantes

	Idade				Teste T		
	Dos 18 aos 27 anos		Dos 28 aos 66 anos		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
Homofobia internalizada total	78.500	11.558	77.961	15.102	.245	148	.807
Percepção interna do estigma	55.932	8.704	55.461	10.674	.296	148	.767
Percepção externa do estigma	22.568	4.635	22.500	5.747	.079	148	.937

Anexo 15: Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil

Tabela 18

Diferenças entre a homofobia internalizada e o estado civil

	Solteiro/a	Solteiro/a, mas estive numa relação no passado	Amigos/as coloridos/as	Namoro	União de facto	Casado/a	Divorciado/a	ANOVA	
	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	M(DP)	F	p
Homofobia internalizada	73.539 (18.335)	79.676 (11.538)	86.750 (6.292)	80.020 (10.267)	79.177 (12.827)	75.000 (12.712)	71.000 (25.729)	1.401	.218
Perceção interna do estigma	53.039 (13.474)	56.946 (8.449)	59.750 (1.500)	56.280 (7.987)	56.588 (9.159)	55.182 (8.600)	49.200 (17.384)	.972	.447
Perceção externa do estigma	20.500 (5.962)	22.730 (5.205)	27.000 (4.831)	23.740 (4.115)	22.588 (5.112)	19.818 (4.834)	21.800 (8.438)	2.225	.044

Anexo 16: Diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento

Tabela 19

Diferenças entre a homofobia internalizada e o tempo de relacionamento

	Tempo de relacionamento				Teste T		
	Menos tempo		Mais tempo		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
Homofobia internalizada total	77.597	13.565	78.890	13.344	-.588	148	.557
Perceção interna do estigma	55.377	10.057	56.027	9.415	-.409	148	.683
Perceção externa do estigma	22.221	5.203	22.863	5.234	-.753	148	.452

Anexo 17: Diferenças entre a homofobia internalizada e o *coming out*

Tabela 20

Diferenças entre a homofobia internalizada e o coming out

	<i>Comig out</i>				Teste T		
	Sim		Não		t	gl	p
	M	DP	M	DP			
Homofobia internalizada total	77.992	13.550	79.400	13.010	-.477	148	.634
Percepção interna do estigma	55.696	9.832	55.680	9.348	.007	148	.994
Percepção externa do estigma	22.296	5.201	23.720	5.200	-1.250	148	.213

Anexo 18: Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB

Tabela 21

Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB

		Homofobia internalizada total	Percepção interna do estigma	Percepção externa do estigma
PNT	r	.058	.104	-.046
	P	.484	.204	.576
	N	150	150	150
PNE	r	.083	.125	-.019
	P	.314	-.128	.814
	N	150	150	150
PNC	r	.026	.069	-.062
	P	.752	.399	.447
	N	150	150	150
VNT	r	.008	.047	-.067
	P	.926	.570	.412
	N	150	150	150
VNE	r	.019	.052	-.048
	P	.815	.524	.559
	N	150	150	150
VNC	r	-.005	.033	-.074
	P	.856	.686	.370
	N	150	150	150
PAPT	r	-.137	-.125	-.120
	P	.095	.128	.143
	N	150	150	150
PAPL	r	-.085	-.080	-.070

	P	.300	.329	.396
	N	150	150	150
VAPT	r	-.046	-.031	-.060
	P	.576	.705	.463
	N	150	150	150
VAPL	r	.057	.073	.012
	P	.488	.377	.889
	N	150	150	150
VCSL	r	-.070	-.066	-.056
	P	.398	.423	.495
	N	150	150	150

Tabela 22

Relação entre a homofobia internalizada e a violência entre parceiros íntimos LGB

		Homofobia internalizada total	Percepção interna do estigma	Percepção externa do estigma
PV	rs	-.009	.049	-.087
	P	.910	.548	.290
	N	150	150	150
VV	rs	.068	.119	-.044
	P	.411	.148	.593
	N	150	150	150
PAFSST	rs	.124	.158	.008
	P	.130	.054	.926
	N	150	150	150
PAFSSL	rs	.107	.142	-.003
	P	.191	.083	.971
	N	150	150	150
PAFSSS	rs	.018	-.012	.017
	P	.826	.883	.841
	N	150	150	150
VAFSST	rs	.067	.078	-.013
	P	.415	.343	.879
	N	150	150	150
VAFSSL	rs	.058	.073	-.022
	P	.481	.373	.791
	N	150	150	150
VAFSSS	rs	.107	.098	.051
	P	.192	.235	.535
	N	150	150	150
PAFCST	rs	.017	-.014	-.015
	P	.834	.868	.853
	N	150	150	150
PAFCSL	rs	-.023	-.035	-.051
	P	.782	.669	.534
	N	150	150	150

PAFCSS	rs	-.076	-.113	-.085
	P	.353	.170	.302
	N	150	150	150
VAFCST	rs	-.022	-.035	-.046
	P	.786	.670	.574
	N	150	150	150
VAFCSL	rs	-.091	-.080	-.120
	P	.268	.330	.142
	N	150	150	150
VAFCSS	rs	-.046	-.090	-.024
	P	.574	.272	.768
	N	150	150	150
PAPS	rs	-.002	.004	-.057
	P	.978	.965	.491
	N	150	150	150
VAPS	rs	.052	.044	.001
	P	.530	.590	.986
	N	150	150	150
PCST	rs	-.010	-.019	-.007
	P	.903	.820	.929
	N	150	150	150
PCSL	rs	-.019	-.023	-.011
	P	.818	.781	.890
	N	150	150	150
PCSS	rs	.026	-.028	.012
	P	.753	.735	.885
	N	150	150	150
VCST	rs	.042	.025	.008
	P	.609	.762	.922
	N	150	150	150
VCSS	rs	-.056	-.099	-.031
	P	.492	.227	.702
	N	150	150	150